



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E
TECNOLÓGICA
CURSO DE MESTRADO

SUARA MACEDO DOS SANTOS

**AUTORIA E COLABORAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL:
O BLOG E A PRODUÇÃO DA ESCRITA NUMA PERSPECTIVA EDUCOMUNICATIVA**

Recife

2014

SUARA MACEDO DOS SANTOS

AUTORIA E COLABORAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL: O BLOG E A PRODUÇÃO DA ESCRITA NUMA PERSPECTIVA EDUCOMUNICATIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática e Tecnológica.

Orientadora: Prof. Dra. Thelma Panerai Alves

Recife

2014

Catálogo na fonte
Bibliotecária Andréia Alcântara, CRB-4/1460

- S237a Santos, Suara Macedo dos.
Autoria e colaboração de estudantes do ensino fundamental: o blog e a produção da escrita numa perspectiva educomunicativa / Suara Macedo dos Santos. – Recife: O autor, 2014.
129 f.; 30 cm.
- Orientadora: Thelma Panerai Alves.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.
Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica, 2014.
- Inclui Referências e Apêndice.
1. Educação - Comunicação. 2. Tecnologia Educacional.
3. Educomunicação. 4. UFPE - Pós-graduação. I. Alves, Thelma Panerai. II. Título.
- 371.1022 CDD (22. ed.) UFPE (CE2014-39)



Suara Macedo dos Santos

**“AUTORIA E COLABORAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL: O BLOG E A PRODUÇÃO ESCRITA NUMA
PERSPECTIVA EDUCOMUNICATIVA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a conclusão do Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica.

Aprovada em: 27/02/2014.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora
Profa. Dra. Thelma Panerai Alves
UFPE

Examinadora Externa
Profa. Dra. Patrícia Horta Alves
UFPE

Examinador Interno
Prof. Dr. Sérgio Paulino Abranches
UFPE

Recife, 27 de fevereiro de 2014.

Dedico este trabalho a Antonia Macedo, Jorge Gomes e Samuel Macedo.

Aqueles que, sem saber, são mestres na arte de amar.

AGRADECIMENTOS

Ao meu maravilhoso Deus, sem O qual nada teria acontecido

À minha família, pelo apoio e admiração

A Elton, pelo companheirismo e compreensão indispensáveis nas minhas realizações

À minha orientadora, pelos conselhos e apoio dedicados durante estes dois anos

A Sérgio, pelo auxílio e atenção imprescindíveis

A Dora, Ana, Patrícia e Marcelo

A Vânia, pela oportunidade concedida

Aos estudantes do colégio Henfil, agradeço pela alegria com a qual sempre me receberam e por terem feito minha rotina tão feliz

A Marciana e aos estudantes do Colégio Fernandes Vieira

A Hurika e Lúcia

A Aurora, pelo abrigo e amizade

A Madalena e Fernando, pelas palavras

A Doriele, pela boa vontade e simpatia

A Patrícia Horta

A Edilson

A Geraldo

A Amora

A Very

A Andreia, pela admiração

A Carol (e Zé Luiz), e Janaína, e Siquele

Aos colegas da Adufepe e de turma.

"Comunicación es una calle ancha y abierta que amo transitar. Se cruza con
compromiso y hace esquina con comunidad."
Mario Kaplún

RESUMO

A presente pesquisa se insere no campo da Educomunicação e tem como foco a colaboração, buscando investigar as contribuições dela para a autoria de estudantes no final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental utilizando blogs. O estudo parte do pressuposto que, aliada a uma prática permeada pelos princípios da Educomunicação, ações que favorecem a colaboração contribuem para a autoria neste momento em que a escrita do estudante está em desenvolvimento. Esta dissertação relata os resultados de uma intervenção educ comunicativa proposta e realizada com alunos do ensino fundamental em uma escola da rede municipal do Recife. A pesquisa com a exploração do blog em uma prática educ comunicativa aconteceu durante o calendário letivo dos estudantes, na sala de informática da escola, motivando-os a produzir e a participar. Além dos pensadores da Educomunicação, os princípios teóricos da pesquisa discutem a importância da tecnologia num contexto educativo, considerando as transformações que ela pode promover. Em seguida, discute o conceito da ferramenta utilizada e a pertinência da utilização de blogs em práticas educ comunicativas. O componente empírico relata a experiência junto aos sujeitos da prática educ comunicativa desenvolvida e suas produções no blog, relacionando-as com as categorias definidas *a priori*, que são: Autoria, Escrita e Colaboração. Os resultados apontam que a colaboração favorece a autoria assim como o desenvolvimento da escrita do estudante potencializada através do uso colaborativo do blog.

Palavras-chave: Educomunicação. Colaboração. Blogs. Autoria. Escrita.

ABSTRACT

The present research is inserted in the Educommunication field with collaboration as focus, and targets an investigation about the contributions provided by that tool concerning Blog's usage by students in the end of first cycle of Basic Education. This study assumes that if we combine the practice with the principles of Educommunication, the actions that promote collaboration contributes to the authorship in this phase where the student writing is been developed. In order to accomplish our goal we have used references in the Educommunication field, especially references related to technology application and the discussion about the application of a Blog tool in the educational context. The methodology consisted of an intervention with students in the third year of Basic Education with a creation of a Blog for communication and participation of the involved subjects, as a case study. The research using the Blog in an Educommunication practice happen during the regular scholarship calendar, at the informatics room and the students were encouraged to produce content and participate in the activities. This dissertation reports the results of the proposed Educommunication intervention. The empirical component relates the experience with the subjects of Educommunication practice developed and your productions on Blog, linking them with the a priori defined categories: collaboration, authorship and writing. The results indicates that collaboration improves the authorship as well as the written development of the student, enhanced through the collaborative use of the blog.

Keywords: Educommunication. Blogs. Collaboration. Authorship. Writing.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Educação x Comunicação de massa	20
QUADRO 2 - Perfil dos sujeitos a partir de questionário e observações	54
QUADRO 3 - Formulação do problema	56
QUADRO 4 - Colaboração Durante a prática.....	76
QUADRO 5 - Categorias de Análise	82
QUADRO 6 - Expressões que se repetem.....	84
QUADRO 7 - Peculiaridade de Iago.....	86
QUADRO 8 - Manifestação peculiar de Nathaly	87
QUADRO 9 - Manifestação peculiar de Daniel	88
QUADRO 10 - Principais expressões de peculiaridade relacionada à escrita .	88
QUADRO 11 - Manifestação de Domínios de Memória	91
QUADRO 12 - Títulos	93
QUADRO 13 - Palavras e frases.....	96
QUADRO 14 - Resultados	103
QUADRO 15 - Características Educomunicativas	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 01	18
O CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO	18
1.1 Caminhos teóricos	18
1.2 Educação através dos meios.....	25
1.3 Marcos teóricos da Educação	28
1.4 Tecnologia e transformação	32
CAPÍTULO 02	37
BLOGS: INÚMERAS POSSIBILIDADES	37
2.1 Educomunicação com blog.....	37
2.2 Sobre blogs.....	40
2.3 Blog para autoria	46
CAPÍTULO 3	50
PERCURSO METODOLÓGICO	50
3.1 Abordagem e Tipo de pesquisa	51
3.2 Campo Empírico	52
3.3 Sujeitos da Pesquisa	53
3.4 Instrumentos e procedimentos de coleta	55
3.5 Instrumentos e procedimentos de análise	60
3.6 Categorias de Análise.....	61
3.6.1 Autoria	61
3.6.2 Escrita.....	64
3.6.3 Colaboração	66
CAPÍTULO 04	69
ANÁLISE E DISCUSSÕES	69
4.1 Análise do Processo	70
4.1.1 Autoria	70
4.1.2 Escrita.....	73
4.1.3 Colaboração	74
4.1 Análise do Produto	83
4.2.1 Autoria	83

4.2.2	Escrita	93
4.2.3	Colaboração	101
4.3	Discussão dos resultados	104
4.3.1	Autoria	104
4.3.2	Escrita	108
4.3.3	Colaboração	113
	Considerações finais	116
	Referências	122
	APÊNDICE	129

INTRODUÇÃO

¹Educomunicação é um campo de intervenção, pesquisa e reflexão cujos objetivos, conteúdos e metodologia são diferentes da Educação Escolar e da Comunicação Social. A diversidade de métodos e áreas percorridas pela Educomunicação, possibilitou, para esta pesquisa, escolhas metodológicas com algumas distinções: foi realizada com estudantes em processo de alfabetização; se deu no contexto escolar durante o calendário letivo; e fez uso da tecnologia para analisar a autoria e a colaboração pela perspectiva da Educomunicação.

Este trabalho é resultado de pesquisas e reflexões sobre o campo da Educomunicação, que busca o diálogo entre a Comunicação e a Educação. Sua contribuição para a área tem o intuito de fortalecer a metodologia colaborativa, apontando maneiras de como ela pode ser explorada. Com um caráter inovador, procurou incentivar a autoria nos estudantes durante seu período de aprendizagem.

Do ponto de vista teórico-metodológico, sua importância reside tanto na abordagem sobre a interação e a comunicação com os meios, durante a prática escolar, quanto na prestação da comunicação como essencial nas relações educativas, fomentando o acesso aos recursos da informação. Esses fatores determinaram a escolha do tema, além da relação com a experiência profissional e acadêmica da pesquisadora, que, no projeto de conclusão da sua graduação em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, realizou pesquisa dentro da temática educacional.

O presente estudo está diretamente vinculado à linha de pesquisa Educação Tecnológica do programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, da UFPE, que, entre outros objetivos, busca investigar as relações entre a comunicação e a educação e os artefatos tecnológicos (TV, Vídeo, Software, Internet) na Educação.

A influência de autores como Soares (2011), Kaplún (1998), Martín-Barbero (2002) e Freire (2002) foi imprescindível na construção das reflexões

¹Donizete Soares é professor de filosofia e diretor do INSTITUTO GENS DE EDUCAÇÃO E CULTURA –

http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educunicacao_o_que_e_isto.pdf

aqui expressas. Os principais pressupostos teóricos que dão sustentação à pesquisa foram constatados pelo Núcleo de Educação e Comunicação da Universidade de São Paulo como resultantes do diálogo interdiscursivo da Educomunicação, que relaciona a teoria comunicativa das mediações e a teoria educativa construtivista. Investigações anteriores, a partir de discussões sobre os efeitos e usos da tecnologia, têm proporcionado novos conceitos (“media education”, “educacion literay”, “media literacy”, tecnologia interativa e Educomunicação) que buscam compreender como os campos da Educação e da Comunicação podem consolidar um campo autônomo, interdiscursivo e transdisciplinar. Essas teorias enfocam o uso das tecnologias de informação no espaço escolar e cruzam com a problemática desta pesquisa, que consiste na mediação tecnológica na Educação.

Dentro dessa temática, que permite diversas áreas de atuação, nosso objeto desdobra-se em outros elementos para responder ao seguinte problema de pesquisa: a partir de uma prática educomunicativa (que possui uma metodologia colaborativa), com a utilização de blog, de que maneira a colaboração pode favorecer a autoria de estudantes do final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental?

Nesta direção, esta pesquisa, embasada pelos fundamentos da Educomunicação, permitiu que dois conceitos-chave fossem trabalhados de forma a enriquecer o saber educomunicativo no que se refere ao aprendizado da escrita, pelo qual todo estudante de Ensino Fundamental deve passar. Esses conceitos são a colaboração e a autoria.

O conceito de colaboração carrega em si as possibilidades de comunicação, interação e transformação que o campo da Educomunicação estuda. O ato de colaborar só poderá ser compreendido em suas implicações para a Educação se práticas colaborativas encontrarem espaço nas diversas instâncias do saber, em todas as fases pelas quais os estudantes passam.

O segundo conceito, o de autoria, por sua vez, costuma ser mais utilizado nos estudos literários e em pesquisas de análise de discurso. Mas na cultura da convergência (JENKINS, 2008) e na sociedade da informação (CASTELLS, 1999), a autoria tem sido objeto de análise das ciências que buscam a compreensão do que é criado em rede, do que é produzido para o consumo e para educar. O interesse da autoria na Educação não deve

significar que ela seja aprendida pelo educando, mas que ela seja entendida como um processo que favorece o aprendizado.

Neste sentido, um espaço multimídia, de fácil acesso público, para exercício e pesquisa da autoria, de forma colaborativa, são os weblogs, uma opção de ferramenta que vem sendo estudada e utilizada na Educação, nesta década. Por possuir características que agregam leitor e escritor num mesmo ambiente interativo, escolhemos o blog como espaço de produção da autoria de estudantes do Ensino Fundamental.

Na fase escolar estudada (3º ano do Ensino Fundamental), a escola procura garantir o domínio da leitura e da escrita entre os alunos do 1º ciclo, o que não significa que eles vão chegar ao final desse ciclo com total domínio e apropriação do sistema de escrita alfabética.

Para uma aprendizagem legítima, não basta o aprendizado da leitura e da escrita. O estudante precisa tornar-se, além de leitor, um produtor de textos que façam sentido para ele e para os demais envolvidos na sua aprendizagem. Assim, sua aprendizagem e apropriação da escrita tornar-se-á um fator decisivo para o exercício da cidadania, um dos propósitos da Educomunicação.

Os estudantes do Ensino Fundamental aprendem a ler, a escrever e estão inseridos num projeto pedagógico para o desenvolvimento da escrita vinculado a outros conhecimentos. Quando eles passam a ser sujeitos criadores (FREIRE, 1996), sua relação com a leitura, escrita e o próprio conhecimento de mundo, mudam. Os pesquisadores da Educação querem entender e se apropriar de práticas comunicativas que possam ajudar no caminho, para que esses componentes do aprendizado façam realmente sentido para todos os envolvidos no processo. Nesta direção, a Educomunicação encontra muitos espaços do saber. Esse novo campo trabalha com ações qualificadas como inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas (SOARES, 2011a).

E foi com o intuito de desvendar novos saberes, partindo desse diálogo com as tecnologias digitais nos ambientes educativos, possibilitando a expressão dos estudantes, especialmente no Ensino Básico, que esta pesquisa foi realizada. Fora ou dentro dos espaços educativos, as crianças e jovens passam muito tempo em contato com o ciberespaço, seja por diversão ou por qualquer outra necessidade. Essas necessidades criam novas linguagens,

novas formas de relacionamento e novas demandas de aprendizagem entre crianças e jovens.

Há uma infinidade de recursos interativos, colaborativos e atrativos desafiando educadores a integrá-los em suas aulas. A questão desafiadora é: como o estudante pode colaborar produzindo a escrita, em seu espaço de formação educativa ou em sua escola? E como favorecer que a produção dos estudantes, nas variadas formas de mídias, seja por uma autoria cidadã e consciente?

A Educomunicação é um novo campo de atuação que tenta responder perguntas como estas. Não há como os sistemas educacionais se esquivarem do fenômeno digital que oferece vez e voz aos estudantes, mesmo quando estes não estão na condição de estudantes. Estão aí as redes sociais revelando sobre as linguagens e sobre a autoria dos estudantes. Quando há a relação da Comunicação com a Educação, a linguagem muda, pois há um espaço para a ação e para a reflexão (FREIRE, 1977).

Se a proposta da Educomunicação é proporcionar a aprendizagem através da utilização de mídias e técnicas de comunicação, numa gestão colaborativa e interdisciplinar, decidimos por realizar uma intervenção, como metodologia, com propósitos claros de oportunizar a escrita num blog, de refletir sobre sua produção e de promover a divulgação do tema escolhido pelos sujeitos, pensando e avaliando os processos de produção na ferramenta.

Deste modo, o presente estudo apresenta uma pesquisa de abordagem qualitativa com caráter exploratório e descritivo. Para a área das Ciências Humanas, especialmente na área de Educação, as pesquisas qualitativas têm sido alternativas na compreensão de objetos e acontecimentos. O método utilizado nesta pesquisa foi o estudo de caso, pois procuramos explorar e descrever o fenômeno.

Tivemos como objetivo geral analisar como a colaboração, numa prática educacional, contribui para a autoria em estudantes no final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Para atender a este objetivo, foram adotados os seguintes objetivos específicos: identificar elementos caracterizadores de uma produção autoral; identificar as potencialidades do **blog** para o desenvolvimento da **escrita** na fase escolar estudada; e indicar implicações da **colaboração** na fase escolar estudada (final do primeiro ciclo do Ensino

Fundamental) com base em práticas educacionais.

A pesquisa propôs-se a implementar e analisar uma prática educacional com estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental, numa escola da rede pública municipal do Recife, permitindo a participação do grupo, na criação e produção de um blog, de acordo com seus interesses comunicativos.

Na primeira etapa do estudo de caso (formulação do problema), foram aplicadas entrevistas semiestruturadas. Na segunda etapa (elaboração do protocolo), foram tomadas medidas, conforme a sequência de seções apontadas por Gil (1989). E, na terceira etapa (coleta de dados), o instrumento de coleta utilizado foi a observação. Para a análise das duas bases de dados disponíveis (notas de campo – a partir de onde analisamos o processo educacional – e as postagens do blog – onde analisamos o produto), foi adotado o método de análise de conteúdo.

Assim, este estudo se desenvolveu sobre aspectos que consideraram a prática de comunicação inserida no contexto da Educação, e na possibilidade pedagógica e transdisciplinar do uso da tecnologia, tendo em vista a descoberta das implicações do blog para a escrita e, principalmente, da colaboração para a autoria. Tais aspectos exigiram a responsabilidade e o conhecimento do campo Educação/Comunicação e das possibilidades comunicativas do blog que, neste estudo, se encontram para possibilitar a expressão dos estudantes com a ajuda do meio tecnológico. É parte do objeto de estudo do campo da Educação a busca pelo texto autônomo, crítico e colaborativo. Por isso, nossa hipótese afirma que a ação educacional contribui também para a autoria nesta fase, pois oferece aos estudantes cuja escrita está em desenvolvimento, alternativas de produção colaborativas.

De acordo com os temas de que tratam esse trabalho, foi necessário revisar um arcabouço teórico que atendesse às diversas concepções envolvidas: Educação, blogs, colaboração, autoria e escrita.

O capítulo 1 traz uma abordagem do campo da Educação, relacionando-a com o referencial da Educação. Discute também a importância da Educação através dos meios e as possibilidades de transformação com a utilização da tecnologia para a Educação. Esse primeiro capítulo está fundamentado em Soares (2011a, 2011b), Gómez (2011), Kaplún (1998) e

outros estudiosos do campo da Educomunicação, além de Freire (1987, 1996) e Vygotsky (1989), que trazem a reflexão sobre a Educação nesse contexto.

O capítulo 2 discute o conceito e o papel da ferramenta utilizada como meio de comunicação na prática educacional. O conceito de blog é discutido relacionando o seu uso com o campo da Educomunicação e com a questão da autoria. Segue embasado pelos pensadores da Educomunicação, mas encontra em Recuero (2009), Primo (2008), Freire (1987) e Gomes (2007) uma base teórica que explica a pertinência da ferramenta pela perspectiva da Educação.

O capítulo 3 apresenta as escolhas metodológicas, descrevendo cada etapa do estudo de caso e da análise de dados. Este capítulo contém também o referencial das categorias de análise.

O capítulo 4 descreve a análise a partir das categorias, os resultados e as discussões deles com base no referencial teórico.

Por fim, as considerações finais apresentam as conclusões e sintetizam o estudo realizado.

CAPÍTULO 01

O CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO

Neste capítulo, trataremos dos princípios teóricos do termo que denomina o campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da Educação e da Comunicação, cujo objetivo é ampliar as condições de expressão dos seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude (SOARES, 2011a, p. 15). No primeiro tópico, será apresentada uma abordagem do pensar educ comunicativo e sua relação com a Educação, trazendo pensadores como Soares (2011), Kaplún (2011), Orozco-Gómez (2011), Martin-Barbero (2011) e Freire (1996). No segundo tópico, a discussão ficará em torno de um dos propósitos da Educomunicação, que consiste em educar com a mídia, enfatizando tanto o processo educacional quanto a questão da expressão comunicativa. No terceiro tópico, traremos à discussão alguns teóricos da Educação contemporânea, como Freire (2003), e do construtivismo, como Vygotsky (1989), relacionando-os com a Educomunicação. E, no quarto tópico, trataremos das possibilidades de mudança que ações educ comunicativas oferecem, destacando o viés da tecnologia, utilizando referências de algumas vozes da Educomunicação na literatura latino-americana, como Adilson Citelli (2011), Jesús Martin-Barbero (2011) e Ismar de Oliveira Soares (2011a).

1.1 Caminhos teóricos

Alteridade, conscientização social, integração social, cidadania, relações colaborativas entre sociedade e indivíduo, processo educativo como espaço público, aprendizado como processo coletivo e democratização dos meios de comunicação são os princípios da Educomunicação identificados por Silva (2009).

Para a realização deste estudo, foi necessária uma abordagem norteadada pelos princípios gerais da Educomunicação, postos por Soares (2008), os quais foram sendo construídos ao longo dos últimos 40 anos e que

caracterizam a ação educomunicativa. São eles: a visão da essencialidade da comunicação nas relações educativas; o reconhecimento do direito dos agentes sociais ao acesso aos recursos da informação; a gestão democrática dos procedimentos e recursos da informação; a disposição da prática comunicativa a serviço da promoção da cidadania; e a eleição de procedimentos participativos em toda a ação, promovendo a ampliação das formas de expressão possíveis (SOARES, 2008). Pelo conceito identificado pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da USP, Educomunicação definiu-se como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2007, p. 115).

Queremos destacar principalmente a forma participativa de expressão que a Educomunicação oferece. De acordo com a definição do *Projeto Nossa Mídia*² realizado pela Universidade Federal do Paraná, Educomunicação trata-se de um campo que tem como principal objetivo “formar cidadãos críticos e conscientizados a partir do uso da comunicação – teoria e prática – como forma de Educação”.

No âmbito desta pesquisa, foi necessária uma discussão sobre as duas grandes áreas que envolvem este novo campo (Educação e Comunicação) e, também, a compreensão de alguns conceitos-chave. De acordo com Soares (2000), há um confronto entre dois conceitos muito em voga: o “funcionalismo” (teoria que cristaliza os papéis que emissores e receptores exercem no espaço da produção cultural) e o “iluminismo” (teoria pela qual cabe ao sistema educacional sistematizar e transmitir conhecimentos). Ao questionar as funções e as estruturas facilitadoras das operações de comunicação e o próprio sentido

² Projeto Nossa Mídia. Universidade Federal do Paraná. Educomunicação. O que é a Educomunicação e como podemos aplicá-la nas salas de aula, produzindo mais participação, conhecimento e cidadania. P. 16. Paraná, 2011.

desta ação, a Educomunicação se pergunta, antes, pelas pessoas envolvidas e pelo sentido do próprio ato de comunicar, entendendo que todos são mediadores dos processos de produção da cultura.

Esses processos de produção de cultura com a participação de novos agentes recebem novas possibilidades de comunicação e de pesquisas, nas duas grandes áreas do saber. Embora sejam a Educação e a Comunicação duas áreas com padrões distintos, elas apresentam semelhanças imprescindíveis na compreensão da interface Educomunicação.

Tavares Júnior (2007) apresenta um quadro muito pertinente para compreensão das distinções e semelhanças que permeiam a Educação e a Comunicação.

Quadro 1 - Educação x Comunicação de massa

Mundo da Educação Escolar	Mundo da Comunicação de Massa
Concepção desenvolvida a partir do século XVIII	Concepção desenvolvida a partir do século XIX
Função: transmitir normas, cultura e valores de uma geração para outra, manter a ordem estabelecida	Função: disponibilizar informações, entreter, divulgar serviços e produtos
Espaço local	Sem espaço definido. Desterritorializado, espaço planetário, global
Regido por normas conhecidas	Donos "invisíveis" (muitas vezes a população não sabe quem são ou não tem acesso a eles)
Traduzem formas nacionais de poder	Traduzem formas globais de poder
Pensamento lógico, geométrico.	Pensamento fragmentado. Mosaico. Composição por flashes
Linear	Não-linear
Indutivo	Dedutivo
Livresco, escrito	Sonoro, visual, audiovisual
Imagens e textos fixos	Imagens e textos em movimento
Predomínio do racional	Predomínio do emocional

Participação do educando por “obrigatoriedade”	Participação do educando por interesse, vontade, prazer, fruição
Disponível para o educando durante cerca de 200 dias por ano, algumas horas por dia.	Disponível para o educando durante cerca de 365 dias por ano, 24 horas por dia.

Fonte: Elaborado a partir de Tavares Júnior (2007)

A Educomunicação possibilita mudanças nas características de ambas. A escola pode possibilitar a participação do educando por interesse, vontade e prazer considerado pelo mundo da Comunicação de Massa; e a função de transmitir cultura e valores, característica do mundo da Educação, pode contar com a ajuda das técnicas de comunicação de massa. Ao fazermos esta relação, compreendemos como as características da Comunicação de Massa (disponibilidade, entretenimento, não-linearidade) delineiam e também caracterizam o modo de vida dos educandos da Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999).

Aqueles que estão inseridos no mundo da Comunicação desde cedo devem encontrar, no mundo da Educação, coerência para o seu desenvolvimento, para sua alfabetização. De acordo com Bacega (2002, p.3), “A alfabetização que as crianças trazem para a escola é essa oralidade secundária, resultado da comunicação generalizada, da sociedade dos meios de comunicação”. Ou seja, para o educando, as qualificações do mundo da Comunicação chegam antes das do mundo da Educação. Ao caminharem dentre ações efetivas presentes nesses dois mundos juntos, todos os envolvidos nos processos educativos e comunicativos só terão a ganhar.

O pensar sobre a Educomunicação vai nesta direção, buscando o entendimento dos benefícios que a interrelação entre esses dois campos pode trazer para os sujeitos. E, embora seja uma compreensão recente, ela vem ganhando cada vez mais espaço.

A partir da segunda metade do século XX, algumas teorias nasceram no intuito de estabelecer significados na relação entre Comunicação/Educação. Além das contribuições de Soares (2011a, 2011b), pensadores como Paulo Freire (1996) e Mario Kaplún (2011, 1998) são indispensáveis na construção

deste quadro teórico, ilustrando a variedade de possibilidades de atuação que a relação entre as duas áreas oferece. Novos conceitos foram desenvolvidos nesta interrelação.

A princípio, duas tendências protagonizaram estes estudos: a *media literacy* e a *information literacy*. A *media literacy* é uma abordagem na qual o professor trabalha com a linguagem da cultura de massa para ensinar a ler e a escrever de forma analítica, crítica e criativa. É uma alfabetização audiovisual que trabalha a leitura e escrita de informação audiovisual. No nível mais simples, *media literacy* é a habilidade para usar uma variedade de mídias e ser capaz de compreender a informação recebida. Já a *information literacy* estuda a interação entre as tecnologias e os sistemas educativos. É a capacidade de saber quando há a necessidade de informação, para, a partir dela, identificar, localizar, avaliar e usar efetivamente essa informação para resolver uma questão ou problema.

Sobre o conceito de Comunicação Educativa, Kaplún (1998) apresenta três modelos metodológicos: *modelo bancário*, *modelo dos efeitos* e *modelo dialógico ou transformador*. No *modelo bancário*, a aprendizagem é centrada no professor e a relação professor-aluno é verticalizada. É quando o sujeito apenas recebe informação. Sua capacidade de renegociar sentidos não é considerada. No *modelo dos efeitos*, o ensino já está programado e tudo se converte em técnicas de aprendizagens. Quem determina a atuação dos sujeitos é o programador. Já o *modelo dialógico ou transformador* centraliza-se na pessoa e dá ênfase ao processo, buscando gerar sentidos. Por esse processo entende-se os atos de ação-reflexão-ação (KAPLUN, 1998, p. 110).

Francisco Sierra (2000) também propõe três modelos de Comunicação Educativa: *modelo informacional* (agrega os modelos bancário e dos efeitos, resumindo-se à transmissão de informação); *perspectiva culturalista* (propõe a reflexão e o diálogo, enfatizando o processo e, semelhante ao modelo transformador, enfatiza os atores sociais, inclusive o receptor) e *paradigma socioprático* (propõe a utilização dos meios e das novas tecnologias a partir das necessidades do local).

Na análise de Valderrama (2000), aparecem três áreas da interface da Comunicação/ Educação: *Educação para a recepção* (envolve a leitura crítica dos meios, recepção ativa, educação das audiências; *media literacy*); *Comunicação na Educação e Educação e Novas Tecnologias*.

Existe também o conceito de *Tecnologia Educativa*, que vê os meios como amplificadores do processo educativo em sala de aula, contextualizando o conteúdo e seguindo o *modelo dos efeitos* proposto anteriormente.

Orozco-Gómez (2006) propõe a *Educação midiática* que se caracteriza pela realização de processos educativos *com, através e a partir* das tecnologias da informação e dos meios. Ele alerta que transformar a escola vai além da incorporação de novas tecnologias e exige a desnaturalização da lógica do mercado.

Por reconhecer a complexidade de um esquema comunicativo, a Educomunicação se fundamenta na teoria das mediações culturais, proposta por Martín-Barbero (2000),

Pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 297).

Esta teoria compreende a recepção midiática como um processo de interação entre emissor e receptor e a mensagem é configurada por múltiplas variáveis. A intenção inicial do emissor pode não ser a mesma recebida pelo receptor. Essa proposta foca o espaço simbólico que medeia a relação emissor-receptor. “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais,...” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 55).

As teorias aqui abordadas, que colocam a Educação e a Comunicação frente a frente, demonstram o esforço de pedagogos e comunicadores em mudar sistemas de Comunicação e Educação através de uma prática dialógica. Com teorias que contribuíram para a inovação de paradigmas educacionais e comunicativos.

Tavares Júnior (2007) cita duas importantes rupturas epistemológicas

para o avanço do estudo da interrelação Comunicação/Educação, que são: primeiro, a transferência do lugar do sujeito, antes passivo frente aos meios de massa, que passou a ser entendido como um sujeito ativo capaz de ressignificar mensagens e modificar sentidos; e, segundo, o rompimento da visão linear do sistema formal de Educação.

Freire (1987) propõe o diálogo como canal de libertação da opressão e da manipulação. O objetivo da ação dialógica é libertador e propõe superar ações induzidas. O autor (1970) apresenta a colaboração como característica da ação dialógica. “Na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração” (FREIRE, 1987, p. 96)

Se entendemos Educação relacionada a ações de ensino e de aprendizagem no ambiente escolar, temos na Comunicação um significado que precisa ser apreciado. Tavares Júnior (2007) aponta a importância de compreender o papel fundamental da Comunicação nos processos de ensino e aprendizagem para

questionar as atitudes verticalizadas; promover relações participativas e cidadãs visando mais ao conhecimento do que a informação; rediscutir o papel da própria escola bem como as funções e comportamentos dos agentes envolvidos nas diversas instâncias do sistema formal de ensino (TAVARES JÚNIOR, 2007, p. 46)

Pensar o vínculo entre a Educação e a Comunicação expresso pela Educomunicação é pensar o desenvolvimento de práticas que renovem as duas áreas de atuação e, para isso, é necessário atravessar alguns desafios (BACEGA, 2011, p. 33). Elencamos alguns desses desafios, que se relacionam com a proposta realizada nesta pesquisa, que são:

1. Enfrentar a complexidade da construção do campo Comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Para isso há de reconhecer os meios de comunicação como outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização.
2. Entender que o campo não se reduz a fragmentos, como a discussão sobre a adequação da utilização da tecnologia no âmbito escolar. Mais do que entendida como à disposição de alunos e professores a tecnologia tem que ser pensada na sua abrangência. Ela está em todos os sujeitos, alunos, pais, professores, uma vez que impregnada na trama cultural.
- 3.

Avançar a elaboração do campo como o lugar onde os sentidos se formam e se desviam, emergem e submergem: a sociedade com seus comportamentos culturais, levando-se em conta principalmente a pluralidade dos sujeitos – a diversidade de identidade que habita cada um de nós [...]; 5. Verificar criticamente que a realidade em que estamos imersos, e que contribuímos para produzir, modificar e reproduzir é sempre uma realidade mediada e mediatizada... 8. É necessário ir do mundo editado à construção do mundo. 9. Estabelecer um diálogo mais amplo, com mais saberes. 10. Levar o sujeito a ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura, e sobretudo, levá-lo ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações. (BACEGA, 2011, p. 33-40).

Os conceitos e teorias abordados mostram-se como desafios a transformar a Educação com práticas colaborativas e participativas. É importante não apenas a compreensão desses desafios, mas a transferência deles para o modo de atuação nos campos abordados, pois o significado da Educomunicação reside na prática. Conforme Soares (2006) afirma, “o neologismo Educomunicação, que em princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a ação” (p.03).

1.2 Educação através dos meios

A função da escola enquanto agência tradicional para a Educação e formação tem mudado e exigido novas configurações. Para caracterizar estes movimentos, Citelli (2012) utiliza a ideia dos deslocamentos educativos, indicando, assim:

[...] como determinados espaços institucionalmente legitimadores dos saberes passaram a conviver com outros constituidores das experiências formativas – e que não se resumem à escola –, alcançando o circuito das mediações no qual se mesclam as videotecnologias, os sistemas telemáticos, a mobilidade digital, e que estão recompondo as maneiras como os jovens sentem, compreendem, promovem as relações sociais e culturais (CITELLI, 2012, p. 2).

Diante das características e dos novos desafios da sociedade contemporânea, a escola deixa de ser o único espaço hegemônico do saber e passa a dividir esse papel com outra agência de socialização, que são os

meios de comunicação.

Bacegga (2011, p. 32) afirma que “trata-se agora, de constatar que eles (meios) são também educadores e por eles passa também a construção da cidadania”. Soares (2011a) denomina de áreas de intervenção às formas de trabalhar práticas educomunicativas. São elas: 1) Educação para a Comunicação; 2) expressão comunicativa através das artes; 3) mediação tecnológica nos espaços educativos; 4) pedagogia da comunicação; 5) a gestão da comunicação nos espaços educativos e 6) a reflexão epistemológica (p.47). Esta pesquisa trabalhou a terceira área de intervenção, produzindo conteúdo informativo e reflexivo, possibilitando a prática da livre expressão, com o objetivo de desenvolver a participação cidadã.

Embora tenham sido estabelecidas essas categorias, as atividades no campo da Educomunicação podem ser vistas pelo entrelaçamento das seis subáreas. Os estudiosos defendem que a utilização de meios tecnológicos como suportes didáticos podem desenvolver nos educandos uma percepção crítica da mídia e de sua própria realidade social. Um novo campo autônomo da Educomunicação é o que abarca a mediação tecnológica na Educação.

Entender a mediação tecnológica na Educação corresponde a oferecer aos alunos, professores e toda a comunidade, oportunidade de se tornarem criadores, realizadores, produtores de informação, conteúdo e conhecimento utilizando as tecnologias da comunicação e as novas mídias (TAVARES JÚNIOR, 2007, p. 87).

Essa definição é o pano de fundo desta pesquisa. Ações de acordo com os parâmetros da Educomunicação contribuem para a criticidade na leitura dos meios e permitem o desenvolvimento de outras competências expressivas do educando. Adotando modelos e processos que permitam uma postura ativa, o aprendiz passa para o centro da aprendizagem.

Trata-se de trabalhar a aprendizagem como produção de sentidos (e não como reprodução), resgatar a sensibilidade e a subjetividade dos alunos aproveitando a empatia destes com a cultura tecnológica permitindo a integração em redes dialéticas e interativas (TAVARES JUNIOR, 2007, p. 89).

Soares (2007, p. 20) afirma que o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar na produção de sentidos, pois é o sentido que provoca a aprendizagem, e não a tecnologia. Assim, defende a importância de que o

educando participe e se envolva nas diferentes etapas de realização dos produtos midiáticos, pois, as tecnologias oferecem novas linguagens e novas possibilidades de produção de sentidos. Levy (1998) afirma que a construção da inteligência coletiva não é a soma das inteligências individuais, mas a interação entre elas.

Tavares Júnior (2007, p. 94) afirma que o segredo do sucesso de projetos de mediação tecnológica na Educação reside em aliar criatividade com desenvolvimento da capacidade expressiva, buscando primeiramente ótimos processos em vez de bons produtos. Processos realizados por meio da gestão participativa e democrática, do respeito à pluralidade e à diversidade, do senso de responsabilidade, do desenvolvimento da criticidade, e da elevação da autoestima, são mais importantes do que o produto final e sua qualidade técnica.

Partindo do princípio de que todos os atores sociais têm direito à expressão, a escola não pode mais ignorar os efeitos do desenvolvimento das áreas da tecnologia da informação e comunicação. A mediação tecnológica na Educação vem, de acordo com Tavares Júnior (2007), para favorecer “a introdução dos recursos midiáticos e das novas linguagens para facilitar a criação de ambientes comunicativos e estimular a discussão de temas transversais relacionados ao cotidiano da sociedade” (p. 84). Ao adotar essa postura, haverá a necessidade de mudanças na relação do professor com o aluno. Os estudantes geralmente se mostram receptivos a esta área, dispostos a utilizar as tecnologias nas suas relações de ensino e aprendizagem.

Castells (1999) alertou para este tipo de fazer educativo. Para o autor, escolas e universidades, paradoxalmente, são as instituições menos afetadas pela lógica virtual embutida na tecnologia da informação, apesar do uso previsível quase universal de computadores nas salas de aula.

Uma das hipóteses da pesquisa desenvolvida pelo NCE/ECA/USP, reconhece as áreas de intervenção social nas quais o campo da inter-relação Comunicação/Educação se materializa (SOARES, 2011a). E descreve da seguinte maneira a área de abrangência desta pesquisa, lembrando inclusive a mediação do computador:

A área da mediação tecnológica na educação, compreendendo o uso das tecnologias da informação nos processos educativos. Essa é uma área que vem ganhando grande exposição devido à rápida evolução das descobertas tecnológicas e de sua aplicação ao ensino, tanto presencial quanto a distância. Sabemos que os recursos tecnológicos clássicos, como o rádio e a televisão, tiveram dificuldade de ser absorvidos pelo campo da educação, especialmente por seu caráter lúdico e mercantil. Tal fato foi o principal responsável pela resistência dos educadores em dialogar com as tecnologias. O computador veio abalar essa dicotomia, pois possui em si mesmo os meios de produção de que o pequeno produtor cultural – o aluno e o professor – necessitam para o seu trabalho diário (SOARES, 2011, p. 26).

Compreendendo a mídia como esse espaço do pequeno produtor cultural, do estudante principalmente, queremos destacar a abrangência de possibilidades dessa produção, que tem sim uma dimensão cultural como propõe Martin-Barbero (2011).

O teórico apresenta uma visão macro dos desafios culturais da Educação, discutindo desde o contexto social ao papel da informação e do conhecimento nos sistemas educativos, semelhante a Citelli (2011), que chama de permanente o desafio representado pelas TICs, pelas intercorrências das culturas midiáticas, pelas novas maneiras de os sujeitos serem e estarem no mundo.

As organizações de movimentos ligadas à Educomunicação entendem que a melhor forma de educar as gerações de crianças e jovens é possibilitar que elas entendam como funcionam os sistemas de informação e garantir a todos o indispensável acesso às tecnologias a partir de alguns pressupostos.

1.3 Marcos teóricos da Educação

O filósofo da Educação Paulo Freire (1987) é um dos autores mais citados quando a Educomunicação no Brasil é colocada em pauta. Ele é responsável por sólidos fundamentos para um modelo horizontal, democrático e dialógico. A base deste educador está presente no pensamento de vários teóricos da comunicação na América Latina citados no primeiro tópico.

Sua concepção de Educação popular produziu uma ruptura no percurso histórico da Educação/Comunicação. Freire contribuiu para a reflexão sobre

uma prática educativa baseada no diálogo e na participação ativa dos sujeitos.

Além de acreditar na importância da Educação por intermédio do audiovisual, também apostava na Educação em outros espaços além da Educação formal. Pela construção de um novo paradigma educacional, suas ideias estão ligadas a uma teoria do conhecimento, pela busca da autonomia, dialogicidade, priorizando também o respeito ao papel do próprio educando, a partir de um pensamento crítico e libertador.

Partindo da realidade do educando para encontrar temas geradores que vivificassem a Educação, Freire inaugurava, assim, uma metodologia dialógica que negava a transmissão vertical de conteúdos, a qual chamou de *educação bancária*.

O autor desenvolve a ideia de educação problematizadora a partir de uma relação dialógica entre educador e educando. “O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 78-79).

O pensador vê na Comunicação o caminho para transformar o ser humano em sujeito da sua própria história, vivendo uma relação dialética, desenvolvendo uma consciência crítica, uma verdadeira transformação. Além da dialogicidade, Freire apresenta a ideia de ação-reflexão, muito importante para a pesquisa em questão.

O eu dialógico sabe que é o tu que o constitui. Sabe também que constituído por um tu,- um não eu- esse tu que o constitui se constitui por sua vez como eu ao ter no seu eu um tu. Dessa forma o eu e o tu passam a ser na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se forma dois eu (FREIRE, 1978, p. 96).

Encontramos fundamentos para uma das características da Educomunicação destacadas nesta pesquisa: a colaboração. Freire (1970) afirma que a colaboração só pode realizar-se na comunicação. “O diálogo que é sempre comunicação, funda a colaboração” (p.96).

Destacamos mais uma vez a importância da ação para uma experiência libertadora. Analisando as nuances da dialogicidade, Freire atribui à palavra duas dimensões: ação e reflexão (p.103). Também apresenta a palavra

verdadeira e a palavra inautêntica. A primeira é práxis e a segunda sem a ação, também sem reflexão “vira palavreria, verbalismo, blablablá” (p.44). A primeira transforma o mundo, a segunda não tem compromisso de transformação, pois não é ação. Relacionamos esses princípios com a prática desenvolvida para ação e reflexão utilizando a tecnologia.

O autor comenta sobre os perigos de divinizar ou demonizar a tecnologia no ambiente escolar e recomenda o pensar sobre novas práticas diante do advento delas. Quando o diálogo pauta a prática educativa, ocorre uma interlocução entre educador e educando, e, na troca dos saberes, o conhecimento é construído.

Martín-Barbero (2011) cita Paulo Freire como o autor da primeira teoria latinoamericana da Comunicação, por tê-la relacionado à possibilidade de criação de uma linguagem capaz de fazer o sujeito mudar o próprio mundo.

Uma das discussões trazidas pelo autor é que a comunicação dialógica deve estabelecer uma coparticipação dos sujeitos no ato de conhecer, uma troca entre emissor e receptor. Ensinar não significa transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria construção.

O aprendizado, então, fica no âmbito da construção do conhecimento, que não é possível de forma isolada, pois inclui os conhecimentos acumulados pelo diálogo. Esta construção se encontra na teoria de Vygotsky (1989), o qual afirma que “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual” (VYGOTSKY, 1989, p.18).

Vygotsky (1989) defende que o desenvolvimento mental ocorre a partir do contexto social, tema que vem a contribuir para esta pesquisa em aspectos relacionados ao interacionismo e à mediação dos seres humanos com os signos. O autor distingue dois elementos básicos representáveis pela mediação: o instrumento, que regula as ações sobre os objetos, e o signo, que regula as ações sobre o psiquismo das pessoas, sendo a linguagem um dos principais signos mediadores na cultura e no aprendizado.

Tavares Júnior (2007) identificou propostas teóricas de Vygotsky muito úteis para a teoria educacional. Enquanto a Educomunicação:

Defende e incentiva o diálogo, a gestão participativa e democrática, a voz ativa e a postura interativa do educando, Vygotsky diz que o processo de constituição do conhecimento é tão importante quanto o produto; o professor é um “mediador” e não um mestre que ensina os educandos passivos. A Educomunicação valoriza mais o processo do que o produto; educador é um facilitador das ações que viabilizam o papel do educando como produtor de sentidos. Vygotsky acreditava que a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provocava transformações comportamentais e estabelece um elo de ligação entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual. Assim, para Vygotsky o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura. (TAVARES JÚNIOR, 2007, p. 90-91)

As implicações da teoria interacionista sócio-histórica de Vygotsky, na Educação, são inúmeras, pois o desenvolvimento do sujeito envolve processos, que constituem mutuamente, de imersão na cultura e ao mesmo tempo da individualidade. Sua noção de cultura como integrante do processo de construção de conhecimento do indivíduo, e o meio como fonte de conhecimento, é fundamental para a concepção de aprendizagem.

Os estudos destes dois teóricos foram desenvolvidos em épocas distintas das atuais em que as formas de comunicação e interação são baseadas nas tecnologias digitais, mas, tanto Vygotsky quanto Freire (1987) têm pressupostos a fundamentar este estudo, que envolve uma prática de Educação dialógica, baseada nas relações sociais a partir de instrumentos tecnológicos. A noção de cultura tem destaque para estes dois pensadores, pois ela fornece os sistemas simbólicos de representação da realidade, integrando o processo de construção de conhecimento e de constituição do indivíduo.

Também queremos destacar um autor que contribuiu para a reflexão teórica desta pesquisa, pois sua teoria nos indica as condições para que o saber tenha realmente significado para o estudante. Auzubel (1982), com a teoria da aprendizagem significativa, afirma que o aprendizado tem significado quando o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio.

1.4 Tecnologia e transformação

A forma como a sociedade contemporânea produz conhecimento e dissemina ideias e informações, propiciadas pela cultura participativa (JENKINS, 2008), pede novas relações com os meios de comunicação e novas formas de pensar sobre os produtores dessas ideias e informações. Na cultura da convergência, esses produtores de todas as idades, estão em todos os lugares, aprendendo e possibilitando novas linguagens através da internet ou do acesso a múltiplas tecnologias. Neste contexto, produtores de informação existem fora ou dentro do mundo da Educação.

Castells (1999, p. 69) previu as mudanças que o uso da tecnologia trouxe. Ele apontou as mudanças do processo de desenvolvimento tecnológico dividindo-as em três estágios: a) automação das tarefas; b) experiências de uso e c) reconfiguração das aplicações. Os dois últimos estágios pressupõem que aprender utilizando as tecnologias implica em novas aplicações, novas configurações e um novo pensar sobre os sujeitos que a utilizam.

O autor aponta dois grandes agentes de transformação dos homens e das estruturas sociais: a *informação*, que é a matéria prima da sociedade em rede; e a própria *tecnologia*. A técnica é transformadora e constantemente proporciona novas possibilidades por seu uso. Acelera-se a locomotiva das transformações. E "os processos de transformação social sintetizados no tipo ideal de sociedade em rede ultrapassam a esfera das relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e o poder de forma profunda" (CASTELLS, 1999, p. 504). E Jenkins (2008) define essas transformações tão visíveis através da ideia de convergência, que, para o autor, carrega em si uma transformação cultural.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais [...] (JENKINS, 2008, p. 29).

O real significado do termo para o autor é a mudança cultural à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos. Por conta dessa relação cultural proporcionada pelos processos técnicos e pela convergência midiática, a Educação atual vivencia um processo de transformação e, através da Educomunicação, o sujeito educando pode vivenciar uma experiência transformadora.

Discutindo a relação Educação e mundo contemporâneo, podemos ver os meios de comunicação muito além do ambiente midiático e percebemos que as tecnologias devem ser entendidas como fatores que envolvem muito mais do que recursos didáticos. Orozco-Gómez (2011) é fundamental nesta discussão, quando apresenta as duas racionalidades coexistentes na atualidade para vincular as novas tecnologias da informação aos processos educativos. A *racionalidade efficientista*, que consiste em incorporar, simplesmente agregando ao já estabelecido as novas tecnologias informáticas ao processo educativo, sem modificar o processo, nem seus componentes, nem a instituição educativa que o realiza. A observação do autor é que o tecnicismo da oferta educativa por si só não garante melhor Educação.

Nenhum meio ou tecnologia, por mais visual e singelo que pareça, pode ser remediado ou tomado por sabido, enquanto dispositivo de estruturação de seus próprios conteúdos enquanto fonte distintiva de mediação (OROZCO-GOMEZ, 2011, p. 169).

Na *racionalidade da relevância*, o objetivo está no aprendizado e não no ensino. Toma-se o meio ou tecnologia como objeto de análise, proporcionando uma orientação específica do seu uso como tal e para uma adequada interação com os formatos e códigos técnicos e linguísticos dos quais se compõe.

Nesta racionalidade, o processo considera a cultura dos educandos e leva em conta seus hábitos de aprendizagem e de comunicação. As práticas e os hábitos de trabalho intelectual dos educandos constituem também mediações na sua vinculação educativa com as novas tecnologias. A solução proposta por Gomez (2011) é a transformação pedagógica, colocando o conteúdo como ponto de chegada e o sujeito como ponto de partida.

A racionalidade da relevância, para incorporação das novas tecnologias, exige uma transformação dos “processos de ensino-aprendizagem, da estruturação dos conteúdos, das situações de interação com eles e, em geral, da orientação pedagógica do esforço educativo no seu conjunto” (GOMEZ, 2011, p. 170). Todas essas transformações conduzem necessariamente a uma modificação da estrutura pedagógica tradicional da instituição escolar. Essa perspectiva propõe uma alteração da lógica pedagógica em que parte-se do conteúdo a ser aprendido pelo aluno, que é o conteúdo ensinado pelo professor, para uma pedagogia que parta do sujeito educando e do seu contexto.

Kaplún (1998) apresenta a diferença entre a informação e a formação. Citando Freire, o autor explica que o modelo dialógico de comunicação está centrado em mudar a atuação do indivíduo, e que a autonomia e a liberdade de escolha prevalecem.

Ya no se trata, pues, de una educación para informar (y aún menos para conformar comportamientos) sino que busca FORMAR a las personas y llevarlas a TRANSFORMAR su realidad. Si bien se mira, este modelo también se plantea un «cambio de actitudes»; pero no asociado a la adopción de nuevas tecnologías ni al condicionamiento mecánico de conductas. El cambio fundamental aquí consiste en el paso de un hombre acrítico a un hombre crítico; en ese proceso de un hombre desde los condicionamientos que lo han hecho pasivo, conformista, fatalista, hasta la voluntad de asumir su destino humano; desde las tendencias individualistas y egoístas hasta la apertura a los valores solidários y comunitarios. así no es necesario subrayar que esta transformación no se puede lograr jamás por vía de mecanismos manipuladores. Se trata, necesariamente, por propia exigencia de los objetivos, de un proceso libre, en el que el hombre debe tomar sus opciones cada vez con mayor autonomía. (KAPLUN, 1998, p.42)

Da mesma maneira, Sierra (2000) no seu paradigma socioprático, apresenta uma visão da Educação como prática política e propõe a aplicação dos meios para a aprendizagem, a partir das necessidades dos indivíduos. Uma Educação não apenas para informar, mas para modificar a realidade. Os meios, então, são entendidos para análise social da comunidade e como espaço de expressão (p.49).

Gómez (2011), que defende a alfabetização múltipla, afirma que os meios não só transmitem, mas podem determinar conteúdos. Ele propõe a corrente da *Educação midiática*. Para que os instrumentos realmente potencializem os benefícios esperados, o autor também aponta a necessidade de mudanças pedagógicas e institucionais.

Na busca por condições de ensino e aprendizagem efetivas, que promovam o desenvolvimento humano, materiais midiáticos são usados por uma pedagogia que transforma. Mas, para que haja sucesso neste tipo de comunicação, é necessário o conhecimento, a reflexão e o redirecionamento do uso da tecnologia. O significado dessas ações é que tornam possíveis as mudanças. Conhecer na Educomunicação implica que “a apropriação da cultura por parte dos usuários dos meios de informação pode constituir-se em plataforma para uma ação educativa coerente com as necessidades atuais” (SOARES, 2011b, p. 19).

Sobre a utilização das tecnologias no âmbito escolar, Bacega (2011) afirma

[...] mais que entendida como aparelho à disposição de alunos e professores, a tecnologia tem que ser pensada na sua abrangência. Ela está em todos os sujeitos alunos, pais, professores, uma vez que impregnada na trama cultural. O importante é que a discussão se dê sobre o lugar que ela ocupa na formação dos alunos, dos cidadãos, da sociedade contemporânea nos vários âmbitos: da circulação de informações à mudança dos conceitos de tempo/espaço, à modificação na produção e sua influência sobre o consumo e sobre o mercado de trabalho (2011, p. 34).

Já a reflexão a respeito da tecnologia envolve outros fatores para a transformação. É preciso entender o papel das mídias sociais na sociedade e permitir ao educando sair da posição de receptor neutro e assumir seu lugar enquanto sujeito ativo.

Na Educomunicação, as práticas se fundamentam a partir de um espaço teórico que estimula a formação de sujeitos reflexivos e cidadãos críticos. Em outras palavras, significa transformar, didaticamente, a informação midiática em conhecimento de conteúdo informacional. (XAVIER, 2011, p. 37).

Neste contexto, redirecionam-se os papéis, as formas de fazer a Comunicação e a Educação, e o educando só tem a mudar a mente, o olhar e a ação. Para a Educomunicação, as tecnologias devem estar a serviço da comunidade, sendo geridas democraticamente (SOARES, 2003).

As mudanças também envolvem políticas públicas direcionadas para essa transformação, compreendendo o papel da Comunicação e da Educação na era da informação.

Uma criança que participa das séries iniciais do Ensino Fundamental entre tantas mudanças pelas quais passa, deve crescer também, no sentido de enriquecer sua maneira de se comunicar com as pessoas à sua volta e com o mundo. Quando a tríade Comunicação, Educação e Participação se entrelaça, as crianças ampliam o vocabulário e repertório cultural; aumentam as habilidades de comunicação; desenvolvem competências de trabalho em grupo, negociação de conflitos e planejamento de projetos; e melhoram o desempenho escolar, entre outros ganhos, (ROSSETTI et al, 2005, p. 31).

Foi partindo desta discussão e direcionados pelas possibilidades de mudanças com as tecnologias aliadas ao campo da Educomunicação, tanto como indivíduos quanto como cidadãos, que este trabalho foi realizado.

Com base na reflexão e partindo do pressuposto de que uma das principais funções da educação é formar a consciência crítica do indivíduo, sendo que ensinar não é transferir conhecimento simplesmente, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção, reafirmamos que se faz necessário, nos tempos atuais, pensar a Educação com uma perspectiva comunicativa. (MELO; TOSTA, 2008, p. 60)

CAPÍTULO 02

BLOGS: INÚMERAS POSSIBILIDADES

Neste capítulo, serão discutidas as funcionalidades e aplicabilidades do blog enquanto ferramenta educacional. Iniciamos o capítulo, justificando sua pertinência para a Educação e trazendo os teóricos da área abordada. Utilizaremos Silva (2009) para relacionar o uso de blogs aos princípios educacionais e Gomes e Lopes (2007), pela contribuição acerca do uso de blogs escolares.

No segundo tópico, listamos as características da ferramenta dialogando com Recuero (2009), Almeida (2003), Kenski (2003) e Primo (2008). Neste tópico, também discutiremos um pouco da relação das crianças com a internet e com as tecnologias da informação. Por fim, apresentaremos a possível relação da ferramenta com a autoria, relacionando-a com suas possibilidades de utilização.

2.1 Educação com blog

O que faz um meio de comunicação ser educacional é o propósito de quem se coloca diante dele. Qualquer das organizações que compõem redes de Educação tem como característica em suas ações “fazer educação, pela comunicação, usando a mídia, com muita participação” (VOLPI; PALAZZO, 2010, p.19). O campo que enfatiza os processos, e não os produtos, tem como foco a vivência proporcionada pelos meios, e não as funcionalidades deles.

A Educação não nasceu necessariamente vinculada a instrumentos midiáticos, mas da possibilidade de ver a Comunicação como amplificadora da Educação. As ações envolvidas com o tema pretendiam discutir a relação que os receptores estabeleciam com os meios de comunicação, o modo como as audiências reagiam e se articulavam ao receber e resignificar os conteúdos midiáticos. Mas na década de 90, ONGs e

grupos de extensão universitária, no Brasil, difundiram metodologias de abordagem para práticas educomunicativas, de forma democrática e participativa, por parte de crianças e jovens, fazendo diferença em relação a práticas internacionais que trabalhavam apenas a leitura da mídia (SOARES, 2011).

Ao longo desses anos, diversos estudos têm colocado a TV, o rádio, a imprensa e a internet sob a ótica da interface da Educação com a Comunicação. Há pouco tempo, os meios mais estudados pela Educomunicação eram a TV e o rádio, principalmente porque, como vimos, a Educomunicação nasceu para estudos de recepção das mensagens. Não podemos negar o potencial de estudo que a TV ainda tem para o campo emergente, mas estamos diante de uma nova forma de pensar a Educomunicação, pois a internet possibilita a oportunidade de expressão crítica da TV, da imprensa e do rádio. Diferente dos demais (TV, rádio e imprensa), que exigem uma produção bem mais densa nos bastidores antes da veiculação, um blog, em tese exige um texto e, embora esse texto possa ser um vídeo ou uma foto, devido ao seu caráter multimídia, pretendemos explorar a escrita. Escrita essa, num contexto diferenciado pelos objetivos da Educomunicação, através de uma ferramenta que possibilita diferentes acessos, inserida numa esfera transdisciplinar.

No âmbito da transdisciplinaridade, os educandos se apoderaram das linguagens midiáticas (no caso, do blog), em atividades que não estão necessariamente ligadas ao currículo escolar. Levar para a Educação ferramentas da mídia com esta percepção de transdisciplinaridade, corresponde a apresentar ao educando um horizonte de novas perspectivas das ferramentas comunicacionais. O blog atende ao objetivo de possibilitar um projeto escolar que possibilita a discussão de temas variados.

Entendemos que o blog não é necessariamente uma ferramenta educomunicativa em si, mas a prática proposta para seu uso o determina como tal. No entanto, em sua estrutura, ele possui elementos que facilitam sua utilização com viés educomunicativo, pois é uma ferramenta para compartilhamento de informações e interatividade. Já existem na rede muitos exemplos de blogs educomunicativos, que apresentam conteúdo informativo e participativo com uma gestão participativa da informação.

Em artigo publicado em 2009, no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), a estudante Flávia Prado Domingos da Silva, apresentou os eixos norteadores da Educomunicação. A seguir, apresentaremos estes eixos, relacionando-os às possibilidades de exploração do blog (SILVA, 2009, p. 05).

a) *Alteridade – a busca pelo “olhar sobre o outro” isento de todo e qualquer preconceito.* Uma proposta educucomunicativa pode utilizar o blog para permitir a expressão de variadas vozes; b) *Conscientização social – construção de uma leitura crítica dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação de massa.* Numa prática educucomunicativa, o conteúdo do próprio blog e sua comunicação deve ser questionada na ação-reflexão dos estudantes conduzindo-os a um pensar sobre suas opiniões; c) *Integração social – conectar as minorias e grupos marginalizados à sociedade.* Se dissemos que qualquer um pode dialogar e até fazer um blog, afirmamos seu potencial integrador; d) *Cidadania – conceito que determina os deveres e direitos do indivíduo na sua construção moral.* Esse quesito também depende da proposta de quem faz a prática. Assim, como a TV e o rádio, um blog pode ser usado apenas para fins comerciais, ou para oportunizar a cidadania. Neste caso, é preciso que o autor entenda-se enquanto participante de um projeto maior de sociedade; e) *Relações colaborativas entre sociedade e indivíduo – envolvimento de trocas entre as duas instâncias citadas.* Neste caso, teria que fazer uso do blog, agregando a ele todas as características anteriores, colocando um objetivo bem definido, que aquela comunicação deve ter a finalidade de ajudar as pessoas, de mudar uma situação que precisa de mudança; f) *Processo educativo como espaço público – trata-se da multidisciplinaridade de espaços modernos e socialmente situados.* Um blog educucomunicativo é uma tribuna de ideias, um espaço para o debate público. E isso não se deve apenas às postagens e aos comentários, mas a outros fatores como tempo e disponibilidade da mídia. g) *Aprendizado como processo coletivo – a Educação vista como um Processo feito em grupo, valorizando a visão de diferentes ideias.* Numa proposta com o blog, todos os envolvidos no processo são autores, postam e executaram ideias em torno de um tema em comum; h) *Democratização dos meios de comunicação – resultado esperado*

de todas as ações anteriormente citadas. Democratizar uma ferramenta multimídia como o blog consiste em três passos: ensinar, deixar o educando pensar e criar; e incentivá-lo a escrever. Os educandos também democratizam o meio. Eles divulgam a sua comunicação no blog e nas outras mídias sociais.

Além de possibilitar a Educação por um meio de comunicação, o que faz da pesquisa em questão um projeto educacional não é o blog em si, nem o seu conteúdo, mas a prática que se desdobra em função da participação dos sujeitos.

2.2 Sobre blogs

Blogs são ambientes virtuais que podem se constituir enquanto ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs). Kenski (2003) apresenta três características possibilitadas pelos ambientes virtuais de aprendizagem, que favorecem a comunicação intensa entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem: “Essas três características - interatividade, hipertextualidade e conectividade - já garantem o diferencial apresentado pelos ambientes virtuais para a aprendizagem individual e grupal” (p. 07).

A característica da interatividade é tão pertinente para a Educação no contexto atual, que podemos relacioná-la com o processo de desenvolvimento comunicativo, com o diferencial de se dá na internet. Almeida (2003) apresenta as diferentes modalidades comunicativas propiciadas pela internet que caracterizam a interação entre as pessoas: “cuja comunicação pode se dar de acordo com distintas modalidades comunicativas, a saber: comunicação um a um, comunicação de um para muitas e comunicação de muitas pessoas para muitas pessoas” (p. 332). Além de propiciar essas modalidades comunicativas, o blog possui características próprias de interação enquanto ferramenta.

Amaral, Recuero e Montardo (2009), ao definir o blog enquanto objeto de pesquisa, tratam-no de diversos pontos de vista e fundamentações teóricas. As autoras apontam conceitos da ferramenta a partir de três ângulos: *estrutural*, *funcional* (quando os blogs são vistos a partir da função de meios de comunicação) e *artefatos culturais*. A partir desses conceitos, elas concluem que

Como artefatos culturais, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações [...] uma vez que são eles o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais. Como meios de comunicação, os weblogs são compreendidos por meio de sua função comunicativa e dos elementos que dela decorrem [...] A percepção dos blogs como espaços de sociabilidade, como constituintes de redes sociais, está presente nessa vertente. Blogs como meios de comunicação implicam também sua visibilidade enquanto meios de práticas jornalísticas, seja através de relatos opinativos, seja através de relatos informativos. No conceito estrutural, por outro lado, permite apreender-se o blog enquanto formato, abrindo-se para múltiplos usos e apropriações (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 33).

No mesmo sentido, Trammell e Keshelashvili (2005), apesar de reconhecerem que o blog é, muitas vezes, definido a partir de sua estrutura, discutem que, a partir de sua vocação midiática, o blog é uma personalização de seu autor, que é expressa a partir de suas escolhas de publicação e entendido como espaço pessoal.

Estudos que estabelecem a relação dos blogs em Educação como um instrumento no Ensino Básico, Médio e Superior estão em muitos trabalhos. Gomes (2007) aborda a utilização educacional dos blogs, diferenciando a exploração deles enquanto recurso pedagógico e enquanto estratégia pedagógica. A primeira forma de exploração dos blogs consiste na possibilidade de proporcionar aos alunos formas adicionais de acesso à informação. Neste tipo de exploração, o aluno assume uma posição relativamente passiva, limitando-se frequentemente à leitura dos posts e eventualmente colocando algum comentário às mensagens/posts já existentes (p.123). A segunda perspectiva de exploração é pertinente à nossa pesquisa, pela dimensão de estratégia pedagógica.

A exploração dos blogues dentro desta perspectiva, transforma-os, mais do que num recurso pedagógico, numa estratégia de ensino-aprendizagem, que visa conduzir os alunos a actividades de pesquisa, selecção, análise, síntese e publicação de informação, com todas as potencialidades educacionais implicadas (GOMES, 2007, p. 123) .

O conceito de blog já foi lembrado na internet e em pesquisas

acadêmicas diversas vezes. Como vimos, em alguns momentos, ele é conceituado pela seguinte forma:

Os blogs são veículos de publicação digital nos quais um ou mais autores publicam textos, geralmente sobre uma temática específica, em ordem cronológica inversa e de forma frequente. A simplicidade com que se pode publicar textos em um blog fez com que a ferramenta tenha alcançado uma relativa popularidade no mundo todo. Atualmente, mais de dez anos depois que o termo blog foi cunhado, existem 112,8 milhões de blogs indexados pelo Technorati², sendo que 120 mil novos blogs surgem a cada dia. (ZAGO, 2012, p. 2)

Muitas vezes o blog é definido como diário pessoal (RECUERO, 2009). Primo (2008), que discorda da comparação com diários pessoais, discute o conceito tipificando-os e dimensionando-os em quatro grupos: pessoal e profissional (blogs individuais); grupal e organizacional (coletivos). Ele chama a atenção para o caráter interativo do blog:

Deve ficar claro que blogs são muito mais que uma simples interface facilitada para a publicação individual, como são freqüentemente definidos. Faço tal alerta não apenas para criticar uma definição que se resume à descrição do meio, mas também para lembrar que blogs são espaços coletivos de interação. Ou seja, blogs/espaço podem converter-se em um ponto de encontro (PRIMO, 2008, p. 123)

Aqui, vamos nos ater às definições que compartilham dos propósitos desta pesquisa. O seu sentido mais simples, em termos objetivos, é muito rico. De fato, blogs são páginas da internet que podem ser manipuladas por uma pessoa ou por um grupo, e oferecem suporte multimídia, podendo receber textos, imagens, áudios, vídeos, gráficos. Blogs nasceram como diários pessoais, mas alcançaram novas dimensões.

À luz das novas tecnologias, podemos definir os blogs enquanto ferramenta, enquanto ambiente do ciberespaço e enquanto meio de comunicação social.

Primo e Smaniotto (2006a) desdobram o blog em blog/espaço e blog texto. Para ele, o termo “blog” designa não apenas um **texto**, mas também um **programa** e um **espaço**. Primeiramente, blog indica um espaço onde blogueiros e leitores/comentaristas se encontram. Para se ter um blog,

enquanto texto e espaço, utiliza-se normalmente um programa de blog. De qualquer forma, o blog/programa não é condição necessária, pois o blog/espaço e blog/texto, podem ser construídos através de recursos convencionais para a publicação de sites (HTML, PHP, MySQL, FTP, etc.) (PRIMO; SMANIOTTO, 2006a, p. 02).

Enquanto ferramenta, o blog é um software que possibilita o que Barros (2005) chama de *ciclo de transferência de informação* (CTI), apresentando os passos que podem ser utilizados com um software de produtividade. Para ele, o blog é um software de produtividade, que permite: criação, produção, disseminação, difusão, utilização, organização e preservação (ou destruição) da informação.

Suas características principais são elencadas por Winer (2003 apud, BARROS, 2005, p. 37), que diz que os blogs apresentam: *personalização*, sendo desenvolvidos para serem utilizados por uma única pessoa, expressando personalidade individual (também podendo ser utilizados para colaboração entre diversas pessoas como na intervenção feita por essa pesquisa); são *baseados na web*, podendo ser frequentemente atualizados, pois são fáceis de manter e acessíveis em qualquer computador com conexão à Internet; *automatizados*, de maneira que as ferramentas de publicação para blogs auxiliam o autor a apresentar suas palavras de forma atrativa, e até distribuí-las; *criam comunidades*, promovendo ligações entre si, permitindo a troca de ideias e estimulando a geração e compartilhamento do conhecimento.

Enquanto ambiente, podemos lembrar a posição da Blogosfera no ciberespaço. Chama-se Blogosfera o conjunto de blogs disponíveis na web, responsável por uma mudança que se assemelha ao viés educacional: a blogosfera transforma a comunicação quando coloca o cidadão comum como produtor de informações.

Qualquer um, sem conhecimento muito aprofundado, pode se tornar criador diante do blog, e sua criação ficará disponível na rede a qualquer internauta. O resultado disso é um ambiente que pode compor tudo que seu autor quiser ver publicado, imediatamente e sem custos. *Blogar* é um verbo facilmente entendido como comunicar. Os blogs criam uma via de mão dupla permitindo ao receptor interagir com o emissor, estejam onde estiverem.

Os blogs também oportunizaram outras ferramentas de publicação,

como os audioblogs, flogs e vlogs, com a mesma lógica, mas com gêneros específicos. Funcionalmente, um blog é um diário online, um site gratuito, ou não, que dispõe de uma forma de comunicação midiática diferenciada e acessível. Granado (2003) define o blog como um tipo de diário pessoal eletrônico frequentemente atualizado, onde os posts ou conteúdos publicados são, geralmente, textos curtos organizados cronologicamente, sendo sempre o conteúdo mais recente o primeiro a surgir no topo da página.

No entanto, não é a pessoalidade e a temporalidade que têm definido os blogs. Sua possibilidade de gerar informação sobre determinado tema, o caracteriza muito mais. Não se trata apenas de um diário, porque o tempo não determina sua eficácia – ao contrário do jornal, por exemplo. E o blog dá força à tendência das relações atuais, que consiste em tornar toda informação pública – ao contrário dos diários pessoais de papel.

Há na ferramenta possibilidades de atividades específicas que nos levam a crer que ela pode fomentar o desenvolvimento dessas habilidades e, se aliada à gestão educacional, pode fomentar a cidadania, de forma multiplicadora.

Rodrigues (2008, p. 43) expressa a colaboração como característica fundamental do blog. “O *blog* é caracterizado pelo tom informal e pela diversidade de temas que pode abordar. Como pode ser escrito por uma ou mais pessoas, costuma expressar uma gama ampla de ideias e opiniões”.

Os blogs estão sendo muito utilizados como ferramenta pedagógica. Amorim (2008, p. 25) classifica os blogs pedagógicos como: a) espaço de reflexão e discussão entre educadores; b) páginas pessoais de professores, alunos classes e escolas; c) páginas temáticas sobre assuntos específicos estudados ou pesquisados; d) diários de registros de pesquisas; e) diários de aprendizado e f) portfólio digital.

Na ação educacional, o blog foi apresentado como ferramenta tecnológica que oferece um espaço de possibilidades para expressar-se. Um elemento importante considerado nesta pesquisa foi a reflexão sobre a função social do blog e as formas de recepção e de transmissão de conteúdo na ferramenta, enquanto meio de comunicação social e enquanto difusor de informações, pela produção de crianças no ambiente escolar.

Crianças têm naturalmente aptidão para explorar objetos que fazem parte do seu dia a dia. Elas começam cada vez mais cedo sua relação com o computador, estimulados principalmente pela World Wide Web. Sabemos que a relação das crianças com a internet tem influenciado cada vez mais a linguagem e a cognição delas. Elas interagem facilmente com a linguagem e os suportes dos computadores. Prensky (2001) chamou essa geração que cresce com as tecnologias de *nativos digitais*, e chama a atenção para as diferenças que devem ser consideradas no sistema educacional, pois os alunos de hoje pensam e processam informações de forma diferente (p. 1).

Como deveríamos chamar estes “novos” alunos de hoje? Alguns se referem a eles como N-gen [Net] ou D-gen [Digital]. Porém a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é Nativos Digitais. Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet (PRENSKY, 2001, p. 2).

Essa geração se relaciona bem com propostas com blogs. Mas afinal, de que o blog dispõe? E o que um blog exige do seu autor?

Um blog dispõe de um espaço para publicação na internet de texto, fotos e vídeos, bastando às crianças conhecer a localização dos botões para baixar imagens e publicar textos, precisando de uma única explicação de três minutos para que eles explorem facilmente o ambiente. Existem estudos na direção da defesa do uso das tecnologias nos primeiros anos escolares, inclusive para o desenvolvimento cognitivo. Amante (2010) defende a vivência com a tecnologia na escola, para expansão dos conhecimentos da criança.

Diante das máquinas, e sobre a premissa destes novos conceitos que redefinem a infância, a cibercultura oferece às crianças possibilidades de expressão e de autoria. No dia 04 de novembro de 2012, o Estadão noticiou o fenômeno dos blogs entre as crianças.

Blogs viraram coisa de criança. Além de usar a internet para fazer pesquisas escolares, bater papo em redes sociais e jogar com amigos, muitas já alimentam a web com posts de temas variados, que vão de cinema e futebol à culinária e maquiagem. Nataly Costa, ³Jornal O Estadão.

³ <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,blogs-feitos-por-criancas-se-espalham-pela-web,955395,0.htm>

Esta matéria traz quatro personagens brasileiros, de 9 a 11 anos de idade, que contam suas experiências com a interface. Geralmente os textos são a partir de suas afinidades, o que também acontece no ambiente educativo.

A partir da análise dos personagens que a matéria do jornal Estadão contém, incluindo alguns pais, verifica-se que o incentivo destes blogueiros mirins parece estar no âmbito familiar. Com a ajuda dos pressupostos da Educomunicação, ficou a cargo do pesquisador (educador) a função de incentivo, mostrando caminhos e possibilidades que a ferramenta oferece, pois a maioria dos sujeitos não dispunha de um computador em sua casa, ficando assim o uso da tecnologia restrito ao ambiente escolar.

É verdade que as crianças blogueiras citadas estão num contexto social diferente dos sujeitos deste estudo; mas elas ilustram ocasiões em que blog, somado a atividades de estímulo vinculadas às afinidades das crianças, resultam em produções autorais em rede. As formas de recepção e produção a partir do contexto dos educandos devem sempre ser consideradas, respeitadas e avaliadas pelo educador. Durante a prática educacional analisada as formas como as crianças desenvolviam seu texto não dependiam antes de tudo das informações que dispunham, mas da sua forma de se comunicar, de se expressar por um objetivo comum. Essas formas foram respeitadas e avaliadas também pelas crianças.

Por conta dessa liberdade de expressar-se, entendemos que os blogs podem significar para as crianças a ampliação do modelo de alfabetização tradicional. Para elas, podem também representar a sua tribuna, sua vez de acrescentar a sua visão da história, possibilitando a interação e a participação, pontos fundamentais da comunicação via blog e que já fazem parte do universo infantil.

2.3 Blog para autoria

Blogs podem receber letras, números, imagens, sons, vídeos, que incentivam a criança a criar. Ou seja, nesse espaço estão a liberdade e o poder de conceber, fantasiar, imaginar, decidir, e o poder ou capacidade de fazer na

mesma dimensão.

Para Freire (1997), o ato de ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. Numa proposta que disponibiliza o blog, as palavras de Freire não devem ser esquecidas, especialmente porque ele toca na questão da integridade estética de cada um. “O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.” (FREIRE, 1997, p. 66). O autor alerta para o fato de que esse tipo de professor afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto.

A curiosidade e a inquietude promovem uma boa escrita e boas postagens. Como base na nossa experiência, entendemos que, numa proposta com blogs, a pesquisa deve ser estimulada, pois ela é um fator que enriquece os textos. E os educandos, por sua vez curiosos e inquietos no sentido de pesquisar, são responsáveis para que o site disponibilize um bom nível de informações.

Isto não significa que o *post* com menor número de informações deve ser desprezado. Ratificando o que Freire (1997) afirma, a autonomia do autor desta ou daquela postagem deve ser respeitada, principalmente por eles estarem num estágio de alfabetização.

Nas atividades com blogs, a criança analisa as informações que já possui (autonomia moral) e decide sobre o que escrever (autonomia intelectual) (ZATTI, 2007). Para Charles Wedemeyer (1973), a independência do estudante e a utilização das novas tecnologias implica assumir *dez características*, entre elas:

Ser capaz de funcionar em qualquer lugar onde existam estudantes, nem que seja só um, independentemente da existência de professores naquele local ou tempo; Colocar maior responsabilidade por aquilo que se aprende no estudante; Ampliar as opções de escolha dos estudantes, quer seja em cursos, em formatos e em metodologias; Misturar e combinar meios e métodos de modo a que cada assunto, ou unidade dentro de um assunto, seja ensinado da melhor maneira que se conhece; Fazer com que o projecto e o desenvolvimento dos cursos se adaptem a um programa articulado de multimédia; Preservar e aumentar as oportunidades de adaptação às diferenças individuais; Avaliar a aquisição de conhecimentos do estudante de modo simples,

não levantando barreiras relativas ao local, método ou sequência de estudo, ou outras; e permitir aos estudantes iniciar, parar e aprender em seu próprio ritmo (WEDEMEYER, 1973, p. 55).

Ao analisar suas ideias, vemos que atividades com blogs comportam todas estas características, se o estudante estiver alimentando o ambiente, dentro ou fora da escola, desde que tenha disponível um computador e a internet.

Fortunato (2003) afirma que observar comportamentos dos estudantes com relação à apropriação que fazem dos procedimentos de autoria gerados pelos meios digitais, representa, hoje, um campo de pesquisa bastante fértil. Mas para promover a autoria no aluno é necessário uma série de estratégias que promovam a criação pelo autor. Com blogs não é diferente. Uma definição muito utilizada no trabalho em questão, é apresentada por Foucault, em que “a *singularidade* marca o discurso que se destaca da massa discursiva e expressa a *individualidade* do autor; por meio dela se identifica o autor (FOUCAULT, 1992, apud FORTUNATO, 2003, p.143).

A autoria é assim um processo criativo e único. Além dos diversos recursos que a ferramenta oferece para expressão da individualidade e da singularidade (cores, fontes, layout, enquetes, etc), o blog propõe aos seus autores o desafio de inovar a cada postagem. É importante considerar que os estudantes autores das postagens no blog, estão na condição de autores atravessados e influenciados por muitas informações e por várias vozes. Mesmo reafirmando textos de outros autores (citando fontes), o processo de postagem e veiculação no blog é de sua autoria. Fica também a cargo do professor fomentá-la e ensiná-la.

Sobre a singularidade, Fortunato (2003) alerta para o fato de que cabe ao professor a tarefa de ajudar o aluno a compreender o que é ser um autor. Isto implica em compartilhar a autoria (professor e aluno escrevem juntos) e em saber (re)definir o discurso do outro sob a ótica da singularidade.

Numa análise sobre o conceito de autoria, descrito por Walter Benjamin, na conferência “O Autor como Produtor” (1934), Bernal (2008) chama a atenção para uma citação em que Benjamin questiona a distinção entre leitor e autor. O autor destaca no modo benjaminiano de entender a autoria, a

referência à figura do leitor.

Esta figura (leitor), ao ser assim fusionada com a de autor, agiganta, expande, magnífica, tudo o que até aqui dissemos. Pois sua introdução significa que todos, *todos*, são autores. As barreiras agora desaparecem por completo. O leitor é qualquer um; não estão absolutamente em consideração quaisquer “credenciais” prévias. Basta ser *produtor*. (BERNAL, 2008, p. 6)

A figura do leitor é muito lembrada pelos autores educando. Eles pensam na recepção. A mensagem do blog não será qualquer mensagem, será uma mensagem pública, para um público específico e geralmente os autores querem responder às expectativas. A preocupação que o autor da postagem tem com a recepção, gera a responsabilidade pela publicação e permite ao educador trabalhar com eles a gestão da informação.

Diferente dos jornais impressos, em que não há possibilidade de mudar uma informação publicada, no blog, os autores podem corrigir, acrescentar, mudar a primeira publicação. Com a posse da ferramenta tecnológica, educador e educando têm a missão de desbravar juntos terrenos novos, criando, compartilhando suas ideias e criticando a própria ferramenta. Estes são alguns dos aspectos da autoria no blog.

CAPÍTULO 3

PERCURSO METODOLÓGICO

Para realizar esta pesquisa foi necessária a realização de uma prática educ comunicativa, ou seja, havia a necessidade de propiciar um ambiente colaborativo para que de fato fosse analisado o fenômeno em todas suas dimensões. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar como a colaboração, numa prática Educomunicativa, contribui para a autoria em estudantes no final do primeiro ciclo do ensino fundamental. Os objetivos específicos foram: identificar as potencialidades do blog para o desenvolvimento da escrita na fase escolar estudada; identificar elementos caracterizadores de uma produção autoral; indicar implicações da colaboração na fase escolar estudada (final do primeiro ciclo do ensino fundamental) com base em práticas educ comunicativas.

Nossa hipótese afirmava que a construção de um blog a partir dos princípios educ comunicativos pode apontar caminhos para autoria no Ensino Fundamental e que, devido às possibilidades colaborativas da Educomunicação para os indivíduos, a prática educ comunicativa, aliada ao uso da tecnologia, favoreceria a autoria de estudantes no final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Buscando confirmar a nossa hipótese para esta investigação, realizamos uma intervenção educ comunicativa no ambiente escolar, com o intuito de integrar a Comunicação à Educação. No entanto, sabemos que os objetivos da Educomunicação vão muito além dos espaços escolares (SOARES, 2011). Enquanto ação educ comunicativa, tivemos o cuidado de caracterizar a prática analisada como inclusiva, midiática, democrática e criativa (SOARES, 2011).

As questões que norteiam este estudo nos fizeram optar por uma intervenção no contexto da Educação Fundamental. Embora a Educomunicação trabalhe com o desenvolvimento de ecossistemas (teias de relações), a prática analisada oportunizou ações de autoria durante a intervenção, apenas dos estudantes, mais especificamente, de um grupo de

estudantes. E, por se tratar da análise de uma prática educacional específica, definimos a metodologia como estudo de caso.

Neste capítulo serão apresentadas as razões que determinaram as escolhas metodológicas deste estudo. Em seguida, serão descritos o campo empírico, os sujeitos e as etapas do estudo de caso que se constituiu na prática educacional analisada, assim como os instrumentos de coleta e análise de dados.

3.1 Abordagem e Tipo de pesquisa

A abordagem necessitava compreender o fenômeno como ele se desenvolve em suas condições naturais, caracterizando a pesquisa qualitativa (TRIVINOS, 1987). Esta pesquisa se propôs como uma intervenção através de uma ação educacional utilizando-se do blog como instrumento para identificar as implicações de uma prática colaborativa, nesta fase escolar, na autoria.

Para a realização deste estudo foi necessária uma abordagem norteada pelos princípios gerais da Educomunicação. Neste contexto, além da necessidade de desenvolver procedimentos que permitissem a participação ativa dos sujeitos, foi preciso colocar a prática comunicativa à disposição da cidadania, pois na Educomunicação os pesquisadores analisam os produtos finais construídos de forma colaborativa e focam mais nos processos de construção do que nos meios de comunicação (PAULA, 2011, p. 14).

Em si, a Educomunicação é um campo de intervenção social, como foi descrito anteriormente. Sendo assim, o interesse desta pesquisa reside no processo de produção realizado pelos sujeitos, assim como na vivência colaborativa que a prática proporcionou.

Com base em seu objetivo, pode-se classificar essa pesquisa como descritiva. Como afirma Gil (1989, p.42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Esta pesquisa desenvolveu uma intervenção em que os sujeitos fizeram uso do blog, a fim de verificar as contribuições de uma prática colaborativa para a autoria. Para investigar a intervenção educacional com

direcionamento e restrição, o tipo de pesquisa adotado foi o estudo de caso.

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse (PONTE, 2006, p. 2).

Gil (1989) apresenta diferentes propósitos do estudo de caso. O mais adequado à intervenção em questão tem o objetivo de “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação” (p.54). O autor definiu um conjunto de etapas para delineamento do estudo de caso. Algumas delas serão seguidas nesta pesquisa, tais como formulação do problema; elaboração do protocolo; coleta de dados; avaliação e análise dos dados.

Numa sequência de encontros, pesquisador e sujeitos inseriram-se na prática educacional, elegendo procedimentos participativos em toda ação coletiva destinada a ampliar as formas de expressão.

3.2 Campo Empírico

Esta pesquisa foi realizada numa escola municipal localizada no Bairro da Várzea, Recife - PE. A referida escola atende do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental. Como esta pesquisa está apoiada sobre os preceitos da Educomunicação, buscou atuar no contexto do Ensino Fundamental brasileiro relacionando o desenvolvimento do sujeito no seu espaço de aprendizagem. Consta na LDB, como sendo objetivo do Ensino Fundamental a formação básica do cidadão. Segundo o artigo 32º para essa formação é necessário:

*I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;*⁴

⁴ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

A unidade de ensino onde foi realizada a pesquisa está situada numa escola da rede municipal do Recife, que trabalha com os chamados ciclos de formação. Desde 2006, a duração do Ensino Fundamental, que até então era de 8 anos, passou a ser de 9, sendo dividido da seguinte forma: anos iniciais (1º ao 5º ano) em que a criança ingressa no 1º ano, aos 6 anos de idade; anos finais (6º ao 9º ano). Os sistemas de ensino são autônomos para desdobrar o Ensino Fundamental em ciclos.

A pesquisa foi aplicada com crianças que estão no final do primeiro ciclo (3º ano) do Ensino Fundamental. Nesta fase, o enfoque está na alfabetização voltada para a abordagem da leitura e da escrita, no contexto de letramento, considerando os determinantes sociais e culturais da aprendizagem. Pernambuco é um dos estados pioneiros na iniciativa de ciclos de aprendizagem no ensino fundamental. A Proposta Curricular da Prefeitura da Cidade do Recife considera o 1º ciclo do Ensino Fundamental (que engloba os três primeiros anos) como o ciclo da alfabetização.

Compete à Secretaria de Educação, Esporte e Lazer do Recife ofertar educação infantil e o Ensino Fundamental. Em sua responsabilidade, estão programas que visam intensificar o processo de alfabetização, como o Brasil Alfabetizado e o Movimento de Aprendizagens Interativas (MAIS), que enfoca a compreensão e uso do sistema de escrita alfabética e a produção de textos, de estudantes do 1º e 2º Ciclos e do 1º ano do 3º Ciclo de aprendizagem.

Também faz parte do projeto pedagógico da Secretaria de Educação do Recife, informática na Educação através da disponibilização de laboratórios de informática nas escolas. De acordo com o site da secretaria, 117 unidades de ensino estão equipadas com esses laboratórios para uso dos estudantes.

3.3 Sujeitos da Pesquisa

Trabalhamos com uma turma do 3ª ano do Ensino Fundamental. Desta, dez nomes indicados pela professora da turma, foram escolhidos para participar da intervenção educacional. O critério de escolha destes nomes foi, segundo ela, o fato de que esses possuíam certa autonomia com a escrita. O desejo de cada um em participar dos encontros para escrever no blog também foi considerado.

Pesquisamos então, com um público composto por crianças de 8 e 9 anos de idade, que, no final de 2013, concluíram o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, detendo assim certa propriedade da escrita e leitura. A entrevista e as observações realizadas na primeira etapa do estudo de caso, revelaram um pouco do contexto desses indivíduos e seus hábitos escolares no processo de ensino e aprendizagem e na utilização dos meios tecnológicos. Depois de entender um pouco do perfil dos sujeitos, eles foram inseridos no processo educacional desde a definição do tema gerador até a avaliação e reflexão sobre a prática, elementos da intervenção que serão explicados posteriormente.

Os sujeitos desta pesquisa não apresentavam, em seu perfil, muita afinidade com a tecnologia computacional. Na maioria das vezes, seus contatos com o computador eram no próprio ambiente escolar, quando havia atividades na sala de informática. Durante a prática, eles adquiriram conhecimentos sobre o uso do computador e dos softwares trabalhados que até então não possuíam.

Para preservar a identidade de cada sujeito na descrição da pesquisa, eles serão identificados por nomes fictícios: Iago, Yude, Nathaly, Daniel, Thayane, Eweline, Mateus, Maria Eugênia, Helena e Washington. O critério de escolha dos fictícios nomes foi a semelhança com os seus nomes reais. Como podemos ver nos resultados do questionário aplicado na primeira etapa do estudo, não trabalhamos com sujeitos essencialmente com características de um perfil do que poderíamos chamar de nativos digitais (PENSKY, 2001). A prática também oportunizou a aproximação dos sujeitos com a tecnologia. As observações e o questionário aplicado na primeira etapa revelou o seguinte cenário.

Quadro 2 – Perfil dos sujeitos a partir de questionário e observações

Faixa etária:

2 tem nove anos de idade, 1 tem sete

7 tem oito anos de idade

Computador em casa:

4 têm computador em casa

6 não têm

Dos que têm computador em casa, três usam o facebook e o utilizam mais para jogar e conversar.

Os que utilizam o computador e a net apenas na escola, usam só os programas disponibilizados para fazer os trabalhos da escola (word, internet) e jogos.

Só os que têm computador em casa conversam pela internet.

Conclusão: usam o computador mais para jogos, tanto em casa quanto na escola.

Leitura e escrita:

A maioria declarou gostar de ler histórias (5) ou contos. Três disseram gostar de escrever sobre Matemática e um sobre Ciências.

Em sala de aula escrevem mais a partir do assunto dado pela professora e pela tarefa;

e os que têm facebook, atualização do status com suas atividades recentes.

Blogs:

9 nunca ouviram falar de blogs e não souberam o que é; na conversa, expliquei do que se tratava e adiantei que trabalharíamos com ele. O único que ouviu falar de blog foi na TV, através da série Gossip Girl e, por isso, ele acreditava que o intuito do blog era falar da vida das pessoas. Todos responderam que achavam legal escrever num blog.

Só um usou a palavra *notícias* diante da questão sobre o assunto a ser postado no blog.

Um se referiu à música, mas só depois que eu expliquei sobre temas e citei música.

Fonte: Elaborado pela autora

3.4 Instrumentos e procedimentos de coleta

Nessa etapa da pesquisa, foram aplicados os instrumentos considerados mais adequados para obtenção dos dados necessários. Como se tratava de um estudo de caso, optamos por seguir as etapas propostas por Gil (1989). A seguir, as etapas do estudo de caso estão relacionadas aos métodos de coleta de dados.

1ª) etapa: Formulação do problema - Para avançar na pesquisa, foi necessário problematizar a partir do contexto das crianças que vivenciarão a prática. Por isso, nesta etapa, foi feito um diagnóstico prévio dos hábitos dos sujeitos relacionando-os à colaboração, autoria e seus conhecimentos sobre o blog. Esta etapa foi realizada durante quatro visitas da pesquisadora na escola.

Com o intuito de ter uma visão do cenário anterior ao processo

educativo, o “antes” da pesquisa, procurou-se entender como as crianças desenvolviam textos na escola: os hábitos textuais e critérios individuais de escrita. Nesta etapa foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e observação dos estudantes. As entrevistas realizadas em apenas um dia das visitas, na 1ª etapa, além de ajudar o pesquisador a conhecer o perfil dos estudantes em relação ao conhecimento sobre os blogs, também ajudaram os estudantes a se situarem sobre a prática.

Essa etapa foi muito importante para redefinir a pesquisa a partir do cenário existente. Diante da ausência de autoria, mudamos o nosso objetivo que, inicialmente, consistia em analisar contribuições da colaboração para o desenvolvimento da escrita; depois desta etapa, nosso objetivo passou a ser o de analisar as contribuições da colaboração para a autoria.

Quadro 3 - Formulação do problema

A partir de observações e aplicação de questionários percebemos o seguinte cenário:
Leitura: a leitura vivenciada pelos sujeitos, em grande parte, é realizada nos livros didáticos ou a partir dos seus contos infantis preferidos. Na entrevista, a maioria se referiu a “histórias” como leitura preferida.
Blog: não conheciam o blog e o faziam a partir da pesquisa. Depois de ser apresentada a ideia de escrever e publicar num blog, eles expressaram achar “legal”.
Hábitos de escrita e autoria: geralmente as crianças copiavam o que a professora escrevia no quadro ou respondiam às atividades propostas no caderno. Havia muito pouco de autoria no ambiente escolar. O que eles produziam espontaneamente era paralelo às atividades formais da classe. Por exemplo: bilhetes para os amigos. Erros de ortografia comuns à fase.
Colaboração: textualmente, não existia colaboração. Das aulas analisadas, nenhuma propôs textos colaborativos. Mas eles costumavam ajudar e pedir ajuda uns aos outros tanto para uso do computador, na sala de informática, quanto nas tarefas em sala de aula.
Uso do computador: semelhante à forma como trabalhavam com o caderno, geralmente o que escreviam no computador era a partir da tarefa proposta pela professora. Na sala de informática, sempre copiavam de um texto preexistente. Ou copiavam um texto disponível no <i>word</i> , no caderno, ou do livro copiavam para o computador. No mais, usavam a máquina geralmente para jogos.

Fonte: Elaborado pela autora

2ª) etapa: *Elaboração do protocolo* – Para elaboração do protocolo, que consiste no documento com informações que definem a conduta a ser adotada

na aplicação da coleta de dados, foram tomadas medidas conforme a sequência de seções apontadas por Gil (1989) que, de acordo com Yin (2001, p. 89), envolvem esta etapa. a) **visão global do projeto:** para informar acerca dos propósitos e cenário em que será desenvolvido o estudo de caso. Essa seção pode envolver também a literatura referente ao assunto; b) **procedimentos de campo:** no caso desta pesquisa os procedimentos envolvem as ações realizadas para o sucesso das próximas etapas. Com uma descrição geral sobre os procedimentos a serem desenvolvidos; c) **determinação das questões:** de acordo com o autor, *constituem essencialmente lembranças acerca das informações que devem ser coletadas e devem estar acompanhadas das prováveis fontes de informação;* d) **guia para a elaboração do relatório:** item que foi elaborado paralelamente à coleta de dados.

3ª) etapa: *Coleta de dados* – O caso estudado consistiu numa intervenção caracterizada como uma prática educomunicativa, que propôs a criação e a produção dos estudantes num blog. Nesta etapa, os procedimentos de coleta de dados envolveram os seguintes instrumentos: observação participante e notas de campo. A prática educomunicativa foi realizada durante 10 encontros com os sujeitos, no horário das aulas, para produção no blog, considerando os seguintes critérios que determinaram a prática: a) *Tema gerador* – O tema gerador escolhido pelos sujeitos foi a defesa dos animais; b) *Ferramenta* – além de aprender a usabilidade do blog, suas possibilidades de interação e comunicação, durante a prática, os estudantes refletiram sobre sua função social; c) *Produção* - construção e produção de textos para divulgação no blog, a partir de subtemas escolhidos por cada estudante; d) *Avaliação* – a cada encontro procurávamos avaliar e refletir sobre as produções no blog.

Intervenção

A intervenção foi aplicada durante 10 encontros conforme as etapas apresentadas na fase da coleta de dados e visaram promover a ação educomunicativa através da produção individual colaborativa no blog. Nesses encontros, foi realizado o registro fonográfico e as notas de campo, a fim de identificar o comportamento dos participantes em cada uma das etapas do

processo de produção. Foram definidas etapas que ajudaram na condução da prática educacional buscando enfatizar mais o processo do que o produto. Foram definidos também os objetivos de cada etapa e a metodologia a ser adotada em cada encontro.

- **Tema Gerador:**

Nesta etapa, aconteceram as discussões sobre o tema a ser escolhido junto com os participantes e a reflexão sobre sua importância midiática. O objetivo foi o de possibilitar estudo e reflexão sobre a temática de abordagem e escolher tema e nome do blog.

1º Encontro: Apresentação da proposta, discussão e escolha do tema, reflexão sobre a temática, escolha do título, e definição de temáticas individuais. Metodologia: Roda de conversa.

O tema geral do blog criado na prática educacional estudada, referiu-se à defesa dos animais. Dentro deste universo, os sujeitos escolheram os seguintes subtemas, com os quais tinham afinidade para direcionar suas postagens individuais: violência contra os animais; amor pelos animais; animais amigos; raças amigas; cachorros; coxas e moda pet.

- **Ferramenta**

Nesta etapa, houve o estudo e a reflexão sobre a mídia utilizada. Também houve o acesso aos saberes em Educação e à funcionalidade do blog. Foram quatro encontros nesta etapa. O objetivo foi o de levar os estudantes a conhecer a respeito da ferramenta e pensar sua função social.

2º Encontro: Ensino do passo a passo para utilização da ferramenta. Criação de um email e do blog para acesso de todos os participantes, a partir do tema e nome decididos. Metodologia: acesso e uso dos computadores para explorar o serviço do blogger.

- **Produção**

Nesta etapa, aconteceu o desenvolvimento do tema e a publicação dos textos das crianças no blog. Durante o tempo reservado para a intervenção cada um publicava a partir dos seus subtemas e colaborativamente pelo tema

em comum.

Do 3º ao 9º Encontro: O intuito destes encontros foi o de possibilitar a escrita individual e a colaboração estimulando as crianças a escreverem a partir do tema escolhido.

Metodologia: postagens no blog.

3º Encontro

Metodologia: praticar e explorar o que foi apresentado no encontro anterior.

4º Encontro

Metodologia: propor e estimular as crianças a escreverem individualmente no blog um texto dentro do seu subtema.

5º Encontro

Metodologia: propor e estimular as crianças a escreverem individualmente no blog um texto relacionando o tema geral ao individual.

6º Encontro

Metodologia: comentar as postagens dos colegas.

7º Encontro

Metodologia: propor pesquisa e análise de noticiais na postagem.

8º Encontro

Metodologia: cada participante deverá abrir um debate no ambiente a partir da sua opinião sobre o seu subtema.

9º Encontro

Metodologia: escrever um texto sobre a sua experiência com o blog.

- **Avaliação**

Esta etapa consistiu na avaliação da escrita desenvolvida na etapa da produção.

10º Encontro: Buscamos a reflexão dos participantes em relação ao papel que a prática educacional teve em suas vidas. Metodologia: roda de conversa e postagem de opinião no blog, sobre a oportunidade de escrever na mídia digital.

Como se tratou de uma intervenção, a realização da prática nem sempre aconteceu conforme o planejado para cada encontro. A falta de disponibilidade de computadores e internet são alguns dos fatores que impediram em certos momentos a condução da metodologia. Também tivemos que competir com

atividades paralelas da escola e horários de saída antecipados, que resultavam numa produção feita às pressas e sem aprofundamento na reflexão.

4ª) *Preparação do relatório* – O relatório deste estudo consiste nas descrições e comentários a partir das categorias analisadas, descritas no capítulo Quatro.

3.5 Instrumentos e procedimentos de análise

Depois da coleta, ou seja, da realização da prática educomunicativa, partimos para a análise e interpretação dos dados. Tivemos à disposição duas bases de dados: os textos do blog e as notas de campo. As análises foram feitas por base de dados, mas buscando relacioná-las às categorias relativas aos objetivos da pesquisa. Segundo a literatura consultada, esse processo é composto por três fases, segundo Gil (1989) e Marconi e Lakatos (2003): estabelecimento de categorias, codificação e tabulação.

Trabalhou-se com análise de conteúdo para tratar os dados, considerando que

[...] constituir uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise [...] ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (MORAES, 1999, p. 2).

Como instrumento de análise, para a produção dos estudantes no blog, contamos com o apoio do software Atlas TI na sua versão 6.0.

Moraes (1999) organiza a análise de conteúdo em cinco etapas: 1) *Preparação das informações*: depois da coleta, esta etapa consistiu na leitura e transcrição do material, para identificação e seleção dos dados mais relevantes para atender aos nossos objetivos. As notas de campo e as publicações do blog foram organizadas e processadas nesta etapa, para posteriormente serem submetidas aos processos de análise. 2) *Unitarização dos dados*: nesta etapa as fontes de dados (blog e diários de campo) foram analisadas para identificar as chamadas *unidades de análise* correspondentes à pesquisa. No caso, manifestações escritas e ações durante a prática. 3) *Categorização dos dados*: como nesta pesquisa optou-se por definir categorias *a priori*, de acordo com os

objetivos, os dados foram separados a partir de suas semelhanças.

Olhando para as fontes de dados e para as categorias, dividimos a análise em dois momentos: **análise do processo e análise do produto**. No Atlas Ti, cada unidade de análise identificada foi relacionada às categorias adequadas; 4) *Descrição*: a descrição dos resultados da análise do processo (feita a partir das notas de campo), e da análise do produto (feita a partir dos textos do blog) encontra-se no capítulo posterior e 5) *Interpretação*: consistiu na construção de comentários sobre os dados relacionando-os aos objetivos, ao referencial teórico e à nossa hipótese.

3.6 Categorias de Análise

A definição de categorias *a priori* é uma das fases da análise de conteúdo. Para defini-las, olhamos para o objetivo geral da pesquisa que consiste em analisar como a colaboração, numa prática Educomunicativa, contribui para a autoria em estudantes no final do primeiro ciclo do ensino fundamental. As três categorias a seguir estavam presentes no problema da pesquisa, assim como nos objetivos específicos.

3.6.1 Autoria

Para discutir esse elemento partimos de estudiosos da sociologia que abordaram esse tema muito antes de ferramentas como o blog existirem, e que o apresentaram pela perspectiva da literatura ou da ideia de obra. Aqui, com um corpus bem diferenciado, dialogamos com esses autores redesenhando a autoria a partir do nosso objeto.

Na revisão bibliográfica, verificamos que quando o tema é abordado, são recorrentes as vozes de Barthes (1988); Foucault (1992 e 2004); Chartier (1999) e Bakhtin (2003). São eles os responsáveis por introduzir uma concepção de autor, em que ele é pensado como produto de uma construção histórica e portador de uma funcionalidade discursiva. O indivíduo não é mais autor, e a autoria é um fenômeno complexo, perpassado por várias instâncias ou conceitos, tais como o autor-criador em Bakhtin, o escritor em Barthes e a função-autor em Foucault.

Na busca por uma definição apropriada ao universo desta pesquisa, nos deparamos com a de Foucault: “A singularidade marca o discurso que se destaca da massa discursiva e expressa a individualidade do autor; por meio dela se identifica o autor” (FOUCAULT, 2004 apud RICARDO; VILARINO, 2011, p. 63).

Dessa definição, extraímos os dois elementos que buscamos nas produções dos sujeitos no trabalho de identificação de textos autorais: a singularidade e a individualidade.

Já Bahktin (2003) conceitua a autoria como um ato de criação artística que se manifesta através da obra usando a palavra como ferramenta. Há ainda outra importante contribuição de Bahktin presente na própria ideia de dialogismo: na visão deste teórico, o autor é a força organizadora que dá forma à matéria por meio do estilo, adaptando a palavra a determinados padrões estéticos. O processo relacional primário do autor-artista-criador é com o dado imediato da vida e do mundo, com o conteúdo. Sua relação com a palavra é secundária. A palavra, quando trabalhada, é expressão do mundo dos outros e expressão do autor. Assim, a obra de arte (no caso o texto publicado no blog) é um acontecimento artístico, vivo, único e singular.

Chartier (1999) traz a diferença entre escritor e autor: *writer* é aquele que escreveu alguma coisa; e *author* é aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto (CHARTIER, 1999). Não diremos que, para ser autor, basta ter algo a escrever, mas, reconhecemos, mais uma vez, que é o autor o responsável pelo que diz. No entanto, se na época de Chartier, um autor para sê-lo de fato precisava de tempo para escrever, de um espaço e investimento para publicar, além da credibilidade para tal, com as facilidades de publicação na internet, a importância autoral deixou de residir tanto no nome do autor. Mesmo sem dispor de muito crédito, ele pode ser autor (e nem entraremos na discussão do conteúdo disponibilizado na net, que, mesmo que não seja considerado bom, não o exclui do ato autoral). A rede permite a concepção de milhões de autores por hora, ou minutos. O próprio Chartier (1999) abordou a revolução eletrônica e sua interferência nas maneiras de ler e escrever no meio digital, salientando a participação do leitor no texto eletrônico.

A partir de uma análise do meio em que é veiculada a mensagem (especialmente o computador que submete a informação ao tratamento da

digitalização), Fortunato (2003) apontou os procedimentos de autoria na cultura digital, que são: a) reprodução da informação - “reproduzimos som, texto, imagem, e qualquer tipo de informação digital. Todo discurso da cultura digital submete-se a esse procedimento de organização e controle porque toda informação digital é suscetível de reprodução” (FORTUNATO, 2003, p. 118); b) autoria centrada na sintaxe; c) identidade obscurecida: identidade coletiva.

Sem negar a importância dos filósofos modernos, foi em Sírío Possenti (2002), um linguista contemporâneo, que encontramos os caminhos metodológicos para identificação de traços de autoria nos textos feitos no blog dos sujeitos desta pesquisa. Inclusive é uma preocupação de Possenti (2002) a identificação de autoria em textos escolares. Com o objetivo de tornar a noção de autoria objetiva, ele destaca os conceitos de locutor (expressão que designa o “falante” enquanto responsável pelo que diz) e o de singularidade (na medida em que, de algum modo, serve para chamar a atenção para uma forma um tanto peculiar de o autor estar presente no texto).

Possenti (2002) aponta que o caminho que leva ao encontro do autor não é solitário, mas composto por marcas de autoria. Um texto com sentido suficiente para revelar um autor está relacionado a elementos de cultura, de relação com outros discursos e com crenças. É pertinente o que o autor chama de “um ponto de vista que exija subjetividade para que haja autoria” (p. 111), pois leva à reflexão da subjetividade necessária a todo texto, a toda arte. Possenti propõe assim, que o autor reside no sentido.

... ela nem cai do céu, nem decorre automaticamente de algumas marcas, escolhidas numa lista de opções possíveis. Trata-se de fazer com que entidades e ações que aparecem num texto tenham exatamente historicidade - seja o barco, seja o menino, seja o ancoradouro, sejam suas lembranças, seja o medo de morrer de barriga cheia. Trata-se de eventos e de coisas que têm sentido (POSSENTI, 2002, p. 112).

Para o autor, as verdadeiras marcas de autoria são da ordem do discurso, não do texto ou da gramática. As marcas de autoria não residem na disposição da forma, mas no diferencial que esta mesma forma propõe. As escolhas só produzem efeitos de autoria em conformidade com o contexto social, conhecido e vivenciado pelo leitor.

Há indícios de autoria quando diversos recursos da língua são agenciados mais ou menos pessoalmente - o que poderia dar a entender que se trata de um saber pessoal posto a funcionar segundo um critério de gosto. Mas, simultaneamente, o apelo a tais recursos só produz efeitos de autoria quando agenciados a partir de condicionamentos históricos, pois só então fazem sentido (POSSENTI, 2002, p.121).

Nas produções, avaliamos os elementos que Possenti considerou fundamentais para repensar a noção de autoria, incluindo a singularidade de Foucault (2004):

... por um lado, deve-se reconhecer que, tipicamente, quando se fala de autoria, pensa-se em alguma manifestação peculiar relacionada à escrita; em segundo lugar, não se pode imaginar que alguém seja autor, se seus textos não se inscreverem em discursos, ou seja, em domínios de “memória” que façam sentido; por fim, creio que nem vale a pena tratar de autoria sem enfrentar o desafio de imaginar verdadeira a hipótese de uma certa pessoalidade, de alguma singularidade (POSSENTI, 2001, p. 17).

3.6.2 Escrita

Na abertura da discussão sobre a categoria de escrita, deixamos para apresentar uma das mais pertinentes definições de autoria encontradas na nossa revisão bibliográfica. Aguiar (2010) afirma que o autor pode ser definido como um sujeito do texto que não tem uma visão de mundo, por não estar ou não existir no mundo a não ser pela escrita (p.114). Embora a autora disserte sobre o contexto literário, essa essencialidade da escrita na autoria é também visível para a Educação dos indivíduos desde seus primeiros traços textuais.

Nesta pesquisa, a escrita é categoria fundamental por diversos motivos: primeiro, é ela que materializa a expressão dos sujeitos; segundo, ela é o objeto de construção da aprendizagem deles, que estão se alfabetizando; terceiro, ela manifesta a autoria dos educandos, sendo fonte de dados sobre autoria.

Vygotsky (1984) define a escrita como um sistema de representação simbólica da realidade, a qual media a relação dos homens com o mundo. Mais do que a dominação da grafia das palavras, a escrita é, para ele, um produto cultural construído historicamente, e, para adquirir esse produto cultural, a criança passa por um processo bastante complexo, que, segundo ele, inicia-se antes dela ingressar na escola.

Dentro da perspectiva vygotskyana, pode-se dizer que alfabetizar é mais do que aprender a grafia das palavras. Aprender a escrever é construir nova inserção cultural, é aprender uma forma de interagir com o meio no qual o estudante está inserido.

Um aspecto muito peculiar da perspectiva de Vygotsky (1984) que queremos destacar em nosso trabalho refere-se à escrita enquanto mediação cultural. Os sujeitos utilizaram-se do artifício cultural escrita, para interagir através do blog com os colegas da escola e com os possíveis leitores. Isso já lhes dá um novo posicionamento em relação à sua escrita – entra em cena a preocupação com a grafia, o cuidado com a escolha das palavras e das frases.

Neste contexto de aprendizado e alfabetização, Freire (1997) debate a escrita de forma bem mais ampla. Se, para Vygotsky (1984), a escrita é um elemento de inserção cultural; para Freire (1997), ela é também um elemento de transformação. Na concepção do autor, a leitura e a escrita aparecem associadas como momentos de um mesmo processo. Uma simultaneidade que, segundo o autor, está relacionada à concepção do significado da linguagem e da palavra. São uma unidade dialética em que se coloca a leitura como "desvelamento da realidade" e a escrita como "transformação da realidade objetiva".

Sobre esse aspecto da escrita, enquanto transformação da realidade objetiva, Freire (1987), refletindo sobre o homem e sua relação com o mundo, acredita que a escrita representa "o ponto de partida em que o ser humano no processo de hominização começou a escrever a história". A escrita marca a interferência do homem no mundo intencionalmente. A escrita é, assim, desde a evolução do homem, como ser de relação no mundo e com ele, sua própria história nele.

Também ressaltamos a concepção de escrita ligada aos trabalhos de Ferreiro (1985, p. 8), que concebe a escrita como "objeto de conhecimento socialmente construído como sistema de representação da linguagem". Para Oliveira (2012), essas concepções, de Freire e Ferreiro, têm em comum um ponto essencial: ambas veem os sujeitos, desde o começo da ação, como "sujeitos criadores". Isso é muito pertinente ao caráter desta pesquisa, que analisa uma prática que, antes de tudo, coloca os sujeitos na condição de criadores, seja por disponibilizar no blog suas ideias, seja por concebê-las em

forma de textos escritos. Freire explica que

Para ser um ato de conhecimento, o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizados assumem, desde o começo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e a escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem (FREIRE, 1977, p. 49).

As ideias de Freire sobre os processos de leitura e escrita ressaltam aspectos fundamentais das relações sujeito/objeto, consciência/mundo e principalmente a ação do sujeito sobre o mundo. Aguiar (2010), que estuda as duas categorias como objeto (escrita e autoria), ressalta o papel dialógico da escrita e o papel do sujeito na autoria.

... mesmo em se tratando de uma ponte que permite a interlocução entre os homens, a palavra escrita deixa escapar, no ato da enunciação, aquilo que é próprio do sujeito, seu sintoma e sua possibilidade de autoria sobre uma palavra da qual pouco, de fato, parece saber. A relação dialógica, estabelecida por essa palavra, entre os atores do texto (autor e leitor), desse modo, pressupõe necessariamente a criação e recriação do que da palavra escapa, deixando a cargo do escritor que se faz sujeito-autor viver seu papel ativo justamente no vazio daquilo que escreve. É no jogo da linguagem, de ditos e calados, de vazios e ausências, de faltas e sentidos, que há a construção da própria linguagem e de tudo o que disso possa demandar (AGUIAR, 2010, p. 114).

As concepções apresentadas mostram que a escrita é um elemento que depende da ação dos sujeitos sociais e não apenas do sujeito que escreve.

3.6.3 Colaboração

A metodologia educacional é, antes de tudo, colaborativa. Não poderíamos deixar de destacar e analisar a colaboração. A princípio, vamos pensar o termo no seu sentido mais comum - trabalhar com uma ou muitas pessoas numa obra, colaborar trata de operar juntamente com alguém (dicionário online). O conectivo (com) dá a esta categoria um sentido direcionado. Não se trata de pessoas trabalhando ao mesmo tempo, nem no

mesmo lugar, mas de trabalharem *com* as outras e, neste caso, com a mesma finalidade.

Quando esse conceito é apresentado, os autores geralmente se preocupam em distinguir a colaboração da cooperação (embora alguns os tenham como sinônimos). De acordo com Barros (1994), cooperação é um trabalho de co-realização. Enquanto o conceito de colaboração, envolve o trabalho coletivo visando alcançar um objetivo comum.

Para Tijiboy:

O conceito de cooperação é mais complexo que o de interação e de colaboração, pois, além de pressupor ambos, requer relações de respeito mútuo e não hierárquicas entre os envolvidos, uma postura de tolerância e convivência com as diferenças e um processo de negociação constante. (...) a diferença fundamental entre os conceitos de colaboração e cooperação reside no fato de que para haver colaboração o indivíduo deve interagir com o outro, existindo ajuda – mútua ou unilateral. Para existir cooperação deve haver interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas (TIJIBOY et al, 1999, p. 19).

Trazemos esses autores para sustentar que, no nosso estudo, os sujeitos se encaixam nos papéis de colaboradores e também de cooperadores. E trata-se, sim, de uma colaboração por um propósito em comum, pois se o colaborador é aquele que ajuda o outro em suas funções, ele compartilha com o outro essas mesmas funções.

Paul Brna (1998) afirma que, apesar de existirem diferentes significados associados ao termo colaboração, esses significados são frequentemente associados com objetivos educacionais bastante diferentes. Entre as questões de maior significância para o autor estão: 1. Se a tarefa é dividida em partes controladas por diferentes colaboradores ou se a colaboração requer um esforço sincrônico, sem nenhuma divisão de tarefa; 2. Se a colaboração é vista como um estado ou como um processo; 3. Se a colaboração é um meio para o fim de aprender alguma esfera de domínio ou se a colaboração é, em algum sentido, o fim em si. 4. Se os participantes em uma colaboração estão cientes da existência de uma relação contratual formal ou não (p.02). Sobre a questão 3, o autor descreve o que chama de estado colaborativo. Para o autor, a colaboração deve ser considerada tanto como um estado como um processo. Então, os participantes cooperaram em um processo e mantiveram a

colaboração como um estado (BRNA, 1998, p. 3).

Paula (2003) afirma que a natureza da colaboração se assenta, essencialmente, em quatro pilares que sustentam um efetivo processo de colaboração. Estes quatro pilares são o diálogo, a negociação, a mutualidade e a confiança.

Não poderíamos deixar de citar Pallof e Pratt (2002) para discutirmos os aspectos da dependência e da interdependência. Eles afirmam que, quando os alunos trabalham em conjunto, isto é, colaborativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes (PALLOF e PRATT, 2002).

A busca pela independência dos educandos permeia a atuação dos educadores na fase escolar dos sujeitos aqui estudados. Uma busca pela independência textual e cognitiva. A própria colaboração exige independência e o domínio da autoria também. Então, a interdependência é muito mais uma questão de necessidade de outrem (para isso existir é necessária a ação de outro alguém) e essa interdependência gera a independência do aprendiz, que, por causa da ajuda do outro, percebe o que é possível fazer com seus próprios meios. Cabe aos educadores o desafio de criar essa interdependência/independência com tarefas e atividades colaborativas.

Vygotsky (1987), um dos filósofos da Educação que fez importantes considerações sobre o termo, trabalha a colaboração como propulsora do conhecimento, ou seja, “a colaboração entre pares durante a aprendizagem pode ajudar a desenvolver estratégias e habilidades gerais de solução de problemas através da internalização do processo cognitivo implícito na interação e na comunicação” (VYGOTSKY, 1987, p. 17).

Para o autor, esse socializar desenvolve a inteligência, porque toda função superior sempre aparece primeiro no plano interpessoal, passando posteriormente ao plano intrapessoal, através de um processo de internalização em que a linguagem ocupa um papel fundamental. Ou seja, é a colaboração que permite a construção de conhecimentos. Na troca com outros sujeitos e consigo próprio, o sujeito internaliza o saber, papéis e funções sociais. Na prática analisada, olhamos para a colaboração como interação entre os participantes, socialização do conhecimento e ajuda mútua em torno de um objetivo em comum.

CAPÍTULO 04

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Sendo o objetivo geral deste trabalho é analisar como a colaboração, numa prática educomunicativa contribui para a autoria em estudantes do Ensino Fundamental, além de realizar a prática e criar o blog, foi necessário desenvolver a pesquisa sobre cada aspecto que envolve a questão norteadora, estabelecendo conexões entre eles. Assim, o objetivo geral foi desmembrado nos seguintes objetivos específicos: identificar elementos caracterizadores de uma produção **autoral**; identificar as potencialidades do **blog** para o desenvolvimento da **escrita** na fase escolar estudada; indicar implicações da **colaboração** na fase escolar estudada (final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental), com base em práticas educomunicativas. Sendo assim, a análise do processo educomunicativo e das produções dos estudantes foi realizada com base em três categorias de análise escolhidas *a priori*: autoria, escrita e colaboração. Essas categorias não estão desligadas umas das outras, como o próprio objetivo geral sugere. Tanto na análise quanto nas discussões dos resultados, é inevitável destacar as relações entre elas. Para preservar a identidade dos sujeitos que ainda são crianças, utilizaremos pseudônimos ao invés dos seus nomes verdadeiros.

Figura 1 - Blog



4.1 Análise do processo

A partir das observações dos diários de campo analisamos a autoria, a escrita e a colaboração dos sujeitos durante o processo. Identificamos perfis, estratégias e comportamentos dos sujeitos e do pesquisador que direcionavam ou influenciavam esses três fatores durante a prática educomunicativa.

4.1.1 Autoria

Nas observações identificamos dois perfis de estudantes: os considerados autorais e os não-autorais. Ressaltamos que ser autoral ou não-autoral foi resultado das observações presentes nas notas de campo, que durante a análise receberam um olhar diferenciado. O que num primeiro momento era considerado não-autoral, posteriormente foi avaliado como marca de autoria (repetição). Aqui, partimos do que é proposto pelas notas de campo.

Assim, o primeiro grupo, **estudantes autorais**, apresenta as seguintes características:

São colaborativos - influenciam a produção dos colegas com palpites e dicas:

- Maria Eduarda e Helena escreveram juntas. Natália ajudou e influenciou a maneira como as colegas escreveram – percebemos que a forma como o texto é conduzido é muito parecida.... a colega ajudou-as a começar o texto e também ajudou-as na pesquisa.
- ...a influência da terceira colega marca o texto das duas. Percebe-se que a mesma estratégia foi usada.
- recebeu ajuda de Iago que ditava enquanto ele escrevia.
- ... suas sugestões foram essenciais para o texto da colega Helena, que por sua vez lhe ajudou a digitar.
- Escreveu de forma independente, mas contou com a ajuda dos colegas na elaboração.
- Ele é muito colaborativo. Ajudou os colegas a digitar de forma “correta” e também os ouviu durante a sua produção acatando novas ideias.

São proativos - autonomia na determinação de ideias que conduzem sua produção individual:

- ... escreveu o primeiro texto, se apresentando, pesquisou uma foto na net e postou no blog.
- Pesquisou e Escolheu uma foto para postar de forma autônoma.
- Se apresentar, dizer do que vai tratar seus textos, são traços de autoria neste momento.
- Os estudantes estavam mais autônomos em relação às ideias que pretendem postar.
- trocou a imagem de fundo - pediu minha ajuda para utilizar o caminho certo no blog.

São contínuos - seguem um estilo que prevalece a cada encontro

- ela havia escolhido o tema Cachorros Amigos, mas sua postagem foi escrita a partir do que ela tinha produzido no primeiro encontro.
- foi muito independente e proativa na escrita, já começou mostrando que sabia o que ia escrever, mas, seguiu o mesmo estilo das postagens anteriores se novos traços de autoria e colaboração
- conduziu seu tema de forma autônoma apresentando os mesmos traços das suas postagens anteriores, como se fosse uma continuação.

São progressivos – apresentam atitudes novas

- Escolheu uma notícia para postar e comentou. Depois ela desenhou uma borboleta. Afirmou que aquela imagem deveria ir para o blog. Perguntou como...
- Em sua postagem fez referência à postagem do colega sobre os coalas;
- Apresenta um novo traço de autoria quando opta por escrever sobre patos, e admite que não tem mais o que escrever... é bastante colaborador induzindo o colega a seguir o seu estilo, (citando um site no final do texto).
- Ele identificou, com a ajuda dos colegas, o que interessava ao seu tema, e desenvolveu o seu texto, listando as características dos cães.

São repetitivos

- Como nas suas produções anteriores apresenta frases curtas, gosta de mudar as cores das letras.
- Apresenta um texto muito repetitivo (repete sentenças) como nos posts

anteriores.

Foram identificadas as seguintes características dos sujeitos considerados **não autorais**:

São dependentes – necessidade da ajuda de um colega, outro colaborador ou suporte;

- recebeu ajuda de Iago que ditava enquanto ele escrevia.
- Escreveu no caderno e depois reescreveu no blog...
- ... continua pedindo a ajuda de Nathaly, mas, ela já demonstra que tem em mente sua ideia de texto, diferente dos primeiros encontros.
- contou com a colaboração do pesquisador na escolha do site (Wikipédia), e com o colega para localizar o local de postagem.
- Pedi que pensasse no seu tema, escrevesse no papel para tentar postar no próximo encontro. Inclusive quem sugeriu o tema dela foi a colega Maria Eugênia, quem também começou a escrever o texto para ela no blog, Nathaly continuou mas, não concluíram.

São repetitivos

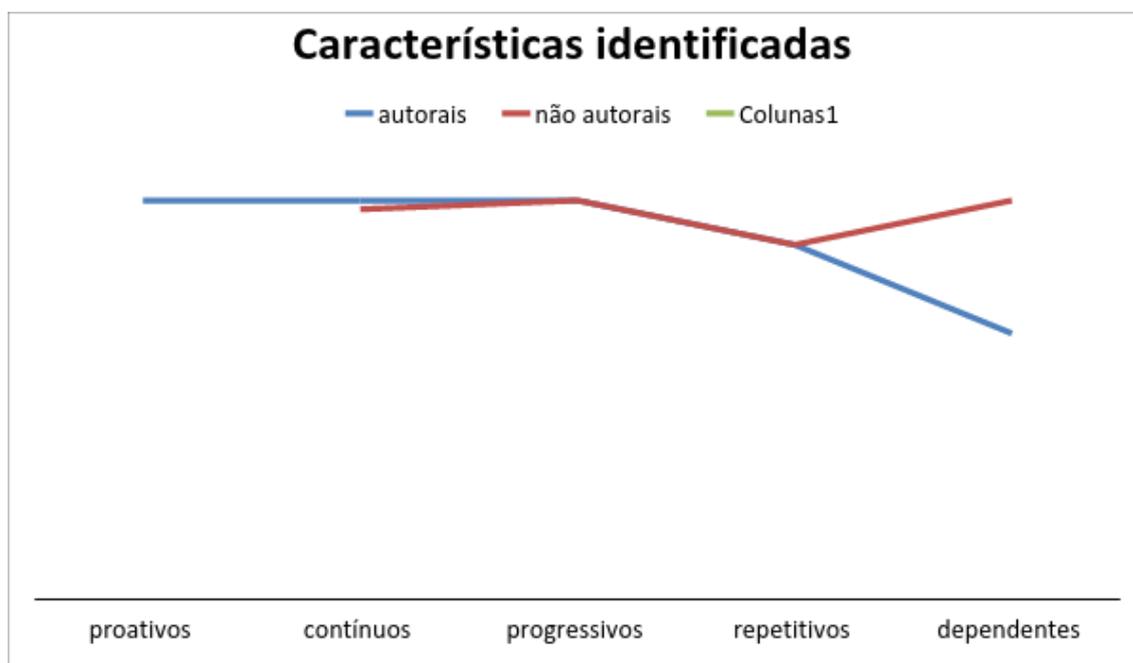
- ... não quis comentar sobre a notícia. Escreveu utilizando a mesma estratégia das produções anteriores.
- A falta de informação sobre o tema impede que ela escreva mais, seu texto é só uma reafirmação do que já foi postado. E como nos encontros anteriores a colega Nathaly ajuda e dá ideias quando ela está produzindo.

São progressivos

- *“no início a gente fazia pouco, depois a gente foi fazendo mais bom, e reproduzindo melhor. Foi bom o começo e o fim, mas no começo eu não tava aprendendo muito não, aí depois eu fui aprendendo. aprendi a falar sobre os cachorros, a falar sobre o assunto”.*
- Escreveu de forma independente (um incentivo do encontro anterior quando precisou da ajuda do colega para criar as frases). Desta vez desenvolveu seu texto sozinha, mas repetiu as informações. Não colaborou nem recebeu colaboração dos colegas neste encontro.
- No 9º encontro como foi definido o assunto da postagem - achei que

eles estavam tendo um comportamento mais autoral frente ao blog, com mais liberdade para expressar ideias.

Figura 2 – Características ligadas a autoria



4.1.2 Escrita

A vivência da prática proporcionou aos estudantes o desenvolvimento de alguns critérios para a escrita. Foram identificados os seguintes critérios:

Parceria com um colega

- As duas tem dificuldades no uso do computador, e recorrem a mim e aos colegas quando precisam. Contaram com a colaboração e ajuda de Nathaly. A colega ajudou-as a começar o texto e também a fazer a pesquisa da imagem para postar. A influência da terceira colega marca o texto das duas. Percebe-se que a mesma estratégia foi usada.

Obtenção de sugestões

- Levados pela curiosidade perguntam como copiar - link do blog - ctrl + C = divulgam o blog no próprio blog. Nathaly aprende e ensina a Maria Eugênia a postar com um link. O botão de adicionar link é explorado

neste encontro.

- Todos se ajudaram com a escrita, perguntaram como mudar a cor do texto, aprenderam a copiar e colar...

Pesquisa na internet

- Pesquisou na internet antes de escrever. Escreveu a partir da pesquisa sobre cachorros da raça pastor alemão. A partir da pesquisa ele demonstrou autonomia e decisão sobre o seu texto. Ele identificou, com a ajuda dos colegas, o que interessava ao seu tema, e desenvolveu o seu texto, listando as características dos cães. Escreveu de forma independente, mas contou com a ajuda dos colegas na elaboração.

Proposta preestabelecida pelo educador

- Para este encontro eu levei pesquisas impressas retiradas de blogs, a partir do assunto de cada um com o objetivo de instigá-los a enriquecer os seus textos tendo mais conteúdo. Não teve o resultado esperado, os que já escreviam com mais características autorais permaneceram do mesmo jeito, independente dos textos levados.
- Neste encontro trabalhamos a página do blog destinada às notícias. Também propomos que eles comentassem as postagens dos colegas que eles gostassem.
- Foi proposto que na postagem eles escrevessem sobre a experiência com o blog ... como foi definido o assunto que direcionou a postagem, achei que ele estavam tendo um comportamento mais autoral frente ao blog, como mais liberdade para expressar ideias

4.1.3 Colaboração

Subcategorizamos as formas de colaboração vivenciadas na prática educacional. Localizamos nesta prática três tipos de colaboração, que foram divididas como subcategorias de análise: *colaboração espontânea*, quando parte do estudante diante de um possível problema que a colaboração poderia resolver; *colaboração proposta*, quando sugerida por alguém além dos estudantes, devido à atividade no blog ou pelo pesquisador; e *colaboração*

fundamental, quando todos agem em função dela, mas não a percebem em sua complexidade.

Colaboração Espontânea

Chamamos de espontâneas as ações colaborativas que partem do estudante quando este se encontra diante de um possível problema que a colaboração pode resolver. Sendo assim, destacamos aqui a colaboração que parte dos estudantes. A ideia de promover uma prática educomunicativa requer potencializar a comunicações, o que facilita comportamentos colaborativos em todo o processo de utilização das tecnologias, na direção do objetivo comunicativo do grupo.

A vivência da prática proporcionava colaboração espontânea em diferentes situações, inclusive questões técnicas como mudar a cor do texto. Pode-se cooperar com alguém ensinando-o a fazer ou fazendo junto com ele. A prática analisada, principalmente o ensinar dos estudantes aos seus colegas, revelou-se como colaboração espontânea.

Com base nas observações descritas nas notas de campo, foi possível verificar a relação entre autoria e colaboração espontânea. Os alunos mais autorais são os mais requisitados e dispostos a colaborar.

- 1) A estudante Nathaly, no 1º encontro, colaborou com as colegas Helena e Mª Eugênia ensinando-as a pesquisar a imagem que seria publicada e dando-lhes dicas para iniciar o seu texto. O resultado foi que as marcas de autoria de Nathaly foram transferidas para a postagem das colegas, de forma sutil, mas marcante.
- 2) Entre os sujeitos existia um grupo que via dificuldades em desenvolver conteúdo para o blog – eles não tinham ideias de como desenvolver o texto. Essas dificuldades estão relacionadas à falta de intimidade com o assunto escolhido, e ao histórico de dificuldades anteriores desses alunos com a escrita, mesmo em papel. E a colaboração permitida pela prática ajudou esse grupo a mudar sua postura frente à escrita, se compararmos suas produções no decorrer da prática (mostraremos posteriormente o caso de Thayane e Helena).
- 3) Havia também o grupo dos mais procurados para ajudar: os alunos mais autorais, mais proativos e independentes. E aqueles que tinham por

característica pessoal a iniciativa de ajudar um colega sempre que possível. Dentro deste quadro, os casos em que os alunos procuravam os colegas para os ajudarem.

Quadro 4 – Colaboração durante a prática

Mais proativos para colaborar	Mais procurados para colaborar	Mais dependentes de colaboração para escrever	Mais independentes de colaboração para escrever	Mais autorais
Nathaly	Nathaly		Nathaly	Nathaly
Iago	Iago			Iago
Eweline	Eweline		Eweline	Eweline
Daniel	Daniel			Daniel
		Thayane		
		Heloisa		
Washington			Washington	

Fonte: Elaborado pela autora

- 4) Maria Eugênia e Helena escreveram juntas. Nathaly ajudou e influenciou a maneira como as colegas escreveram; percebemos que a forma como o texto das colegas é conduzido é muito parecida com o texto de Nathaly, produzido anteriormente.

Da mesma forma, Nathaly pedia ajuda das colegas nas dúvidas sobre o formato da postagem ou grafia das palavras. Pedia também ajuda dos colegas, em caso de dúvidas com a pontuação, mas sabia desenvolver seu texto sem pedir ajuda. Já suas colegas Helena e Eugênia precisaram de um empurrãozinho dela para desenvolver o próprio conteúdo do texto. Ela ajudou-as a começar a produção e também a fazer pesquisas de imagens na internet. A influência da terceira colega marca o texto das duas. Uma das notas de campo com observação de Nathaly diz: *sentou com Helena. Naquele dia influenciou mais os colegas do que foi influenciada.*

- 5) Por vezes, temos colaboração espontânea em torno de questões técnicas. Daniel, por exemplo, precisou de ajuda dos colegas para a digitação (apenas no primeiro encontro), mas a sua ideia de conduzir o texto foi independente. Yuri contou com a colaboração do pesquisador na escolha do site de pesquisa, e com um colega para localizar o local de postagem no blogger e recebeu ajuda de Iago que ditava enquanto ele escrevia. Iago sempre procurava colaborar com os colegas na digitação e contava com eles durante a sua produção, ouvindo sugestões.
- 6) Outro exemplo de colaborações vemos em Washington. Ele é bastante colaborador, induzindo os colegas a seguirem o seu estilo. Ele identificou, com a ajuda dos colegas, o que interessava ao seu tema, e desenvolveu o seu texto, listando as características dos cães. Escreveu de forma independente, mas contou com a colaboração dos colegas na elaboração. Mateus colaborou com ideias para o texto de Thayane.

A partir destas observações, concluímos que a colaboração espontânea foi essencial para a determinação das ações **criativas e autônomas** dos estudantes. É através deste tipo de colaboração que um autor estimula outros autores. Os princípios da Educomunicação que regem a prática propiciam a colaboração espontânea dos indivíduos, mostrando que a participação individual e coletiva é essencial ao aprendizado.

O caso de Thayane

Vale ressaltar um fato interessante na prática analisada, que se refere ao caso da estudante Thayane. Como os demais, ela se interessou em participar da prática que explorava a tecnologia no seu ambiente escolar, mas era visível sua dificuldade em escrever no blog.

Considerada uma garota que não produzia, nem na sala de aula, nem no laboratório de informática, no primeiro dia da prática, sentada diante do computador, olhava para a página de publicação de postagem, sem saber como começar. Abrimos o blog para que ela apenas o alimentasse com suas palavras, mas ela não conseguiu escrever nada. Uma colega, Maria Eugênia,

sugeriu que o seu tema fosse sobre os gatos, devido à visível preferência dos colegas pela abordagem sobre cachorros, e ela concordou. Tentamos ajudar: *escreva o que os gatos fazem, o que você gosta neles*. Ela continuou sem conseguir desenvolver uma única frase, até que uma colega decidiu ajudá-la dando o passo inicial, escrevendo para ela na página que estava aberta. Ali, uma ajudou a outra, dando ideias de frases, de textos. A assinatura daquele primeiro texto era a de Thayane, mas teve muito pouco dela. No entanto, a participação dos outros foi essencial para suas próximas produções.

- Thayane não desenvolveu texto. As colegas tentaram ajudá-la, mas ela não conseguiu. Pedi que pensasse no seu tema, escrevesse no papel para tentar postar no próximo encontro. Inclusive quem sugeriu o tema dela (gatos) foi a colega M^a Eugênia, quem também começou o texto para ela, Nathaly continuou, mas não concluíram.
- Com a ajuda de Mateus, Thayane consegue escrever pela primeira vez no blog, seguindo todas as recomendações dele.

Depois deste momento, sua postura mudou. Diante da página, ela passa a escrever sobre os tais gatos. Repete o título em todas as postagens, repete frases, mas não fica mais inerte frente ao computador e não fugiu mais da escrita.

- Escreveu de forma independente (um incentivo do encontro anterior quando precisou da ajuda do colega para criar as frases). Desta vez, desenvolveu seu texto sozinha, mas repetiu as informações. Não colaborou nem recebeu colaboração dos colegas neste encontro (nota de campo).

A colaboração espontânea dos seus colegas foi o combustível para as palavras, antes adormecidas, que aparecerem no blog e pode ter contribuído para a autonomia da estudante. Acreditamos que se a prática se prolongasse por mais um pouco de tempo, sua escrita também ganharia fôlego e tamanho. Mas essa experiência isolada nos mostrou que a colaboração dos colegas é importante nesta fase, inclusive para o desenvolvimento da escrita identificado na categoria anterior.

A partir desta experiência, verificamos que outra implicação da colaboração espontânea numa prática educomunicativa é (neste caso) o desenvolvimento da escrita e a independência textual.

Colaboração proposta

Esse tipo de colaboração acontece quando sugerida por alguém além dos estudantes. Propõe uma ação colaborativa antes dela acontecer, planejando-a, na atividade com o blog ou pelo pesquisador/ educador;

Quando uma colaboração for proposta, deve também ser proposta colaborativamente. Deve ser articulada com os estudantes a melhor forma de todos construírem algo. O ponto de partida para a produção coletiva deve ser decidido em conjunto com os participantes.

A maioria das atividades propostas para esta prática educomunicativa foram preparadas pela pesquisadora. Algumas propostas coletivas e outras para atividades que seriam desenvolvidas de forma individual no blog. Devido a algumas questões do local que interferiam na intervenção, acabávamos por propor no momento da prática, outras atividades que favorecem a colaboração. Ex. como falta de computadores, dois tinham que compartilhar da mesma máquina. Mas poucas vezes propomos que os textos fossem criados em conjunto.

No 9º encontro, a proposta era fazer um texto coletivo, eles deveriam escolher um tema, a partir de uma notícia, e escrever sobre ele. Mas não aconteceu conforme o proposto. Como tiveram que pesquisar a notícia, acabaram escolhendo notícias diferentes e escolheram cada um a que preferia. Alguns, quiseram apenas publicar sua notícia sem comentar; outros, comentaram. Enfim, o objetivo da proposta de produção única e coletiva não foi alcançado. Admitimos que é muito importante esse tipo de colaboração e sempre bem recebida pelos estudantes.

Essa experiência mostrou que uma proposta educativa não faz um colaborador mais do que uma oportunidade de produção, num meio de comunicação em que eles trabalham por um objetivo em comum, mesmo que o produto desse trabalho não seja coletivo. Esse meio pode ser um blog, uma página no facebook ou um programa de rádio ou TV. São meios que, em si, já propõem colaboração, quando regidos por princípios educomunicativos.

Colaboração Fundamental

Esse tipo de colaboração acontece quando existe um objetivo em comum e todos agem em função desta colaboração, mesmo não percebendo sua complexidade.

Na intervenção estudada, cada estudante está seguindo um tema comum, um objetivo comum. Existe um todo para o qual se trabalha que é manifesto no próprio blog.

A colaboração faz parte das relações humanas comuns. Assim como em jogos, que as crianças buscam um mesmo objetivo, isso também acontece numa prática educacional. E semelhantemente ao brincar, na prática educacional, por conta de uma finalidade maior, as crianças colaboram umas com as outras em ações e atividades isoladas.

Figura 3 - Colaboração Fundamental



Fonte: Elaborado pela autora

Na nossa prática, o objetivo maior que as crianças tinham em mente era o de informar e conscientizar os leitores a respeitarem os animais. Diante do computador, essa ação tornava-se uma atividade isolada, mas o objetivo maior, revelado no blog, era coletivo.

Chamamos este tipo de colaboração de fundamental, porque ela regeu toda esta prática: nós tínhamos um objetivo comum, tínhamos como materializar este objetivo comum, mas cada uma precisava colaborar individualmente para que este objetivo se efetivasse.

As crianças envolvidas na prática, e o blog assim pensado como meio de comunicação, permitiu a possibilidade de pensar a informação dentro desse objetivo maior que nós seguimos. Todos foram na mesma direção, na direção da expressão através do meio que nos proporcionou uma colaboração fundamental. A colaboração deu sentido à própria prática. Todos os envolvidos escrevendo por um objetivo comum, um objetivo maior.

A importância de elaborar ações nas escolas que tenham como fim (ou meio) a colaboração fundamental é percebida nesta prática quando vimos que o objetivo seguido é alcançado em consequência desta mesma colaboração.

Ela não é uma colaboração percebida explicitamente, mas torna-se visível através da efetivação da prática. A colaboração fundamental se manifesta em pedidos ao público, como *não maltrate*, *não batam*, etc. Ela é visível na linguagem que se repete, mostrando que os participantes têm em mente um objetivo comum a alcançar e na autoria dos estudantes, e nos seus comportamentos, ocupados com a responsabilidade de conscientizar alguém sobre a pauta escolhida.

A colaboração fundamental possibilita o que podemos chamar de “mãos à obra” a cada encontro da prática - seja escrever, procurar imagens, pesquisar mais informações ou ajudar um colega, tudo será por conta deste objetivo. Os sujeitos são assim, responsáveis pelo que é dito e, principalmente, pelo propósito comunicativo. Atos empenhados pela mesma missão. Tudo estará em volta disso e, a partir dessa colaboração, virão as outras colaborações.

Nota de campo: 1º dia da prática

- Foi montada uma roda de conversa. Este encontro não foi na sala de informática, mas na biblioteca. Pedi que eles sugerissem um tema para o blog. Lembrei que, na entrevista, a maioria deles havia citado que gostava de ler historinhas e sugeri que trabalhássemos um blog com histórias infantis. Acreditei que eles escolheriam escrever sobre contos infantis. A princípio, disseram que escreveriam sobre histórias de terror

(pois estavam vivenciando um projeto com contação de histórias na escola e gostaram muito do tema), Maria Eugênia e Helena queriam escrever sobre moda, mas os meninos não concordaram. Posteriormente, Daniel sugeriu que o tema fosse sobre os animais ou a natureza e foi acatado por todos. Depois, nós tínhamos que definir o título do blog. Danilo sugeriu “Animais Amigos”. A maioria não gostou. Foram sugeridos outros nomes..... Natália sugeriu “Sejam amigos dos animais”, que teve a maioria dos votos. Logo, começaram a surgir ideias de postagens. Alguém sugeriu que uma maquete dos animais fosse feita para postar no blog. Todos concordaram...Alguns alunos escreveram no papel sobre a importância de publicações que trabalhassem esse tema.

Além da cidadania, decorrente do propósito comunicativo, uma das implicações deste tipo colaboração é a responsabilidade que os estudantes têm em relação ao conteúdo.

Quadro 5 – Categorias de Análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE	AUTORES	SUBCATEGORIAS
AUTORIA Capacidade de expressão autônoma com traços de singularidade e individualidade;	(FOUCAULT, 2004) (POSSENTI, 2001)	- personalidade/singularidade - manifestação peculiar relacionada à escrita - domínios de memória que façam sentido
ESCRITA Transcrição	(FERREIRO, 1985)	- títulos - palavras

textual através de palavras e frases	(FREIRE, 1977)	- frases
COLABORAÇÃO	(TIJIBOY, 1999)	- colaboração fundamental
Participação por um objetivo em comum	SCHRANGE (<i>apud</i> COLLIS, 1993)	- colaboração espontânea - colaboração proposta

Fonte: Elaborado pela autora

4.1 Análise do Produto

A partir das produções publicadas no blog, analisamos a autoria, a escrita e a colaboração tentando identificar indícios de autoria, manifestações que marcaram as construções das frases e as escolhas dos títulos e tipos de colaboração que se mostraram nas postagens.

4.2.1 Autoria

Esta análise objetiva responder ao primeiro objetivo específico, que é identificar elementos que caracterizam uma produção autoral na fase estudada. Durante a análise dos dados, foram utilizadas subcategorias que diziam respeito à categoria autoria, que foram definidas *a priori*, a partir dos pressupostos de Possenti (2002) sobre o assunto, utilizando como base de dados os textos escritos no blog.

Para a identificação de características autorais nas produções no blog foram escolhidas três subcategorias, a partir do que Possenti (2002) apontou como indícios de autoria: 1) pessoalidade; 2) manifestação peculiar relacionada à escrita e 3) domínios de memória que façam sentido. Aqui apresentamos as manifestações relacionadas a cada subcategoria e algumas interpretações.

Pessoalidade

Tomamos como personalidade as expressões do autor que vão se repetindo e se acentuando a cada texto. A partir das postagens, podemos encontrar muitos traços de personalidade. Tentamos identificar maneiras particulares dos autores se colocarem, que iam se confirmando a cada postagem.

Quadro 6 - Expressões que se repetem

Sujeito	Principais expressões de personalidade
Washington	- <i>Outras informações no www.washington.com.br</i>
Ewelline	- <i>A natureza e os animais</i> - <i>não maltrate os animais eles são lindos por isso não bata neles</i> - <i>por favor, não maltrate os animais</i> - <i>não batam neles, por favor</i>
Maria Eugênia	- <i>Oi meu nome é Maria Eugênia; eu espero que vocês gostem do que nós vamos mostrar</i> - <i>Eu vou mostrar... eu vou falar sobre...</i>
Iago	- <i>eles não devem ser maltratados</i> - <i>não maltratem os animais porque eles são da natureza</i> - <i>os animais são da natureza por isso não maltratem os animais</i>
Tayane	- <i>Oi meu nome é Tayane eu vim falar dos gatinhos</i> - <i>... eu quero saber sobre os gatinhos</i>
Nathaly	- <i>Não batam nos animais; parem de fazer isso!</i> - <i>gente vocês que batem em animas parem com isso</i>
Daniel	- <i>Animais e a natureza</i> - <i>ajudem a natureza; eu estou ajudando os animais</i> - <i>Querem ajudar eles também; cuidem da natureza</i> - <i>Por favor; sejam amigos dos animais</i> - <i>Ajudem a natureza</i>

Helena	<ul style="list-style-type: none"> - <i>vamos mostrar a imagem</i> - <i>veja as imagens</i> - <i>espero que gostem do que vamos mostrar</i>
--------	--

Fonte: Elaborado pela autora

Algumas vezes parece não fazer sentido, como dizer no final do texto: *mais informações acesse o site: washington.com.br*. No entanto, esse foi o principal traço de singularidade do sujeito que o utilizou, quando escreveu sem a colaboração dos colegas. A indicação do possível link é uma possibilidade fictícia de explorar o blog, que oferece esse recurso e que está na internet, possibilitando a criação de hipertextos. Podemos interpretar que, para ele, o link indica que o problema de falta de informação foi resolvido. Ele acrescenta: *Só tenho isso pra vocês*. Essa frase mostra que o autor precisa estar de posse da informação, mas não significa que, sem ela, ele não apresentará seus traços de personalidade. Tendo apropriação da informação sobressairão mais traços de personalidade do que não a tendo. A partir da memória discursiva eles fazem as escolhas que traçam sua personalidade. Ali está a sua forma particular e pessoal de tratar o tema.

Neste quesito de personalidade é que podemos refletir a questão da revelação do autor – é o texto pessoal que o revela. Quando diz: *não maltrate os animais eles são lindos por isso não bata neles*, a autora leva toda sua personalidade como estratégia de convencimento.

Algumas vezes, as expressões que se repetem são a forma usada pelo autor para explicar o que está fazendo no blog: *eu vou falar sobre, eu vim aprender sobre....* consideramos essa explicação como traço de personalidade não apenas pela repetição, mas por definir que o sujeito está cumprindo um papel na atividade. Muitas vezes essa foi a forma encontrada por eles para começar a escrever e dizer o seu papel no blog.

Antecipar uma ação: *Veja a imagem; Vamos mostrar* é uma atitude que se repete nos textos de alguns sujeitos, caracterizando personalidade. Ou seja, caracterizando a maneira como o autor aparece.

A personalidade da maioria dos sujeitos aparece em forma de pedidos de ajuda e respeito à causa defendida como *por favor Ajudem os animais, Não maltrate, não bata, parem de fazer isso, ajudem a natureza*, revelando que

singularidade é questão de escolher caminhos. Todos pedem, mas de diferentes maneiras. O *por favor* aparece como marca de singularidade de Daniel e Ewelline, o *parem* marca a fala de Nathaly. E assim as crianças vão encontrando formas de dizer o que pensam e que se estabelecem na sua escrita enquanto singularidade, enquanto pessoalidade.

Os elementos caracterizadores de autoria identificados como singularidade são: repetição do tema, repetição da presença (posição) do autor no texto, repetição verbal e repetição de estratégias comunicativas (uso de pedidos, imperativos e imagens).

Manifestação peculiar relacionada à escrita

Consideramos peculiaridade na escrita uma manifestação diferenciada, que se sobrepõe às outras num determinado texto. Para identificar manifestações com traços de peculiaridade relacionadas à escrita, é preciso fazer um exercício de busca também peculiar. Muitas vezes, a peculiaridade está posta pela criança em decorrência da falta de opções, ou de conhecimento de outras formas de escrita. *Ex: a moda pet é muito importante para os cachorros.* Às vezes, a manifestação peculiar reside na simplicidade das sentenças. *Ex. Os gatinhos arranham muito.* Percebemos que o sujeito que apresenta traços de singularidade também ousa com manifestações de peculiaridade.

Quadro 7 – Peculiaridade de Iago

<i>Iago</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>A natureza não pode ser derrubada os animais são amigos de todas as pessoas os animais são quase iguais a gente. Por isso não maltrate os animais</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Os animais não devem ser maltratados porque eles são animais bons e eles não são mal porque eles só tentam se defender dos caçadores e os caçadores tentam matar os bichos das florestas e da região nordeste. Os animais são da natureza por isso não maltratem os animais.</i>

Fonte: Elaborado pela autora

A partir de uma sentença, o sujeito faz o contraponto. Diz e tenta justificar. Como os demais colegas, suas frases são curtas e simples. Há repetição de palavras, as sentenças iniciam com artigos definidos e aparece a conversa com o possível público.

Quadro 8 – Peculiaridade de Nathaly

<i>Nathally</i>
<i>Olá como vocês já me conhecem sou Nathally, a que fez a primeira postagem falo sobre a violência contra os animais. Vocês que batem em animais não batam gente eles não fazem nada porque bate neles gente? eles dão trabalho. Se não tem condição de criar não criem viu gente eu Nathally Vitória da Silva Lima eu tinha um cachorro como esse veja!</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Antes de tudo, a peculiaridade da escrita é vista na autorreferência e na familiaridade que tenta manter com o leitor. O ponto de partida que costuma alimentar suas postagens geralmente é o próprio estudante. O texto nasce, a argumentação surge a partir da sua experiência e nesta posição, escolhem logicamente a primeira pessoa.

Na primeira pessoa, ela milita a favor do seu tema. O termo vocativo *Gente* aparece constantemente como uma tentativa de mostrar familiaridade e coloquialidade com o público. Ela mantém o tom de conversa, repete o objetivo do blog, mas, no último texto, o termo *gente* não aparece. Depois de certa maturidade, quando possui mais conteúdo para argumentar, a autora não recorre a sentenças anteriores. Outro traço recorrente são os verbos no imperativo. *Não batam, parem...* que se repetem traçando um perfil textual.

Quadro 9 – Peculiaridade de Daniel

<i>Daniel</i>
<i>oi meu nome e daniel eu estou ajudano os animais. e vocês querem ajudar eles também? pois si vocês querem ajudar eles, então cuidem da natureza</i>
<i>por favor, me ajudem também. por favor, tá?</i>

Fonte: Elaborado pela autora

A indagação sobre o desejo de ajudar a natureza e a reafirmação desse mesmo propósito marcam os textos. *E vocês querem ajudar eles? então ajudem também a natureza.* Traços interessantes do seu estilo são vistos na escolha por termos dóceis como, *por favor*, e *obrigado*. É como se ele escolhesse conscientizar através de um argumento e de uma conversa amigável.

Quadro 10 – Principais expressões de peculiaridade relacionada à escrita

Sujeito	Principais expressões de peculiaridade relacionadas à escrita	Comentários
Washington	<i>os patos são bravos e ten o bico afiado O pastor alemão são muito inteligentes. Se você quiser aprender a ler acesse o blog sejamamigosdosanimais.blogspot.com.br – referência ao próprio blog.</i>	o pato é..., os cachorros são... frases que apenas caracterizam os sujeitos frasais. Nisso está a manifestação peculiar. Ou na sequência em que o sujeito apresenta uma afirmação e logo após faz um pedido é uma propriedade peculiar de argumentar.
Iago	<i>Eles só tentam se defender dos caçadores e os caçadores tentam matar os bichos das florestas” Não devem ser mal tratados pelos humanos ... as pessoas</i>	característica argumentativa dispendo de dois elementos contrastantes: os animais e humanos (caçadores)

	<i>devem ser amigas dos animais, as pessoas hoje em dia maltratam eles.</i>	
Tayane	<p><i>os gatinhos inteligentes e eles são bonitos também</i></p> <p><i>Eu quero saber sobre os gatinhos</i></p> <p><i>Tenham cuidados dos gatinhos</i></p>	<p>peculiaridade ao relacionar características;</p> <p>peculiaridade ao dizer sua intenção;</p> <p>diferencial ao concluir o texto direcionando-se ao público.</p>
Nathaly	<p><i>Gente vocês que batem em animais parem com isso!</i></p> <p><i>Animais que eu tive eu tinha um cachorro como esse veja!</i></p> <p>Peculiaridade na utilização de recursos da ferramenta</p> <p><i>O que eu aprendi? – esse blog</i> http://sejamamigosdosanimais.blogspot.com.br/</p> <p>Foi feito por uma classe de crianças que aprenderam muitas lições aqui como respeitar os animais”</p> <p><i>Você que está lendo meu texto, eu e meus colegas de classe nós fizemos este blog para trazer o mundo dos animais mais reconhecimento. Feito meu amigo Yuri fala sobre coalas.</i></p>	<p>O termo <i>gente</i> apresenta-se como peculiaridade ao direcionar-se ao público</p> <p>Peculiaridade relação com sua experiência</p> <p>Peculiaridade: narrativa da história do próprio blog</p> <p>Um recurso de singularidade nas manifestações peculiares da estudante é como se ela se apropriasse de função metalinguística – explicando o blog em questão.</p>

Daniel	<p><i>a natureza é importante por que sem a natureza os animais iriam morrer feito o passarinho que precisa de um ninho a coruja mora nos galhos, sem as arvores elas iriam morrer</i></p> <p><i>Por favor me ajudem também</i></p> <p><i>Os animais estão sendo ameaçados pelos humanos e eu estou ajudando eles”</i></p> <p>E vocês querem me ajudar também? então ajudem a natureza</p>	<p>A peculiaridade desta oração está na forma como o autor ilustra seu argumento numa relação lógica e singular.</p> <p>Numa tentativa de trazer o público leitor à sua causa o, por favor, aparece como traço de singularidade e como manifestação peculiar.</p> <p>Manifestação diferenciada que apresenta justificativa.</p> <p>é também um traço de singularidade, mas tomamos como singularidade relacionada à escrita devido a ideia de retomar sua própria postura na defesa dos animais para conversar com o leitor.</p>
Helena e Maria Eugênia	<p>Os animais também fica bonitos sem roupinhas</p> <p><i>Quando eles correm para o nossos braços da vontade de apertar e dá um beijo bem grande</i></p> <p><i>Agora que eu dei essas dicas, respeitem os animais</i></p>	<p>Provavelmente por causa do tema, nas publicações destas duas estudantes percebemos que não há muitas manifestações de singularidade, há mais traços de personalidade que se repetem (para mais características autorais é necessário familiaridade e conhecimento)</p> <p>manifestação resultado de produção colaborativa que vai na direção oposta ao que Heloisa apresentava até então, propondo uma reflexão sobre a necessidade da utilização de roupas nos animais.</p> <p>Essa manifestação presente no texto de Helena foi produzido em colaboração com Ewelline, na verdade reflete o pensamento da colega. É um contexto autoral produzido colaborativamente.</p>

	<p><i>Tentou ajudar as pessoas a amar os animais</i></p>	<p>Manifestação após dicas copiadas de um outro blog, de como o pet pode se vestir, mostrando que a autoria se sobre sai mesmo vinculada a uma cópia.</p> <p>Manifestação singular numa definição sobre o próprio blog</p>
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

A partir desta subcategoria, os elementos que caracterizam uma produção autoral são: presença do autor no texto, justificativa (argumentação), coloquialidade.

Domínios de “memória” que façam sentido

O discurso de proteção aos animais é o local onde os autores estão inseridos. Quando dizem *não maltrate os animais* ou *cuidem da natureza*, as crianças recorrem a um discurso reconhecido e elas fazem suas escolhas para reproduzi-lo, escolhas que marcam as posições de autoria. Neste tipo de autoria, observou-se que os estudantes se apropriam de uma temática e reproduzem um discurso.

Quadro 11 – Manifestações de domínios de memória

Discurso apropriado pelos sujeitos	Proteção aos animais
Sujeito	Manifestações de domínios de memória
Daniel	<i>a natureza é importante porque sem a natureza os animais iriam morrer,</i>

Eweline	<i>Os animais são nossos amigos a natureza não pode ser derrubada os animais são amigos de todas as pessoas</i>
Maria Eugênia	<i>tentou ajudar as pessoas a amar os animais.</i>
Nathaly	<i>O blog foi feito por uma classe de crianças que aprenderam muitas lições aqui como respeitar os animais</i>
Nathaly	<i>fizemos este blog para trazer o mundo dos animais mais reconhecimento</i>
Iago	<i>os animais não devem ser maltratados porque eles são animais bons</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Temas como bondade, defesa e a posição dos animais na natureza são exemplos de memória discursiva que são apresentados como argumentos pelos sujeitos. O tema bondade dos animais é o principal assunto da escrita de uma das autoras. Mesmo quando trata de outra abordagem esse é argumento principal.

O que Nathally, por exemplo, entende do tema que ela escolheu, está relacionado a não bater nos animais e ela reafirma essa questão. Também retoma a sua própria memória textual, como se houvesse uma sequência que o leitor acompanha. Ela retoma e fortalece o que afirmou na postagem anterior. Sua escolha de tema está baseada num contexto muito amplo de violência contra os animais a que a estudante se propõe a tentar mudar. A autora recorre a domínios como o contexto de violência que existe e precisa ser combatido e a sua própria vivência como estudante.

Animais e a natureza. A natureza é importante porque sem a natureza os animais iriam morrer, feito o passarinho que precisa de um ninho a coruja mora nos galhos cem as arvores elas iriam morrer ajudem a natureza. Daniel

Outro tema predominante é o perigo que os animais correm e a dependência natureza x animais / animais x natureza. Embora apareça no Quadro 11 como um elemento menos identificado no texto do que os demais, esse elemento está presente, de forma implícita, em todas as falas dos estudantes. Assim, o que caracteriza a autoria a partir dos domínios de memória é a apropriação e reprodução de um discurso através de escolhas pessoais.

4.2.2 Escrita

A análise da escrita pretende responder ao objetivo de identificar as potencialidades do blog para o desenvolvimento da escrita, na fase escolar estudada. Como desenvolvimento da escrita, nos referimos à riqueza de vocabulário que pode ser gerada (tamanho de frases e número de palavras).

A fim de identificar esse processo de desenvolvimento, nas produções realizadas no blog, essas potencialidades foram estudadas a partir das seguintes subcategorias: títulos, palavras e frases.

Títulos

Essa categoria foi analisada, porque a criança precisa ter uma posição autoral. O título da postagem marca sua decisão como responsável pelas palavras contidas nas postagens.

Quadro 12 – Títulos

Sujeito	Principais títulos
Washington	O leão
Washington	Cachorros e patos
Mateus	Raças amigas
Eweline	Os animais
Daniel	A natureza a e os animais
Mateus	Amigos do chihuahua
Maria Eugênia e Helena	Roupinhas de pets
Helena	Moda de pet
Maria Eugênia	Mais Sabedorias

Iago	Devemos amar os animais
Iago	Amigos do coala
Yudy	Os coalas
Yudy	Os coalas não pode ser maltratados
Thayane	Os gatinhos
Nathaly	Violência Contra os Animais
Nathaly	Animais Que Eu Tive
Nathaly	Animas Ainda Existem !!!
Nathaly	O que eu apredi ???
Daniel	Animais e a natureza
Daniel	A natureza e os animais
Daniel	Sejam amigos dos animais
Maria Eugênia	Roupinhas de pets
Helena	Moda De Pet
Helena	Os animais também ficam bonitos sem roupinhas
Helena	Dicas
Helena	Filhotes de cachorros

Fonte: Elaborado pela autora

As escolhas dos títulos das postagens, independentemente do conteúdo do corpo das postagens, apresentam importantes intenções que marcam a escrita nesta fase. O subtema da estudante Nathaly é a violência contra os animais. Em cinco postagens desta estudante, uma não tem título, a palavra *animais* aparece em 4 dos seus títulos e a palavra *eu* aparece em duas.

Suas escolhas nos títulos mostram que o conteúdo por ela desenvolvido, segue dois pontos de partida: o subtema escolhido e sua própria participação social sobre tal tema. Seu primeiro título é o nome do próprio tema que ela aborda em todas as postagens: *violência contra os animais*; o segundo é *animais que eu tive*, com intenção clara de abordar a violência contra os animais, a partir da sua experiência. As palavras *eu*, que a insere no contexto e personaliza a postagem, e o *tive*, indicam que, além de inserida no contexto,

existe uma história participativa neste contexto.

O próximo título, *animais ainda existem*, tem o objetivo de chamar a atenção para a possibilidade dos animais deixarem de existir. Destacamos o advérbio *ainda*, em que o sentido de alerta reside e o verbo no presente que o segue, *existem* – se não houver uma conscientização da sociedade, um dia os animais poderiam deixar de existir. Seus títulos nem sempre apresentam relação coerente com a postagem, mas neles está marcada uma intenção muito clara de autoria.

Já os títulos de Daniel, são diretos, refletindo exatamente o seu subtema, que trata da relação entre animais e a natureza. Em alguns momentos, ele titula o texto com alguma frase referente à amizade dos animais, mas o que é recorrente em seus títulos é a dualidade. Ele simplesmente reafirma a ligação que um elemento tem com outro – animais x natureza. Um termo muito utilizado nos títulos é a conjunção *e*, ligando termos e assuntos.

Nos títulos das postagens de Iago, o subtema escolhido é “amor pelos animais”. A partir disso, ele titula uma de suas postagens da seguinte forma: *devemos amar os animais*. Ele não apenas se colocou como sujeito da ação de amar os animais, mas colocou a todos (devemos).

O verbo indica sujeitos que estão ligados a uma ação social. Outra de suas postagens é definida como *Amigos do Coala*. A citação ao coala está relacionada ao subtema de um colega, com quem ele colaborou. A postagem que recebe esse título não fala sobre coalas, mas ele o escolheu para colocar nela um sentido de grupo que segue a mesma causa. Como consequência da participação do colega, Iago se autointitula e aos colegas, de “amigos do coala”.

Alguns sujeitos escreveram títulos como esquemas linguísticos diferentes no decorrer da prática; alguns, mantiveram a mesma forma dos títulos das primeiras postagens. Mas a análise dos títulos na prática realizada, mostrou que o desenvolvimento da escrita acontecia em decorrência de dois facilitadores: a colaboração dos colegas e a proposta da postagem, guiada pelo tema gerador.

Com base na análise das escolhas textuais existentes nos títulos, apresentamos a relação do tema gerador com a autoria do estudante como

uma potencialidade do uso do blog, numa prática educomunicativa para o desenvolvimento da escrita.

Frases e palavras

A fim de identificar se a produção dos estudantes apresentava manifestações que evidenciavam o desenvolvimento da escrita, no decorrer da prática educomunicativa, as principais frases de cada participante foram destacadas, tendo em vista a verificação do enriquecimento do vocabulário e a quantidade de palavras na frase.

Quadro 13 – Frases e palavras

Estudante	Subtema	Mensagem principal	Palavras mais utilizadas	Principais Frases
Nathaly	violência contra os animais;	apelo para que o público não bata nos animais;	violência; animais; bater; parem	<i>vocês que batem em animas parem com 'isso!; não batam gente! eles não fazem nada porque bater neles gente?; Se você fosse um cachorro ou outro animal e alguma pessoa batesse em você, ia gostar? Claro que não. Então parem de fazer isso! eu e meus colegas de classe, nós fizemos este blog para trazer o mundo dos animas mais reconhecimento.</i>
Daniel	os animais e a natureza	explica a importância da natureza e dos animais e pede ao público cuidado por ambos.	natureza; animais; ajudar;	<i>a natureza é importante por que sem a natureza os animais iriam morrer; ajudem a natureza; Querem ajudar eles (os animais) também? Então cuidem da natureza; Os animais estão sendo ameaçados pelos humanos e eu estou ajudando eles.</i>
Eveline	animais amigos	pedido que o público não maltrate os animais.	natureza; animais; amigos; maltrate; por favor	<i>os animais são amigos de todas as pessoas; eles são nossos amigos. Também não falem gritando com eles, e não batam</i>

				<i>neles por favor; os animais não podem ser batidos pelos povos porque eles são fraquinhos por favor não batam</i>
Iago	Amor pelos animais	Explica porque os animais não podem ser maltratados	animais; maltratar.	<i>as pessoas hoje em dia maltratam eles, e eles não devem ser Maltratados não devem ser maltratados porque eles são animais bons”</i>
Yudy		apresenta característica dos coalas.	coalas; vivem.	<i>Eles vivem nas árvores, comem folhas, eles são mamíferos; E vocês, não derrubem as árvores não matem os coalas; Os coalas não são ferozes eles são inofensivos.</i>
Maria Eugenia	moda pet	apresentação do tema que vão trabalhar – roupinhas de pet.	pet, mostrar, muito.	<i>eu gosto de roupinhas de pets. Eu espero que vocês gostem do que nós vamos mostrar. moda de pet é muito legal porque os animais ficam muito bonito; Eu vou falar sobre pet é muito legal fica muito fofo em todos os animais.</i>
Helena			pet; roupas, bonitos, cachorros.	<i>moda de pet é muito importante para os animais para que eles fiquem mais glamorosos; Agora que eu dei essa dicas, respeite os animais; para deixar os cachorros mais bonitos e dá uma alegria nos cachorrinhos, os filhotes que é mais bonitos.</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Estudante: Nathaly

Observações: Seguindo o seu objetivo a cada postagem, vemos que a principal escolha textual da escrita de Nathaly é o diálogo com o leitor. Sua escrita sempre trará um pedido e, em alguns momentos, a repetição desse

pedido acontece no mesmo texto. Por isso suas postagens apresentam recorrência de imperativos: *parem, não façam...* palavras como violência e o verbo bater também são recorrentes, porque fazem parte do seu universo temático.

Estudante: Daniel

Observações: Seu texto em tom de conversa apresenta a dualidade natureza x animais – palavras que se repetem. E, como os colegas, seu texto revela que o “eu” está no centro da conversa. Os verbos no imperativo – *ajudem, cuidem...* - revelam a consciência de que há um público. As palavras mais usadas são relativas ao subtema, mas o verbo ajudar também predomina – essa foi a palavra que ele escolheu como mais adequada ao seu objetivo.

Estudante: Eveline

Observações: Semelhante aos colegas, Eveline passa sua mensagem de respeito aos animais pedindo, apelando. Os imperativos recebem um valor bem próprio: *não batam neles, por favor. Os animais são amigos de todas as pessoas; eles são nossos amigos* – sempre parte do princípio da amizade dos animais (seu subtema) – A palavra *não* é muito utilizada em sua escrita, pois ela prefere dizer o que *não* fazer: *os animais não podem ser batidos pelos povos porque eles são fraquinhos, por favor, não batam; Também não falem gritando com eles, e não batam neles, por favor. Por favor* – quebra o tom do imperativo – a frase *os animais não podem apanhar* – transforma-se em *não podem ser batidos pelos povos*: mesmo o verbo no modo reflexivo (em desacordo com a gramática) enfoca o sujeito.

Estudante: Iago

Observações: Como o subtema escolhido por ele foi o amor pelos animais, a ideia inicial é que seriam textos opinativos. Uma frase recorrente no seu texto é: *não devem ser maltratados*. Fica claro que a principal forma de “não amar” aos animais, para ele, é maltratá-los. *As pessoas hoje em dia maltratam eles, e eles não devem ser maltratados – não devem ser maltratados porque eles são animais bons*. Iago usa os pronomes no seu sentido mais usual (no lugar dos nomes) eles – os animais – *porque eles são animais bons*. Apresenta a

ração para amá-los – não maltratá-los.

Estudante: Yudy

Observações: Yude escolheu abordar um único animal que ele gostava: os coalas. Todas suas postagens são uma tentativa de descrever os coalas, mas merece destaque uma em que ele se dirige ao público: *E vocês, não derrubem as árvores não matem os coalas*. Ele se manteve fiel ao seu subtema, vinculando-o ao objetivo de todo o blog.

Os coalas não são ferozes eles são inofensivos - geralmente ele descreve os coalas com ações que esses animais fazem (vivem nas árvores, comem folhas). Na frase citada, ele usa um adjetivo, *inofensivo*, antecedido pela negativa *não é feroz*, pondo os termos numa sequência de importância - não é feroz, é inofensivo – diferente dos demais, que defendem o tema ele defende o próprio animal. É bem verdade que seu texto apresenta muitas palavras com grafia incorreta. O blog é também um espaço para esse tipo de aprendizado como a oportunidade de rever a escrita do estudante.

Estudante: Maria Eugênia

Observações: Maria Eugênia trabalha o mesmo tema que Helena, pois a ideia inicial era que todos os seus textos fossem em conjunto com a colega. *Eu espero que vocês gostem do que nós vamos mostrar* – os pronomes *eu, nós e vocês* mostram a escolha de familiarizar-se com o leitor. São três ações (orações) – todos os envolvidos naquele processo comunicativo têm uma função – eu espero, vocês gostam, nós mostramos: ela entende que nesse tipo de informação é preciso considerar o público.

Semelhante a Helena, seus textos são uma tentativa de defesa do tema. Ela diz: *moda de pet é muito legal porque os animais ficam muito bonitos, ou é muito legal, fica muito fofo em todos os animais* – a escolha pelos advérbios de intensidade é uma tentativa de persuasão: *Muito legal*. Helena busca auxílio no *mais*. Mas percebemos que estes advérbios aparecem com certa frequência quando a estudante não tem muita familiaridade com o tema.

Outra frase que podemos analisar é esta: *Na minha experiência eu*

aprendi muitas coisas aqui no blog – duas palavras demonstram que ela estava inserida e vivenciou algo diferente: a palavra experiência e a palavra aqui (que dá ao blog status de lugar, espaço para um acontecimento, um aprendizado).

Estudante: Helena

Observações: Esta estudante tinha dificuldade de escrever seus posts. Argumentava que não sabia. A colaboração foi fundamental para sua escrita (como no caso de Thayane). Aqui destacamos algumas frases suas e fazemos uma breve análise: *moda de pet é muito importante para os animais para que eles fiquem mais glamorosos* – na sua primeira postagem, tentando justificar a escolha do seu tema (moda pet) ela argumenta que os animais ficam mais glamorosos.

Agora que eu dei essas dicas, respeitem os animais - finaliza o texto com o objetivo geral do blog (conscientizar sobre o respeito aos animais), usando um verbo no imperativo. *Para deixar os cachorros mais bonitos e da uma alegria nos cachorrinhos os filhotes que é mais bonitos* – ela destaca dois elementos principais nesta frase que tenta mais uma vez justificar o seu tema : a beleza – foca o humano que tem o interesse de ver o animal belo; e a alegria do animal – foca o bem estar do animal.

O advérbio de intensidade *mais* tem um valor indispensável para a frase: eles podem ficar mais bonitos do que já são. O adjetivo *bonitos* – é o núcleo de sua justificativa, a razão para o uso de roupas; e os substantivos – cachorros e cachorrinhos – traz para a construção frasal a sua afinidade com essa espécie: cachorros podem ficar mais bonitos e cachorrinhos filhotes que já são mais bonitos, podem sentir alegria.

Gostei do blog e é muito bom e ensina a escrever e a leitura. Que tentou ajudar as pessoas a amar os animais – o verbo ensinar – significa que ela mesma olhou para o blog como se ele tivesse uma função didática de ajudar – dá ao blog uma função política – ajudar as pessoas, e o mais importante, ela se vê como sujeita desse processo político. *Escrever e a leitura* - Em nenhum momento isso foi dito a ela, mas a colocação desses termos demonstra os atores da ação comunicativa – emissor = que escreve; receptor = público que lê.

Com base nas análises das principais frases e palavras dos estudantes, podemos elencar as seguintes potencialidades do blog para o desenvolvimento da escrita, que seriam: possibilidade de diálogo com um leitor, e de comunicação com determinado público que enriqueceram a linguagem em consequência das escolhas. No caso estudado, existiu também a necessidade de explicação, argumentação e de persuasão que potencializaram o enriquecimento do vocabulário nas escolhas e formas.

4.2.3 Colaboração

A análise desta categoria tem como objetivo responder ao terceiro objetivo específico que é indicar implicações da **colaboração** na fase escolar estudada (final do primeiro ciclo do ensino fundamental), com base em práticas educacionais. Optamos por analisar as formas de manifestação da colaboração, para assim identificar suas implicações. Buscamos ações de colaboração nos textos dos estudantes e na prática educacional realizada, pois, em alguns momentos, os textos foram desenvolvidos através de ações particulares de colaboração. Tendo como base as subcategorias já citadas, buscamos nos textos do blog exemplos do que chamamos *colaboração espontânea*, quando a colaboração parte do estudante diante de um possível problema que o ato colaborativo poderia resolver.

Colaboração espontânea no texto

Algumas ações colaborativas se revelam no texto, outras não. Helena e Maria Eugênia decidiram compartilhar do mesmo subtema e escreverem seus textos juntos. Uma escolha que aparece expressa nos primeiros textos das duas estudantes. Nos seguintes, decidiram fazer sozinhas e compartilhar apenas o mesmo subtema (Moda Pet)

Olá nós somos Helena e Maria Eugênia. Nós vamos falar sobre moda de pets vamos mostrar a imagem/ eu gosto de roupinhas de pets. Eu espero que vocês gostem do que nós vamos mostrar.

Postagem do dia 07/08/2013

Termos que indicam atividade em conjunto como *nós vamos* ressaltam que a colaboração não precisa ser ensinada. Ela acontece quando incentivada.

Diferente de quando a ajuda do colega se torna mais notória, como num texto iniciado por Helena, no qual ela não tinha em mente qual a melhor forma de desenvolver o seu conteúdo, visto que não tinha o domínio dele (como vimos na categoria de Escrita) e se percebia como ineficiente para a atividade. Percebemos uma diferença brusca no decorrer da sua terceira postagem:

Os animais também ficam bonitos sem roupinhas: olá meu nome é Helena. Eu vou falar sobre a moda pet para deixar o cachorros mais bonitos e mais charmosos, cheios de pelinho amarelinho e macios bem lisinho e quando eles correm... quando eles correm para o nossos braços, dá vontade de apertar eles e dá um beijo bem grande.

Destacamos a continuação feita por Eweline, que, mesmo sem excluir a ideia da amiga, discorda dela num mesmo texto, afirmando que os animais são bonitos com seus próprios pelinhos.

Com esta colaboração, o texto pode ter se tornado incoerente, mas não perdeu sua importância como marca de autoria. Essa ação colaborativa propôs-se como um desafio à estudante que assina o post, a pensar diferente, a contrapor e apresentar outros caminhos.

Eveline gostou tanto da proposição iniciada na postagem da colega que a embutiu também na sua publicação.

Os animais são bonitos com roupinha, como também são bonitos sem roupinha por causa daqueles pelinhos bonitos e também aquele charme deles, ser muito fofinho

Ações colaborativas entre estudantes desta idade têm um efeito de retorno para suas atividades individuais. Uma ação de colaboração aqui, torna-se uma ideia para desenvolver a temática ali, e assim vai, como uma rede. Nas práticas colaborativas, as ideias são contagiantes. A iniciativa de escrever sobre chihuahua foi de Márcio. A palavra aparece nas postagens de mais dois colegas, por causa da colaboração dele e da discussão propiciada pela prática. Iago escreve sobre os coals. O termo aparece em postagens de mais dois colegas que trabalharam em conjunto com ele em algum momento da intervenção.

Outro exemplo em que a colaboração aparece, no texto, está na postagem de Iago e Washington. Em relação à escrita, parece que os dois trabalharam melhor juntos do que isoladamente e, na prática, aparentemente, o

ideal seria que os dois estivessem juntos durante todas as atividades. Quando há tempo e condições de identificar que diante da colaboração o aluno produz mais e melhor, e em especial, com um determinado colega, o educador deve facilitar esse processo colaborativo.

Os amigos dos animais lago e Washington. O blog é uma coisa muito boa que muda um bom humor e é muito bom de escrever os animais. Os cachorros que são maltratados pelos caçadores. E as pessoas matam os cachorros e um blog que nos da humor e uma informação sobre cachorros; meu nome e lago e o do meu amigo que está escrevendo comigo é Washington. Comente sobre isso.

Desde o título, os estudantes enfatizam que a postagem é feita em conjunto; se revermos as postagens anteriores de cada um, perceberemos que, nesta em particular, há um pouco dos dois, com suas constantes, que neste texto torna-se uma variação estilística. Mais uma vez o desenvolvimento da escrita e a independência textual aparecem como resultado da colaboração espontânea.

Quadro 14 - Resultados

Objetivos	Categorias	Subcategorias	Referencial	Resultados
1º) Identificar elementos caracterizadores de uma produção autoral;	Autoria	1) personalidade/singularidade 2) manifestação particular relacionada a escrita 3) domínios de memória que façam sentido (POSSENTI, 2002)	(FOUCAULT, 2004). (POSSENTI, 2001)	1) Repetição 2) presença do autor no texto. 3) justificativa (argumentação). 4) Coloquialidade 5) apropriação e reprodução de um discurso através de escolhas pessoais.
2º) Identificar as potencialidades do blog para o desenvolvimento da escrita na fase escolar estudada;	Escrita	1) Títulos 2) Palavras e frases	(FERREIRO, 1985) (FREIRE, 1977)	1) a promoção de aspectos autorais: 2) A possibilidade de discussão e interação: autor e leitor no mesmo espaço; 3) No caso estudado: necessidade de explicação, argumentação persuasão
3º) Indicar implicações da colaboração na fase escolar estudada (final do primeiro ciclo do ensino fundamental) com base em práticas educacionais:	Colaboração	1) Colaboração espontânea 2) Colaboração proposta 3) Colaboração fundamental	(TUIBOY, 1999) SCHRANGE (apud COLLIS, 1993)	1) A própria autoria (ela é resultado de uma prática colaborativa provando nossa hipótese) 2) autonomia e independência textual. 3) estímulo para outros autores 4) criatividade

Fonte: Elaborado pela autora

4.3 Discussão dos resultados

Os principais resultados identificados estão sintetizados no Quadro 14. Com base nestes resultados podemos discutir com os autores apresentados na fundamentação teórica relacionando nossa abordagem com as conclusões desta pesquisa.

Com base nos resultados apresentados ressaltamos a importância das relações entre os elementos pesquisados (autoria, escrita e colaboração). A escrita é um elemento que sempre será trabalhado na aprendizagem, mas a colaboração precisa ser proporcionada. Como resultado de uma aprendizagem com metodologia colaborativa, a produção escrita infantil será carregada de significado, de autoria. Conseguimos identificar elementos caracterizadores de uma produção autoral nesta fase, a partir da metodologia que buscou identificá-los no processo educacional (prática interventiva) e no produto (blog). Nessas duas análises paralelas percebemos que os elementos que caracterizam a produção autoral nesta fase estão relacionados à colaboração propiciada. Foi possível também, indicar implicações da colaboração que mostram o quanto ela viabiliza a produção infantil, inclusive, uma das implicações apontadas é a autoria.

4.3.1 Autoria

Iniciando pela análise do processo que resultou no produto registrado através da escrita no blog, partimos de dois perfis identificados: os sujeitos considerados estudantes **autorais** e os **não-autorais**. Partindo desta distinção foi possível caracterizar um perfil do estudante autoral e para o considerado não autoral foi identificado o que a realização da prática educacional poderia ajudar a enriquecer na autoria destes.

Se o estudante autoral é repetitivo, progressivo, contínuo, proativo e colaborativo, os não-autorais, por sua vez, foram caracterizados como dependentes e, semelhante aos autorais, progressivos, repetitivos. Estas características estão relacionadas como contexto do processo vivenciado, em que, embora tenha acontecido num curto tempo, foi possível localizar essas características, inclusive o progresso dos estudantes. Os dois perfis estão

relacionados e os principais pontos de relação estão na repetição, na colaboração e na progressão, mostrando que a autoria está relacionada a uma certa continuidade. Então, o docente ou educador deve possibilitar que haja tempo para o progresso do estudante.

De acordo com Ausubel (1982), para que a aprendizagem seja significativa, é preciso entender um processo de modificação do conhecimento, assim como, para Freire (1996), o ato de ensinar requer muitas atitudes que encontramos imbricadas neste processo: a exigência de que a mudança é possível e exigência da esperança. As exigências que Freire (1996) apresenta para o ato de ensinar também são necessárias para uma verdadeira apreensão da autoria durante a alfabetização. Como constatamos, os estudantes possuem os seus critérios durante a prática que tornam a aprendizagem significativa.

A expressão da individualidade do autor (FOUCAUT, 2004) foi caracterizada nesta pesquisa por produções concebidas pelo e a partir do sujeito. Encontramos nos textos dos estudantes os caminhos descritos por Possenti (2002), que nos ajudaram na definição de marcas de autoria presentes no blog criado, e encontramos expresso nessa autoria cada estudante envolvido.

O blog é a nossa principal fonte de dados autorais. Nas postagens, a autoria se materializa. Nas produções, avaliaram-se os elementos que Possenti (2002) considerou fundamentais para repensar a noção de autoria, incluindo a singularidade de Foucault (2004).

Geralmente o tema é pensado a partir de determinada obra ou discurso, de uma ciência ou do meio em que é praticada (o que também é considerado nesta pesquisa feita com um blog). E, como geralmente ela é pensada enquanto segmento discursivo, aparentemente, em textos infantis não há discurso, logo, não haveria ali autoria? Se engana quem pensa assim. As crianças se apropriam dos discursos e dos procedimentos autorais deste cedo, algumas vezes na escola, e também fora dela, em outros espaços comunicativos. Todas as formas de concepção de autoria são possíveis de aplicações em autores como os sujeitos desta pesquisa.

Esta investigação não apenas analisou a autoria numa determinada prática, mas ela também incentivou a autoria, disponibilizando uma forma de

utilização de meios de expressão e comunicação. A partir das observações feitas durante a prática, constatou-se, em alguns dos sujeitos, autonomia em suas escolhas textuais. Alguns, seguem um estilo característico em suas postagens, desenvolvendo-as com certa lógica de temporalidade, lembrando, a cada postagem, sua atividade anterior. Há traços de autoria desde as primeiras publicações.

Na prática educacional desenvolvida para esta pesquisa, a autoria não aconteceu uniformemente: em alguns momentos, ela aconteceu rapidamente; para alguns dos sujeitos, ela precisou da colaboração de um colega; em outros momentos, precisou de uma pesquisa na internet. Mas, num contexto em que é oportunizada, certamente aparecerá.

Não é fácil discutir autoria num contexto em que a própria escrita está em desenvolvimento, já que as principais definições do conceito estão atreladas ao estudo de obras literárias. Na busca pela definição de autoria, sempre encontramos os filósofos e pensadores do século XX que apresentaram sua noção sob aspectos muito diferentes dos dados disponíveis nesta pesquisa. Compreender autoria supõe entender procedimentos que autores lançam mão ao compor seus discursos (FORTUNATO, 2003, p. 12). O autor deve ser entendido como princípio que confere ao discurso unidade (FOUCAULT, 2000, p. 28). Estas definições parecem não estar diretamente vinculadas à autoria trabalhada na prática educacional estudada, por tratar-se de uma autoria trabalhada com crianças na faixa etária entre 7 e 8 anos de idade. Poderiam eles dar unidade ao discurso? Poderiam selecionar procedimentos de composição de um discurso? Os procedimentos de composição do discurso e a posição do autor foram elementos trabalhados de forma colaborativa, num blog, ferramenta que possibilita várias formas de autoria.

Num primeiro olhar, admitimos certa dificuldade de acreditar que nestes textos tão repetitivos existissem marcas de autoria. Mas, depois da análise, entendemos que justamente essas recorrências e repetições é que vão definindo um autor nesta fase tão singular em que os sujeitos desta pesquisa se encontram. Nas escolhas do conteúdo, do estilo e da forma que aparece a autoria destes estudantes - autoria materializada no blog através das sentenças, dos termos, das frases, das imagens e dos títulos. Num contexto

em que a apropriação da linguagem ainda está em construção, a autoria tem características próprias. Os sujeitos utilizam a linguagem que possuem de uma forma muito particular. O que é dito é limitado e, ao mesmo tempo, é totalizador, pois trata-se da linguagem que dominam. Para Barthes (1988), não existe autor fora da linguagem. O autor é um produto do ato de escrever – o ato de escrever que faz o autor, e não o contrário. O seu papel é o de mesclar escritas já existentes (POSSENTI, 2001).

Vimos no trabalho destas crianças, os locais em que a função do autor de Foucault é exercida. O nome do autor, a relação de apropriação, a relação de atribuição e a posição do autor. A partir do tema escolhido por todos, eles desenvolvem sua escrita e, junto com ela, sua autoria. Nas postagens analisadas, o tom de conversa é recorrente (coloquialidade) nos seus posts, como escolha discursiva e até mesmo como caminho para argumentar.

Diante destes textos, é possível perceber que ora há comportamentos comuns e ora há comportamentos peculiares no blog, que vão se impondo a cada postagem, mostrando a importância desta autoria neste lugar social que o blog passa a ser e, principalmente, no contexto de escrita em que os estudantes mergulham. O mais importante enquanto traço de autoria não é o que é dito, mas *como* é dito (POSSENTI, 2002). Também temos exemplos de comportamentos particulares que se repetem. Pedir ao público que não bata nos animais é comum, as peculiaridades aparecem na forma como isso é abordado. Um diz: não batam gente! Outro diz: *não façam isso, por favor*. Outro: *Quer ajudar...? ajudem os animais*. A autoria se manifesta no *como*.

E o *como* amadurece junto a cada experiência do estudante que descobre novas formas de dizer. A partir das postagens de Eveline, Nathaly, Daniel e Iago observamos que, depois de certa maturidade, conforme vão adquirindo familiaridade com o meio digital e quando possuem mais conteúdo para argumentar, os autores não recorrem às mesmas formas (peculiaridades inclusive) anteriores, dizendo-nos que autoria é uma questão de prática, experiência e maturidade.

Também observamos que o núcleo de assuntos autorais é a vivência do próprio estudante, e que isso está atrelado à afinidade e conhecimento. Os estudantes que escolheram os subtemas *Moda pet* e *Cachorros policiais*, tiveram mais dificuldade em produzir conteúdo, pois não tinham familiaridade

com o tema. Considerando que os temas escolhidos estão relacionados antes de tudo com a afinidade, não basta ter afinidade, é importante ter conhecimento para que haja mais traços de autoria.

Outro aspecto autoral está na argumentação. No terceiro ano do Ensino Fundamental, as crianças entendem que devem fazer a defesa de suas sentenças, e assim fazem no blog. Ainda nesta fase, o estudante entende que a melhor forma de conscientizar é informando. Argumentar torna-se natural e facilmente apropriado pelo estudante em contextos educacionais, a depender do objetivo da mídia.

O objetivo para o qual o blog foi criado (conscientizar sobre a defesa dos animais) é também um meio que conduz o estudante. Sabendo o seu propósito, o tema do blog guia o estudante, que percebe a necessidade de argumentar. Ele argumenta, buscando seus artifícios autorais para se colocar como autor, como sujeito de um processo comunicativo. A posição das crianças expressa no blog constitui-se como marca de autoria. E essa posição mostra também que eles se apossam de um discurso dominante para exercer essa autoria.

Uma produção autoral no final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental pode ser caracterizada pelos seguintes elementos identificados: 1) Repetições: repetição do tema, repetição da presença (posição) do autor no texto, repetição verbal e repetição de estratégias comunicativas (uso de pedidos, imperativos e imagens); 2) presença do autor no texto, justificativa (argumentação), coloquialidade; 3) apropriação e reprodução de um discurso através de escolhas pessoais.

Com base em outras observações, percebemos: **a ideia nasce do estudante** - a escrita está correlacionada com a sua vivência e afinidades pessoais, também com o conhecimento que ele detém sobre a abordagem; se materializa através do estudante; produção marcada de identidade pessoal e escolhas; **permanece no estudante** – a partir das suas escolhas o autor trabalha para que a sua produção faça sentido para o público.

4.3.2 Escrita

Um dos objetivos específicos desta pesquisa foi identificar as potencialidades do blog para o desenvolvimento da escrita na fase escolar

estudada. Neste trabalho, entendemos desenvolvimento da escrita como enriquecimento do vocabulário e utilização de palavras e frases.

Na análise do processo foram identificados alguns critérios proporcionados pela prática educacional. Estes critérios (parceria com um colega e obtenção de sugestões, pesquisa na internet que também pode ser em parceria) estão relacionados aos conceitos de colaboração, manifestando que, neste contexto da tecnologia, a prática propicia uma colaboração no caminho da escrita. Entre as atitudes colaborativas proporcionadas está a proposta estabelecida pelo educador ou educacional que pode deter todos esses critérios anteriores. O educador pode pré-estabelecer a colaboração e a cooperação ao mesmo tempo, permitindo também as atitudes colaborativas individuais que a prática permite. Conforme Vygotsky (1987, p. 17), “(...) a colaboração entre pares durante a aprendizagem pode ajudar a desenvolver estratégias e habilidades gerais de solução de problemas através da internalização do processo cognitivo implícito na interação e na comunicação”.

Nossa pesquisa sugere que, no desenvolvimento da escrita, os papéis dos sujeitos são essenciais: o sujeito que aprende com autonomia; o educador que propicia um aprendizado autônomo e não podemos deixar de mencionar o papel da interação com o objeto, conforme pressupostos das teorias construtivistas e sócio interacionistas, que tratam da mediação entre sujeito e objeto do conhecimento a ser construído.

O blog foi trabalhado enquanto estratégia pedagógica (GOMES, 2007) deixando o estudante no centro da produção e a escrita foi trabalhada pela perspectiva dos sujeitos criadores (FREIRE, 1977). Deste ângulo, o papel do sujeito é mais importante do que pensar a escrita como um sistema de representação simbólica da realidade, que medeia a relação dos homens com o mundo (VYGOTSKY, 1989). Reafirmamos que aprender a escrever é construir nova inserção cultural, é aprender uma forma de interagir com o meio no qual o estudante está inserido. Um aspecto da perspectiva de Vygotsky (1989) que queremos destacar em nosso trabalho refere-se à escrita enquanto mediação cultural.

Com a intervenção educacional trabalhada principalmente pelos aspectos colaborativos permitidos, esse tipo de mediação foi possibilitado. As potencialidades do blog para o desenvolvimento da escrita identificadas

exemplificam as possibilidades de interação social e mediação cultural (VYGOTSKY, 1987) do blog que seriam: possibilidade de diálogo com um leitor e de comunicação com determinado público. Essas potencialidades só foram identificadas pela atuação de sujeitos criadores (FREIRE, 1977), dentro da interface da Educomunicação.

As escolhas textuais existentes nos títulos das postagens mostraram a relação do tema gerador com a autoria do estudante, pois “a palavra escrita deixa escapar, no ato da enunciação, aquilo que é próprio do sujeito, seu sintoma e sua possibilidade de autoria sobre uma palavra da qual pouco, de fato, parece saber” (AGUIAR, 2010, p. 114).

Foi o olhar sobre a escrita que nos apresentou diversas nuances de trabalhá-la pelo viés da Educomunicação, caminho que privilegia a expressão dos sujeitos. Uma delas é que mesmo quando o aluno não dispõe de muito conhecimento sobre o tema, percebemos que a escrita possibilita diversas formas de justificar uma escolha temática. No entanto, para que o texto seja autoral, o ideal é que a criança tenha familiaridade com o tema ou subtema e que esse tema tenha relação com a sua vivência pessoal. O tema norteia as escolhas: um exemplo disso é a presença do núcleo do substantivo do tema geral (animais) aparecer em quase todos os textos. A partir das escolhas que os estudantes fazem das palavras e das frases, surgem suas características comunicativas, seu vocabulário e também suas necessidades.

Um aspecto interessante é que o tipo textual define a forma como a criança conduzirá seu texto. O tipo nem sempre precisa ser enfatizado a elas, e sim, o objetivo do blog ou de outra mídia. A partir do objetivo, os estudantes irão escrever conforme o tipo textual adequado. Para eles, há uma necessidade, consequente com o objetivo do blog, de argumentar sobre o que escrevem – termos como *porque*, *pois*, são recorrentes – eles procuram defender suas sentenças. Quando escolheram o título *Sejam amigos dos animais*, os sujeitos já tinham em mente a vontade de conscientizar as pessoas sobre o assunto. Era essa a forma que encontraram de protestar, de militar e de brincar. Seus textos naturalmente não seriam narrativos (o que não significa que o educador não pode propor). Estavam eles prontos para levantar a bandeira em favor dos animais através da palavra.

Nesta fase escolar, o texto parte do seu eu, a presença de suas próprias experiências nos textos mostra essa relação. O universo infantil é centrado no seu próprio eu e isso é retratado na escrita. A presença constante da palavra *eu* em vários textos confirma isso.

Durante a análise da prática, citamos a questão da pesquisa feita na internet. Em alguns momentos a necessidade desse tipo de pesquisa, foi imprescindível para obter informações usadas nas postagens de determinados estudantes. Notamos que esse tipo de pesquisa contribui para enriquecer o vocabulário, mas, pelo menos nessa prática, eles preferiram o ato de escrever (com pouco vocabulário) do que de pesquisar.

Os estudantes entendem que há um público e que esse público deve, de alguma forma, reagir à sua enunciação, por isso se dirigem a ele. Mais um traço que expressa a importância da Educomunicação – uma mensagem direcionada a muitos tem uma dimensão social elevada, e a prática oportuniza ao estudante ser emissor e coautor dessa informação.

Da mesma forma, os alunos têm noção também da linearidade do blog (sem precisar explicar). Para eles, é uma sequência temporal e uma continuação. Esses mesmos textos certificam que a escrita autoral dos estudantes no blog pode ser um bom ponto de partida para o ensino da gramática. Ali aparecem verbos, sujeitos, todas as classes, nas sentenças das próprias crianças, ligadas a um objetivo maior com importância social. Cada estudante apresenta um verbo que predomina nas suas produções: um é ajudar, outro é maltratar, outro é bater e assim por diante, mostrando traços de autoria nestas escolhas.

Na prática estudada, compreendemos que os estudantes querem deixar na informação a sua marca. Na verdade, quem quer autoria são os estudantes. Eles querem mostrar na publicação o seu diferencial.

No blog, não aparece apenas a ação da escrita; há outras ações que fortalecem o desenvolvimento dela, como a possibilidade de inserção da imagem, vídeo pede ações autorais como a descrição de tal imagem e a possibilidade de pensar e mudar o design do texto, que mostram que a escrita digital é uma escrita com mais faces, mais possibilidades. Neste sentido, falar de desenvolvimento da escrita, utilizando o blog como referência, pede um novo pensar sobre a escrita. O desenvolvimento da escrita no papel é o

conhecimento aplicado de palavras, letras e frases. No blog, é conhecimento publicado de tudo isso e um pouco mais, de forma instrumentalizada.

Nesta prática, o blog contribuiu para o desenvolvimento da escrita principalmente pelo fator afinidade com o tema, como já foi discutido. Pelo menos no contexto educativo aqui trabalhado, a tecnologia esteve significando uma alternativa de escrita, digamos, mais divertida, mais pessoal, menos escolarizada, o que permitiu um desejo menos formalizado pelo aprendiz, tendo ali um espaço de aprendizado em dois âmbitos: aprendizado do blog e aprendizado do tema gerador.

As potencialidades do blog para a escrita também residem em aspectos autorais que envolvem o compromisso do autor em alimentar o blog, ocasionando o desenvolvimento da escrita e o enriquecimento do vocabulário. Nesta fase em que os sujeitos se encontram, e mesmo pela perspectiva deles, desenvolver a escrita está relacionado com o desejo de ver sua produção publicada e de ser protagonista de uma ação comunicativa; relaciona-se também às outras possibilidades de linguagem; e a possibilidade de discussão e interação: autor e leitor no mesmo espaço.

As principais implicações do blog para o desenvolvimento da escrita, identificadas na fase escolar analisada são: possibilidade de diálogo com um leitor e de comunicação com determinado público; necessidade de explicação, argumentação e de persuasão.

Para este desenvolvimento autoral, a ferramenta blog é uma das que podem ser utilizadas como espaço para publicação. Nesta fase, a ferramenta é também espaço para ampliar a localização da escrita do estudante e possibilitar um leitor com o qual é possível interagir. É um espaço de aprendizagem e de documentação da escrita.

Ou seja, se a prática educacional possibilitou a escrita enquanto publicação, ela é um elemento de inserção cultural (VYGOTSKY, 1989) e de transformação da realidade objetiva (FREIRE, 1997).

4.3.3 Colaboração

A metodologia colaborativa é uma conquista atual e gradativa alimentada pelo pensamento freireano que vai ganhando espaço nas escolas e, o mais importante, nos modelos educativos. Tentamos identificar nesta prática as implicações da colaboração para a série em questão (3º ano do ensino fundamental), favorecendo certo caminho colaborativo, através de uma ação educomunicativa.

Nesta pesquisa, a tarefa de construir e produzir num blog foi atribuída a diferentes colaboradores, havendo um esforço sincrônico para existência do blog. Retomando Brna (1998), a colaboração foi vista como um processo e estado colaborativo; um meio para o fim de saber como sua interferência contribui para a autoria. Ela foi objeto e contexto, foi a característica educomunicativa destacada.

Os quatro pilares da colaboração, o diálogo, a negociação, a mutualidade e a confiança (FERREIRA; ALMEIDA, 2003), nortearam a realização da prática. Nela, o diálogo e a negociação estiveram presentes desde a determinação do tema até a definição de tarefas, da mesma forma que a mutualidade e a confiança na execução das propostas.

Neste trabalho, não exploramos a colaboração que acontece no ambiente virtual, mas preferimos olhá-la com a perspectiva da própria prática. No entanto, não podemos negar o papel do blog para a existência da colaboração, principalmente da subcategoria que chamamos de colaboração fundamental. O blog, enquanto espaço coletivo de interação (PRIMO, 2008, p. 123), permitiu o encontro da colaboração espontânea com a colaboração fundamental e com a colaboração proposta na intervenção.

Quando Schrange (1991) afirma que a colaboração como “um conhecimento compartilhado que nenhum deles tinha previamente ou poderia obter por conta própria” (SCHRANGE, 1991, apud COLLIS, 1993, p. 7), ela recebe o local de condição para um determinado saber, pois ela é chamada de conhecimento.

Os resultados da nossa pesquisa apontam que o conhecimento compartilhado deve caminhar lado a lado com o aprendizado e com a apropriação da escrita, pois eles mostram que a colaboração favorece a

autonomia, e a criatividade. E o mais significativo, pois responde a nossa hipótese, é que a colaboração favorece ao estudante experiências de uma produção autoral.

Na definição de Tijiboy et al. (1999, p. 19) “para haver colaboração o indivíduo deve interagir com o outro, existindo ajuda mútua ou unilateral”, queremos destacar o termo *ajuda*, que aparece em muitos momentos da descrição da pesquisa. As duas definições nos levam a propor que ajudar é essencial ao conhecimento e os resultados desta prática também. Foi interagindo e ajudando (TIJIBOY, 1999) que os sujeitos fizeram suas escolhas e, contando com a ajuda dos colegas, desbravam sua forma particular de comunicar.

Conforme o interessante caso apreciado no tocante à categoria, sobre o desempenho da estudante Thayane, pós-colaboração (e durante) e ao mesmo tempo, podemos correlacionar com Schrange (1993), pois trata-se de um conhecimento e comportamento que a estudante não poderia obter por conta própria, evidenciando também a contribuição Vygostskiana sobre o tema, quando o autor afirma que a colaboração ajuda a desenvolver estratégias para a resolução dos problemas através da internalização do processo cognitivo implícito na interação e na comunicação. Cada estudante dava ao outro o suporte necessário (através da interação social) para a resolução dos problemas. Em vários momentos da prática, a colaboração parte do próprio estudante para a resolução de problemas.

Ao atribuímos tipos de colaboração para o estudo, aspectos muito importantes da escrita se sobressaíram, até mesmo a autoria, objeto da pesquisa. Uma metodologia colaborativa não só possibilita a autoria como a evidencia.

A subcategoria chamada colaboração espontânea, por exemplo, em atividades educomunicativas tem mais possibilidades de acontecer. O aluno só pode perceber espontaneamente que precisa colaborar com o outro em atividades que possibilitam a troca de conhecimentos, em atos comunicativos. Há variedade de perspectivas e de intenções presentes no grupo que, ao mesmo tempo, tem um objetivo em comum por conta do tema trabalhado. Nas diferenças, a colaboração tem resultados efetivos. Uns, entendem a necessidade de colaborar; outros, a de receber ajuda; e, outros, a de fazer em

conjunto.

Com base nesses autores e nos resultados, defendemos que não existe um método para ensinar a colaboração, mas, sim, para propiciá-la. Método este que siga orientado a partir dos quatro pilares: o diálogo, a negociação, a mutualidade e a confiança (FERREIRA; ALMEIDA, 2003). Ações colaborativas tornam-se ideias para as atividades individuais e marcas constantes individuais em textos colaborativos transformam-se em ricas variações textuais.

A colaboração e a interação aparecem como propulsoras do conhecimento (VYGOTSKY 1978). Os alunos mais autorais são os mais requisitados e dispostos a colaborar, por isso retomamos a proposta de Pallof e Pratt (2002) de que, colaborando, os estudantes tornam-se interdependentes. No entanto, essa mesma interdependência ajudou os estudantes a criarem e a agirem de forma mais independente quanto à escrita.

Reafirmamos que as principais implicações da colaboração, na fase estudada, são: a própria autoria (ela é o primeiro resultado de uma prática colaborativa, provando nossa hipótese), estímulo para outros autores, desenvolvimento da escrita, autonomia e independência textual, além de outros aspectos observados na prática, como criatividade, conhecimento prático e informativo.

Com base na prática educacional e na produção estudantil expressa no blog, relacionamos abaixo no Quadro 15, as características educacionais com as características da intervenção desta pesquisa, em que concluímos que esta prática se manifestou como uma ação inclusiva, democrática, midiática e criativa.

Quadro 15- Características Educomunicativas

Características das ações Educomunicativas (SOARES, 2011)	Características da Intervenção desta pesquisa
Inclusivas	Oportunizou ação comunicativa dos estudantes
Democráticas	Todos os envolvidos no processo participaram por um objetivo comunicativo
Midiáticas	A ação se manifestou no blog criado pelos estudantes
Criativas	Todos podiam expressar-se livremente expressando sua autoria, o que ocasionava ações criativas no blog

Elaborado pela autora

Considerações finais

A reflexão sobre a escrita de crianças e sua autoria é tão importante quanto o aprendizado dos educandos e dos educadores nas diversas áreas de ensino. E esta mesma reflexão recebe um novo fôlego a partir dos pressupostos da Educomunicação. Assim, esta pesquisa foi desenvolvida baseada nos atributos educamunicativos.

Neste estudo, foram discutidas algumas contribuições da Educomunicação para a escrita de estudantes que estavam concluindo o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, através da análise da autoria, destacando principalmente o papel da colaboração. A realização desta pesquisa possibilitou a confirmação da nossa hipótese de que a vivência colaborativa proporcionada pela prática educamunicativa favorece a autoria no final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Seu domínio também nos permitiu responder a outras questões e necessidades mais abrangentes para a realização de intervenções com crianças neste grau de alfabetização.

Em nossa avaliação, fazemos algumas ressalvas sobre o próprio processo vivenciado e suas possibilidades de resultados. Acreditamos que encontraríamos mais elementos característicos de uma produção autoral e mais implicações da colaboração, se a intervenção contasse com alguns fatores, tais como ampliação do tempo de duração e maior número de encontros. Fatores técnicos, como um maior número de computadores, também ajudariam a obter dados mais efetivos sobre este processo.

A ideia inicial da pesquisa era a de analisar a criação de blogs, numa perspectiva educamunicativa, apenas pelo viés da escrita. A colaboração seria somente uma categoria de análise definida *a priori*. Com a ajuda das considerações feitas na banca de qualificação, o papel da colaboração enquanto elemento característico do campo sobressaiu, e a análise mostrou suas contribuições para a escrita. Foi com esta proposta, somada às categorias estabelecidas *a priori* (colaboração, autoria e escrita, que se relacionaram aos objetivos específicos), que a pesquisa foi iniciada, partindo-se para a primeira etapa do estudo de caso. As observações ali realizadas mostraram que a autoria (atitude de expressão autônoma com traços de

singularidade e individualidade) não era uma prática comum das crianças e a curiosidade da pesquisadora voltou-se para esse elemento.

O problema de pesquisa então passou a ser: a partir de uma prática educ comunicativa (que possui uma metodologia colaborativa), com a utilização de blog, como a colaboração pode favorecer a autoria de estudantes do final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental? E a hipótese era a de que a construção de um blog a partir dos princípios educ comunicativos poderia apontar caminhos para autoria no Ensino Fundamental. Devido às possibilidades colaborativas da Educomunicação para os indivíduos, a prática educ comunicativa, aliada ao uso da tecnologia, favoreceria a autoria de estudantes no final do primeiro ciclo do ensino fundamental. A intervenção buscou responder a essa questão, e respondeu. Foi possível identificar as potencialidades da ferramenta tecnológica, blog, para o desenvolvimento da escrita no final do primeiro ciclo do ensino fundamental entre as quais, destacamos a promoção de aspectos autorais e a possibilidade de discussão e interação, a argumentação e persuasão dos educandos. Inclusive uma dessas potencialidades é a disposição de um espaço para a promoção da autoria.

A oportunidade de expressão gerada na prática educ comunicativa também possibilitou encontrar elementos caracterizadores de uma produção autoral nesta fase, como a relação da autoria com a vivência, a afinidade e ao conhecimento sobre o tema. Também foi possível indicar implicações da colaboração com base em práticas educ comunicativas nesta fase do ensino e da aprendizagem. E além da criatividade e da autonomia textual, a pesquisa respondeu que uma das implicações da colaboração é a autoria, comprovando nossa hipótese.

Com base nestes caminhos adotados e nestes resultados, afirmamos que nossa questão de *como* a colaboração, numa prática Educomunicativa, contribui para a autoria em estudantes no final do primeiro ciclo do ensino fundamental, pode ser respondida da seguinte forma: facilitando e possibilitando ações de caráter autoral, havendo um espaço com potencialidades para o desenvolvimento da escrita, que no nosso caso foi o blog.

Além de responder aos objetivos da pesquisa, a experiência foi válida em outros aspectos que nos ajudam a refletir, enquanto comunicadores e

atores do campo da Educação pública. A prática mostra que os estudantes (especialmente os sujeitos analisados) nem sempre são os nativos digitais esperados. Mas, para eles, um fator de estímulo em produzir e em participar da intervenção era aprender a utilização da tecnologia, neste caso, disposta na sala de informática.

Admitimos que atravessamos muitas dificuldades para alcançar os objetivos. Ou seja, nem sempre os encontros com os estudantes no campo, que tinham o propósito de realizar uma prática com blog e registrar dados, foram bem sucedidos. Mas a intervenção foi bem sucedida no sentido da Educomunicação, enquanto ação que favorece a expressão de sujeitos, e por isso todos os elementos definidos *a priori* para nos guiar na pesquisa foram encontrados e analisados conforme os objetivos.

No primeiro momento, tivemos receio de que a prática não respondesse aos objetivos, de que eles não fossem efetivamente autorais. Mas após a realização da prática compreendemos que só pensamos desta forma porque não detínhamos ainda o conhecimento do que vem a ser, de fato, autoria, e só pudemos apreender mesmo o que ela é, com a participação dos sujeitos. Mesmo em meio às contradições e dificuldades, nossos objetivos foram alcançados. Os sujeitos envolvidos surpreenderam. Fazemos referência a eles, porque as produções e ações dos sujeitos são a principal fonte de dados.

O blog criado para este estudo mostrou não apenas a facilidade que os estudantes têm em dominar as ferramentas tecnológicas, mas, também, a facilidade que eles têm em desenvolver ações comunicativas vinculadas a conteúdos do seu interesse. O blog construído constituiu-se enquanto espaço de expressão do que aquele grupo julgou necessário ser conhecido e, principalmente, do que o grupo julgou necessário ser dito. Essa necessidade comunicativa já faz do blog um espaço autoral. Entendemos que não é a ferramenta que favorece a autoria, mas ela a facilita, enquanto espaço comunicativo. A ferramenta é o que permite várias atuações de autoria dentro das suas usabilidades e possibilidades, pois, como discutido na revisão teórica, o blog tem a vantagem de integrar, em um único meio, informações de diferentes formas, além da inclusão de posts (favorecendo a atuação de leitores e autores). O ambiente favorece a participação coletiva, formando autores, coautores, leitores assíduos e alunos mais envolvidos com a leitura e

a escrita. Para que isso ocorra, é necessário dar aos alunos maior liberdade de expressão.

Acreditamos que os resultados desta pesquisa respondem e, ao mesmo tempo, provocam outras questões para serem respondidas futuramente, tais como: quais os temas que realmente interessam aos estudantes comunicarem? Quais temas os despertam para a interação? Quais os critérios de linguagem para o público? Quais estímulos são importantes para produções autorais? Qual a diferença da manifestação autoral da criança no papel ou em meio digital? São questões nascidas nesta pesquisa que podem contribuir para estudos futuros nas áreas da Educação, Comunicação ou Linguística.

Espero que este estudo contribua para o pensamento e a atuação dos educadores do Ensino Fundamental, em relação à importância de uma metodologia que possibilite a autoria dos estudantes durante o seu aprendizado. Sabemos que eles podem ser autores. A questão é proporcionar, no âmbito da Educação, o espaço para que eles sejam autores. E que as novas tecnologias e ferramentas da comunicação sejam este espaço de autoria, sob a orientação dos educadores durante a alfabetização.

Os sujeitos da pesquisa mostraram que a autoria de uma criança que está aprendendo a escrever é uma autoria curta em tamanho e grande em significados. É a mais particular das autorias, pois é uma autoria em formação. Quando, na primeira etapa do estudo de caso, observamos que nos hábitos de escrita das crianças não havia autoria (percebendo que suas produções não tinham nas ideias da própria criança o seu ponto de partida, se pensarmos autoria como um processo individual), observamos também a função da cópia.

Havia naquele contexto de escrita, no papel ou no computador, uma dependência de um suporte, do qual o estudante copiava, o que é comum e necessário. Temos que admitir que essa produção que se efetiva através da cópia é importante, pois é através dela que a criança enriquece seu vocabulário, sua linguagem e só a partir dela tem um repertório para sua própria autoria. Em relação à escrita, podemos afirmar que são os pressupostos da Educomunicação que incentivam esta ação do estudante.

Podemos incentivar, estimular e oportunizar a autoria desde as séries iniciais, pois esta pesquisa mostra que a autoria já existe em todo pequeno estudante, aguardando um incentivo como a colaboração para se mostrar, num

blog, num vídeo, numa rede social. Ela não só enriquece a ação comunicativa do estudante, como é a caracterização comunicativa do próprio estudante.

Assim, a partir da análise realizada, afirmamos que a autoria pode ser oportunizada nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental por ser uma característica que enriquece a escrita do estudante, tornando-o mais autônomo. Atividades que favorecem esta categoria, quando aliadas a práticas que envolvem colaboração são importantes fatores para o desenvolvimento da escrita.

É necessário que todos os envolvidos na ação educativa pensem maneiras de oportunizar a autoria nas séries iniciais. Oportunizar autoria significa dar espaço para que, além da alfabetização, a criança seja protagonista da sua própria ação de escrita e que ela possa direcioná-la com reflexão e criatividade. Por isso a atividade educacional deve ser planejada, tendo em vista o saber, apontando caminhos para o conhecimento que contribuem para a autoria, que facilitam atos de cidadania. As atividades devem ter como meta o conhecimento sobre o assunto.

Observamos também que, numa prática educacional, haverá uma autoria compartilhada, que, ao mesmo tempo, é uma autoria unificada - um pouco de cada participante em cada texto. Essa prática mostrou que, na autoria, existe um sujeito, ou muitos, com razões para comunicar algo, e a escola deve ser esse locus de oportunidades de autoria.

Diante disso, a autoria é uma comunicação que tem o gosto e o desejo de quem comunica e, além da mensagem, leva o sentido de quem a diz e que nem sempre precisa ser entendida, mas precisa ser dita daquela forma particular escolhida pelo autor.

Para os comunicadores, esta pesquisa mostra que existe um público que consome um discurso, se apropria dele e o reproduz facilmente. E o reproduz com base em seus sentimentos e emoções. Esse público é composto por crianças em fase de formação dos saberes e da cidadania. Então cabe aos comunicadores transferir informações com toda responsabilidade, considerando a existência e a atuação autoral deste público ao reproduzir estas informações, e cabe aos educadores instigarem nas crianças o pensamento crítico e a reflexão sobre estas informações.

Outra questão percebida, em meio às dificuldades de realização da

prática planejada, está nos problemas que os estudantes enfrentam para ver seus conteúdos trabalhados utilizando-se das tecnologias de que seus colégios dispõem, e para ter acesso a essas tecnologias.

Posteriormente à intervenção, percebemos que a prática traria muitas outras respostas sobre as implicações do uso do blog, outras formas de autoria e tipos de colaboração, se dispusesse de mais tempo de duração, durante, e principalmente mais tempo de prática (esta foi trabalhada em cinco semanas durante 10 encontros). O ideal seria uma prática mais demorada. O suficiente para ver as postagens aumentarem, novas palavras, a participação dos colegas nos comentários, tempo que mostrasse mesmo a diferença do início, do meio, e do fim de uma prática cujos resultados não teriam fim.

Também acreditamos que a resposta dos estudantes seria ainda mais rica se a intervenção Educomunicativa não fosse tão “interventiva” nas aulas, que deveria ser uma prática específica para a produção no blog, num horário paralelo ao das aulas.

No entanto em práticas como essas, aprendemos os anseios comunicativos dos estudantes e, na oportunidade, ensinamos. São práticas como essas que enriquecem a linguagem dos educandos e o ensino dos educadores.

Esta experiência foi enriquecedora para os sujeitos, principalmente pela reflexão proporcionada a respeito do tema gerador. O tema que envolve uma bandeira a favor dos animais é envolvente e fácil de trabalhar, pois faz parte da vida dos estudantes. Sobre tal tema existe um discurso na mídia, o qual eles repetem, mas repetem de forma particular, de forma autoral.

Esta pesquisa vem a contribuir para chamar a atenção para a necessidade de levar as características educomunicativas a serem trabalhadas com os estudantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental e para com eles, de forma colaborativa, trabalhar atividades que estimulem a autoria. Através desta pesquisa podemos olhar para o final do terceiro ciclo do Ensino Fundamental como um lugar de autores, desde que colaboradores, desde que participantes de um objetivo comunicativo maior do que sua própria alfabetização.

Referências

AGUIAR, Eliane Aparecida de. **Escrita, autoria e ensino: um diálogo necessário para pensar a constituição do sujeito-autor no contexto escolar.** Tese (Doutorado em educação)-Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

AMANTE, Lúcia. **As Tecnologias Digitais na Escola e na Educação Infantil.** Pinhais, PR: Editora Melo, 2010.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação.** São Paulo: Momento Editorial, 2009.

AMORIM, Claudia C. **Compartilhando e construindo conhecimento: ação mediada entre crianças e adolescentes no desenvolvimento de blog pedagógico-literário em uma biblioteca pública da cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em letras) Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 2008.

AUSUBEL, David. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Moraes, 1982.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, A.; COSTA, M.C.C. (orgs.). **Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011a.

_____. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011b.

_____. Televisão e escola: aproximações e distanciamentos. In: **congresso brasileiro de ciencias da comunicação.** São Paulo: Intercom, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Conceição Aparecida Pereira; SERRANO, Claudia Aparecida. **O blog como ferramenta para construção do conhecimento e aprendizagem colaborativa.** In: Congresso Internacional de Educação a Distância. 2005. p. 1-14.

BARROS, Daniela et al. **Educação e Tecnologias: Reflexão, Inovação e Práticas.** Lisboa: ebook, 2011.

BARROS, Moreno Albuquerque de. **Ferramentas informacionais para educação e alfabetização: considerações acerca do uso dos blogs como tecnologia educacional,** 2005. 117 f. Dissertação (Mestrado em ciência da informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

BARTHES, Roland. **A morte do autor.** Em O Rumor da Língua (1988).

Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, v. 2, p. 57-64, 1988.

BERNAL, César Colera. O conceito de autoria em Walter Benjamin. **Cadernos Walter Benjamin, caderno**, v. 1, 2008. Disponível em: <www.gewebe.com.br/pdf/conceito.pdf> Acesso em 06.02.14.

BRNA, Paul. Modelos de Colaboração. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v 3, n. 1, p. 9-16, 1998.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e Educação - A linguagem em movimento**. São Paulo: SENAC, 2004.

_____. **Midiatização e Educação**. Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1148-1.pdf>>. Acesso em: 06.02.14

_____. Comunicação e Educação: Implicações Contemporâneas. In: CITELLI, Adilson. **Educomunicação: Construindo uma Nova Área de Conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CARVALHO, A. A.; MOURA, A. PEREIRA, L.; CRUZ, S. Blogue: uma ferramenta com potencialidades pedagógicas em diferentes níveis de ensino. In: A. MOREIRA; J. PACHECO; S. CARDOSO; A. SILVA (orgs.), Actas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares (III Colóquio Luso-Brasileiro) - Globalização e des(igualdades: os desafios curriculares. Braga: CIED, Universidade do Minho, 2006, pp. 635-652.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: A era da informação, economia sociedade e cultura**; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Fim de Milênio: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, p. 497, 1999.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

COLLIS, Betty; HEEREN, Elske. **Tele-collaboration and groupware**. The Computing Teacher, v. 21, n. 1, p. 36-38, 1993. Disponível em: <http://doc.utwente.nl/29281/1/K29281_.PDF>. Acesso em 06.02.14

CURY, R. J. Prefácio. In: MELO, J. M.; TOSTA, S. P. (Orgs.). **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DA SILVA, Flávia Prado Domingos. **Princípios Educomunicativos: Uma análise sobre a Série Infantil Cocoricó da TV Cultura de São Paulo**. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009

DE ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **dos ambientes digitais de aprendizagem**. Educação e pesquisa, v. 29, n. 2, p. 327-340, 2003.

FERREIRA, Nadia; ALMEIDA, Paula. **A colaboração em educação**. Lisboa:

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2003.

FERREIRO, Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. México: Março, 1997.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. Cortez Editora, 1985.

FORTUNATO, Márcia Vescovi. **Autoria sob a materialidade do discurso**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em, v. 2, (1998). São Paulo: Loyola, 2004.

_____. CASCAIS, António Fernando; CORDEIRO, Edmundo. **O que é um autor**. Lisboa: Vega, 1992.

FREIRE, Paulo; DE OLIVEIRA, Rosisca Darcy. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa . 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989

GOMES, Maria João. & LOPES António Marcelino. (2007). Blogues escolares: quando, como e porquê? In C. Brito, J. Torres & J. Duarte. (Org.), **Actas de Weblogs na educação 3 experiências, 3 testemunhos**. Setúbal: Centro de Competências CRIE ESE de Setúbal, p. 117-133. 2007

GOMES, Maria João; LOPES, António Marcelino. **Blogues escolares: quando, como e porquê**. In: Conferência Weblogs Na Educação-3 Testemunhos, 2007.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Educomunicação um campo de mediações**. In: CITELLI, A.; COSTA, M.C.C.(org.). Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.p. 166.

GRANADO, António. Ponto Media – Discussão sobre o que são weblogs, disponível em: <<http://ciberjornalismo.com/oquesaoweblogs.htm>>. acesso em: 06.02.2014. ACRESCENTAR ANO 2003

GUTIERREZ, Suzana. Weblogs e educação: contribuição para a construção de uma teoria. <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/maio2005/artigos/a15_welogs.pdf> acesso em: 05.02.2014

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KAPLUN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação**:

construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid. Ediciones de la Torre, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, 2003.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

MARCONI, Marina de Amrader; LAKATOS, Eva Maria . **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisas; análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

_____. **Fundamentos de pesquisa metodológica científica**. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003.

MARQUES DE MELO, José; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A educacion desde La comunicacion**. Grupo editorial norma, 2002.

_____. Desafios culturais da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MELO, José Marques; TOSTA, Sandra P. **Mídia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ano XXII, n.37, p.7-31, março 1999.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Edna Castro de. Alfabetização como ato de conhecimento em Freire: escrita e leitura de mundo. **Linhas Críticas**, Vitória, v. 18, n. 37, p. 505-527, 2012.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Mídia, recepção e educação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre. v. 1, n. 26, 2006.

PALLOFF, Rena M; PRATT, K. **Construindo comunidade de aprendizagem no ciberespaço**: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto

Alegre: Artmed, 2002.

PAULA, Andrea de Lima Trigueiro. **Educação para os direitos humanos na televisão**: um estudo sobre as práticas educacionais do programa tv solidária. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

PONTE, João Pedro da. **Estudos de caso em educação matemática**. Bolema: 2006: v 25, 105-132.

POSSENTI, S. Índices de autoria. **Perspectiva**, Florianópolis: Edufsc, v. 20, n. 1, 2002.

_____. **Enunciação, autoria e estilo**. Revista da FAEEBA, Salvador: 15 - 2001.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5. Out. 2001. Tradução de Roberta M. Souza. Disponível em: <<http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2014.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre: v. 1, n. 36, 2008.

_____; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. **e Compos**, Porto Alegre: v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006a.

_____; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. Comunidades de blogs e espaços conversacionais. **Prisma. com**, Porto Alegre: v. 3, p. 230-272, 2006b.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Sulina, 2009.

RICARDO, Eleonora Jorge; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. **A construção da autoria na aprendizagem online: um desafio da pós-graduação**. Revista Brasileira de Pós-Graduação, v. 3, n. 5, 2011.

RODRIGUES, Claudia. **O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola**. 2008.158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2008.

ROSSETTI, Fernando; SAYAD, Alexandre Le Voci; DE VASCONCELLOS, Patricia Meira. **Mídia e Escola: Perspectivas para políticas públicas**. São Paulo: Unicef, 2005.

SOARES, Donizete. **Educomunicação** : O que é isto. Gens Instituto de Educação e Cultura. São Paulo: Creative Common Orgs, 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: a contribuição que a Rede CEP

pode oferecer às políticas públicas. **Educomunicar: Comunicação, Educação e Participação para uma Educação pública de qualidade.** São Paulo: Instituto C&A e Unicef, p. 8-9, 2008.

_____. Gestão da Comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional. In BACCEGA, M. Ap. **Gestão de Processos Comunicacionais**, São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011a.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo: ano 7, p. 12-24, set./dez. 2000.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo: v. 8, n. 23, 2007.

_____. Caminhos da Educomunicação na América Latina e Estados. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,231,254>. Acesso em 20.02.2013

_____. Educom.Rádio, na trilha de Mario Kaplún. In: MELO, José Marques de, et al. **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún.** Org. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO : Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 179.

_____. Educomunicação um campo de mediações. In: CITELLI, A.; COSTA, M.C.C.(org.). **Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011b.

SCHÖNINGER, Raquel Regina Zmorzenski Valduga. Blogs de escolas: possibilidades de construção de ambiências comunicativas. **Revista Udesc Virtu @ I.** Santa Catarina: 2010.

SENA, E. Novas tecnologias da comunicação: tempos e materialidade da escola pública. **Comunicação & Educação: revista do curso de Gestão da Comunicação**, São Paulo, a. XIV, n. 2, p. 23-29, mai/ago. 2009.

SIERRA, Francisco. Introducción a la teoría de la comunicación educativa . Alcalá de Guadaíra (Sevilla): 2000.

_____. **Paradigmas e modelos teóricos de La comunicacion educativa.** In VALDERRAMA, Carloa. Comunicación-Educación, coordenadas, abordajes y travesías. Universidad Central, DIUC, Bogotá, 2000.

SILVA, F. P. D. **Princípios educacionais: uma análise sobre a série infantil Cocoricó da TV Cultura de São Paulo.** In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). 2009, Rio de Janeiro. Princípios educacionais: uma análise sobre a série infantil

Cocoricó da TV Cultura de São Paulo. Rio de Janeiro.

TAVARES JUNIOR, Renato. **Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.** rádio Escola de Comunicações e Artes. USP, São Paulo, 2007.

TIJIBOY, Ana Vilma et al. Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre: v. 1, n. 2, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VALDERRAMA, Carlos Eduardo. **Comunicação-Educação: coordenar as abordagens e cruzamentos**. Santa Fé de Bogotá: Masculino Century Publishers, 2000.

VOLPI, M.; PALAZZO, L. (org). **Mudando sua escola, mudando sua comunidade, melhorando mundo!** - Sistematização da experiência em Educomunicação. Brasília: UNICEF, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A pré-história da linguagem escrita. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, p. 44-76, 1984.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEDEMEYER, C. A. Characteristics of Open Learning Systems., Nova Orleães, 1973, disponível em: <http://eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/35/3e/69.pdf>. Acesso em 05.02.2014.

WINER, Dave. **What are weblogs?** Disponível em: <http://newhome.weblogs.com/personalWebPublishingCommunities>>. Acesso em: 20.02.2013

XAVIER, Manassés Moraes; **Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educacional.** 2011. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAGO, Gabriela da Silva. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. REVISTA INTERIN, v. 9, n. 1, 2012.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire.** Porto Alegre : EDIPUCRS, 2007.

APÊNDICE

Entrevista 1ª Etapa do Estudo de Caso

Questionário

Nome:

Idade

Sexo: F M

1. Responda sim ou não:

- Você tem computador em casa?
- Você gosta de escrever no computador?
- Você usa a internet na escola?

2. O que você mais gosta de escrever no computador ?

3. O que você mais gosta de escrever quando está na escola?

4. E em casa?

5. O que você sabe sobre blogs?

6. O que você acha que é fazer um blog?

7. Que programa de computador você usa?

8. Geralmente para quê você usa a internet?

9. Você costuma conversar pela internet?

10. Na escola eu escrevo:

- a. Histórias
- b. Cartas
- c. Bilhetes

11. Qual assunto você gosta de ler?

12. Sobre qual assunto você gostaria de escrever num blog? Por quê?

13. Você acha que seria legal escrever num blog? Por quê?